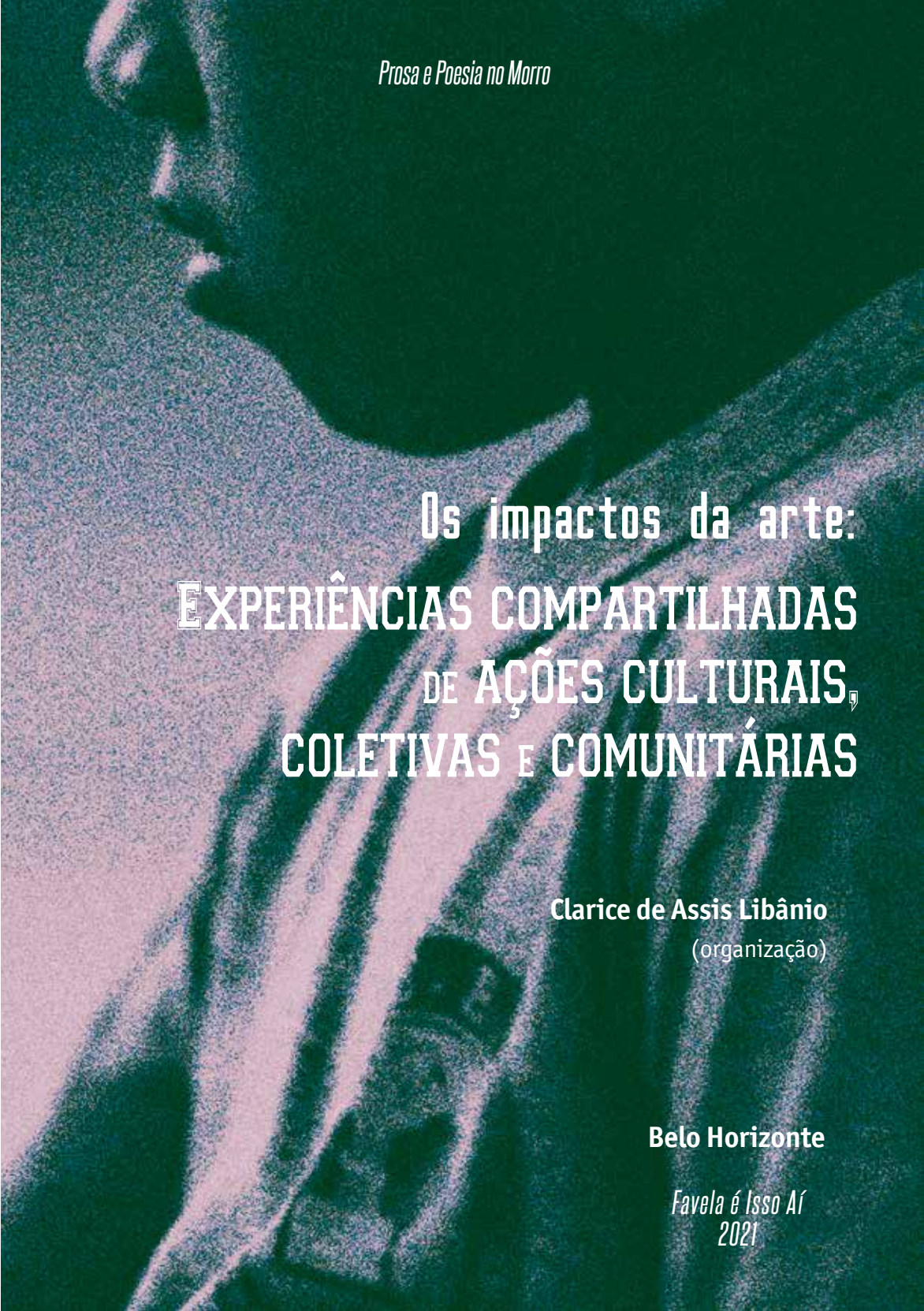




Prosa e Poesia no Morro

Os impactos da arte:
**EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS
DE AÇÕES CULTURAIS,
COLETIVAS E COMUNITÁRIAS**

Clarice de Assis Libânio
(organização)

Belo Horizonte

Favela é Isso Aí
2021

Prosa e Poesia no Morro

Os impactos da arte:
EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS
DE AÇÕES CULTURAIS,
COLETIVAS E COMUNITÁRIAS

Clarice de Assis Libânio
(organização)

Belo Horizonte

Favela é Isso Aí
2021

Copyright © 2021 Favela é Isso Aí

Realização **Favela é Isso Aí**

Coordenação-executiva **César Maurício**

Coordenação editorial **Clarice Libânio**

Concepção e organização do volume **Clarice Libânio**

Registro audiovisual **César Maurício**

Professores do curso – Módulo 1 **Clarice Libânio e Flávia Botelho**

Consultores Orientadores – Módulo 2 **Paulo Moraes; Renato Clepf e Sílvia Maia**

Redação **Clarice Libânio, exceto textos assinados**

Relatos de experiência **Representantes das iniciativas relatadas**

Fotografias **Cedidas pelos responsáveis por cada experiência**

Fotografia da Capa **Mark André Rapôso Greathouse**

Digitação e transcrição do seminário **Benjamin Libânio**

Equipe Plataforma Inspire **Maria Helena Cunha e Patrícia Farias**

Capa, projeto gráfico e diagramação **Adriane Puresa e Habitus**

Gestão financeira, apoio à gestão e prestação de contas **Elza Matriz**

Comunicação **Bibi Rodriguez**

Catologação na Publicação (CIP)

L694

Libânio, Clarice de Assis, (org.), 1970-

Os impactos da arte: experiências compartilhadas de ações culturais, coletivas e comunitárias / Clarice de Assis Libânio (organização). - Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2021.

240 p. : il. p&b. - (Prosa e Poesia no Morro)

Diversos fotógrafos.

ISBN 978-65-994567-0-1

1. Cultura – Aspectos sociais 2. Arte 3. Cidadania 4. Participação social 5. Projetos culturais e sociais I. Título II. Série

CDD: 306.4

Bibliotecária responsável **Cleide A. Fernandes CRB6/2334**

Realização

Apoio

Patrocínio



Projeto executado com recursos do
FUNDO ESTADUAL DE CULTURA,
Protocolo n. 2018.12.0131/FEC



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

E escrevo um relato que mudou nossa pequena família. Sempre fui complexado (...), além de me achar feio. Tentei suicídio por três vezes e uma vez foi cinco dias antes de abrirem aulas de música no meu bairro.

As coisas só melhoraram depois que eu comecei a participar das aulas de música, a professora sempre encorajando e exaltando nosso talento, dizendo que a gente podia, dizendo que a gente conseguia. Fui me aceitando e me libertando dos complexos.

Na minha primeira apresentação a família inteira chorou, pois me viram seguro e talentoso, uma nova pessoa estava a nascer naquela apresentação. Depois dessa foram várias outras apresentações!!! A música foi a salvação e entre meus 17 para 18 anos tivemos que mudar para Belo Horizonte.

O desespero bateu. Como continuar tocando e estudando longe? Fiquei muito triste e a professora logo deu um jeito de continuar me dando aulas sem cobrar nada. Foi ótimo continuar estudando.

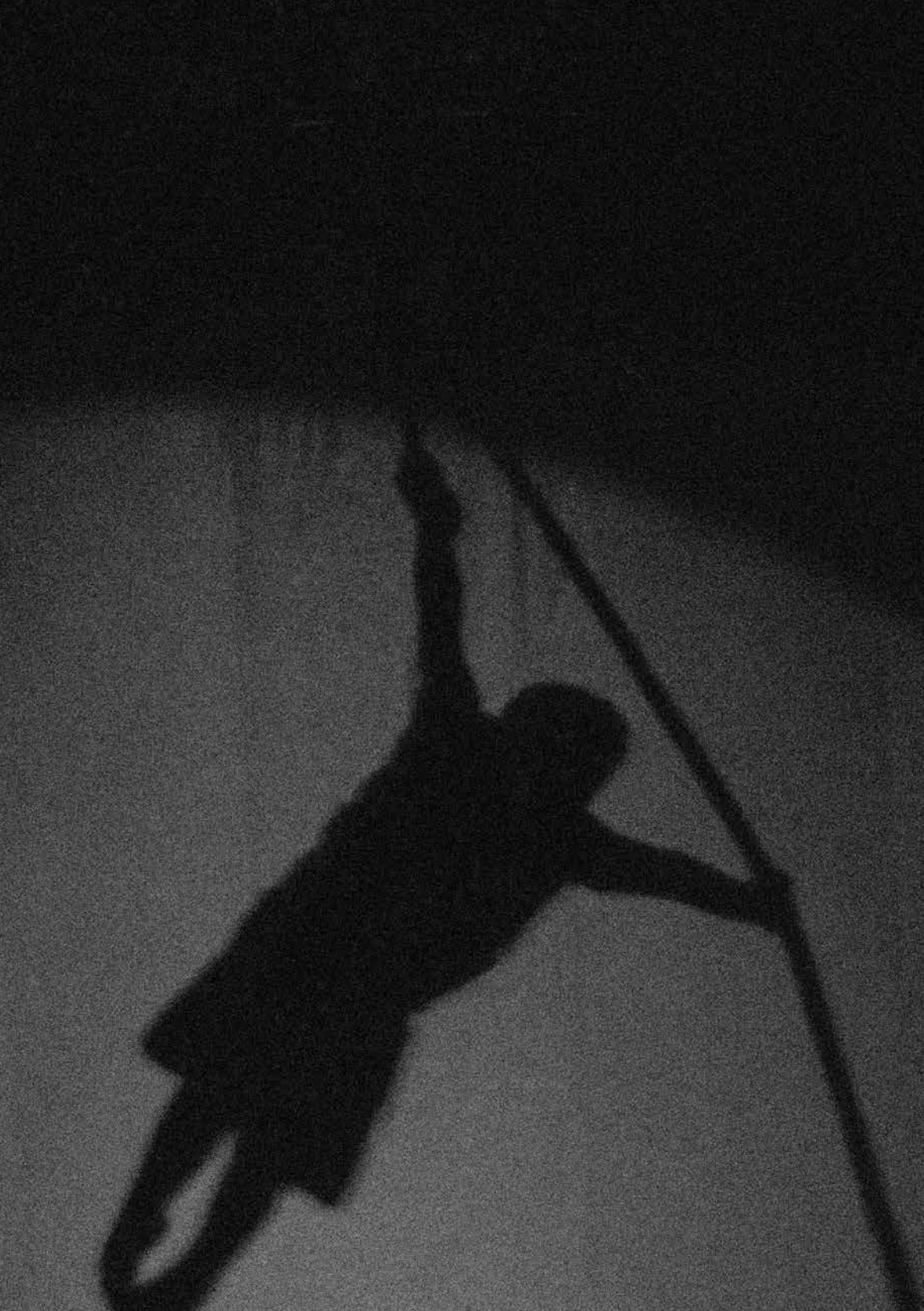
Mas a insegurança bateu quando fui fazer vestibular, eu queria algo na área de música e a professora me direcionou a fazer a licenciatura. Para nossa alegria, eu passei na faculdade de música aqui em Belo Horizonte na UFMG.

Meu sonho era retonar e agradecer a todos os envolvidos de certa forma, mas a pandemia não permite por ora.

Nessa data, dezembro de 2020, eu encerrei meu curso de licenciatura em música!!! Nunca imaginei isso, fui muito bem direcionado!! Primeiro diplomado da família, dentre bisas, avôs, primos tias e tios, irmãos, pai, mãe, eu fui o primeiro e o projeto faz parte disso!!! Só orgulho e alegria!!!!

(Carta enviada por um participante de um dos projetos relatados neste Caderno de Experiências. O texto foi editado excluindo nomes





Apresentação

O volume que o leitor tem em mãos é fruto do curso Capacitação para Avaliação de Impactos de Projetos Socioculturais, executado com recursos do Governo de Minas Gerais, através do Fundo Estadual de Cultura (FEC).

Realizado em formato remoto, em meio digital, em função da pandemia do COVID-19, teve como parceiro a plataforma Inspire Gestão Cultural. O curso foi estruturado em dois módulos, com conteúdos voltados para a avaliação de impactos dos projetos artísticos, culturais e socioculturais realizados em territórios variados de Minas Gerais.

O primeiro módulo, teórico, buscou apresentar ferramentas, instrumentos e metodologias de planejamento, diagnóstico participativo, construção de objetivos e de indicadores para monitoramento e avaliação das ações e seus impactos.

O segundo módulo, prático, consistiu na monitoria e consultoria para elaboração dos instrumentos de avaliação dos projetos selecionados. O resultado deste processo fica como ferramenta, ponto de apoio e fortalecimento da gestão destes projetos.

Ao longo deste percurso foram feitos registros audiovisuais dos encontros e depoimentos dos participantes, consolidados em um vídeo-registro do processo e em um Seminário virtual, um Webinar, ambos acessíveis em libras e disponíveis no canal do Favela é Isso Aí no YouTube.

O presente Caderno de Experiências é produto do curso e traz o relato de 20 dos projetos participantes, com seu histórico de atuação, reflexões, dificuldades enfrentadas e soluções encontradas.

Espera-se que tais relatos sejam inspirações, exemplos, alentos e estímulos para outros grupos, coletivos, agentes sociais e culturais que permanecem na busca pela justiça social e pela transformação através das ações socioculturais em suas comunidades. Fazer a diferença é a missão destas pessoas e é para elas que este Caderno foi feito.

Parabéns pelas escolhas, pela dedicação, pela persistência. Temos convicção, certeza – e provas – de que o caminho vale a pena!

*Favela é Isso Aí
março de 2021*

Sumário

Prefácio

de onde começou, como começou.....	10
------------------------------------	----

PARTE 1 - PROCESSOS COMPARTILHADOS..... 15

Momentos da Formação.....	16
----------------------------------	-----------

Perfil dos alunos 21

Módulo 1.....	22
---------------	----

Módulo 2.....	29
---------------	----

PARTE 2 - RELATOS DE EXPERIÊNCIAS..... 35

1 Bordando e renovando vida nos retalhos.....	37
---	----

2 Casa Assistencial Ana Maria do Rosário	49
--	----

3 Centro de Artes e Esportes Unificados	55
---	----

4 Clic@ Cidade Circo - Art(e)ducação audiovisual.....	67
---	----

5 Formação Política IPAD em Ribeirão das Neves.....	75
---	----

6 Gente em Primeiro Lugar	83
---------------------------------	----

7 A Juventude Okupa a Cidade (Okupa).....	93
---	----

8 Bloco Mamamiga Folia	99
------------------------------	----

9 A minha família conta	107
-------------------------------	-----

10 MudaMundo	115
--------------------	-----

11 Orquestra Parque Escola Sagrada Geração	125
12 Palhaceando com a banda	133
13 Pensar novas epistemologias para o ensino do Teatro a partir da lei 10639/2003	139
14 Pequenos Curiosos	147
15 Pesquisa de campo para formação de rede com atores culturais no município	155
16 Poesia sim violência não.	161
17 Programa Fica Vivo! Ressaca.	167
18 Re-existência quilombola: empoderamento e formação em rede	175
19 Sagarana Café-teatro	185
20 Os Tesoureiros em Busca das Capitais de Minas Gerais	193

PARTE 3 - REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS

Muitas vezes

o olhar dos professores e orientadores	202
--	-----

Muitas vezes

o olhar dos alunos	212
--------------------------	-----

Pós-fácio

Os impactos da arte, de brilhos nos olhos a novos rumos de vida	227
Para saber mais	232

Prefácio

de onde começou, como começou

Em julho de 2015 Favela é Isso Aí realizou o seminário Arte, Cultura e Transformação Social, através de projeto financiado com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Este seminário reuniu artistas, gestores públicos e privados, estudantes, membros de projetos socioculturais e outros interessados no tema da importância da arte e da cultura para a transformação social.

Composto por oito mesas de trabalho e um workshop, distribuídos em três dias de evento, foram apresentados mais de 25 casos de projetos que atuam nesse campo, de várias partes do país, cada qual mostrando as metodologias que adotam e os desafios que tem enfrentado para mensurar os impactos de suas ações no território e os benefícios efetivamente gerados para seu público-alvo.

A roda de conversa de encerramento do encontro, com todos os participantes, trouxe reflexões sobre as práticas que haviam sido apresentadas e propostas para continuidade do percurso coletivo iniciado com o Seminário.

Foi apontado que a maior parte das experiências relatadas usava algum tipo de instrumento para avaliação de seus resultados e de seus processos de implantação. Por outro lado, poucas tinham metodologias e práticas para medir os impactos das ações implementadas, a médio e longo prazo.

Um dos consensos do encontro foi a certeza de que os projetos têm contribuído para transformar as realidades em seus territórios e para o crescimento dos sujeitos que deles participam, mas praticamente nenhum deles tinha formas de medir essas mudanças no tempo e no espaço.

Assim, os presentes apontaram que era preciso ter metodologias e técnicas formalizadas, sistemáticas e claramente mensuráveis para avaliar as ações socioculturais, necessidade ainda mais premente quando se considera que a maior parte dos projetos é financiada com recursos públicos, o que exige de quem os implementa o compromisso com o alcance dos objetivos propostos, bem como com a eficácia de sua atuação.

Foi discutido ainda que, em geral, os próprios financiadores das ações, sejam agentes públicos ou privados, se interessam basicamente pelos relatórios financeiros e de prestação de contas dos projetos: saber quanto se investiu, em que se gastou e quantas pessoas foram atendidas. Poucos são os incentivadores de projetos que vão até os locais de realização das ações, participam delas ou se envolvem de alguma maneira para entender os reais alcances e resultados obtidos. Poucos também são os que solicitam aos projetos patrocinados o acompanhamento de indicadores de impacto, de real transformação do cenário encontrado ou de atendimento de seus objetivos superiores.

A partir do quadro encontrado e seus variados desafios foram elaboradas diversas propostas, sugestões lançadas pelos participantes do Seminário, entre as quais:

- * Realizar novos encontros e seminários, periódicos e itinerantes, para troca experiências e construção coletiva de práticas, processos e metodologias de ação e avaliação;
- * Realizar encontros nas comunidades onde estão instalados os projetos participantes, com a mesma temática, de forma a ampliar as discussões, envolver as comunidades e potencializar a reflexão e a troca de experiências sobre o tema. Incorporar uma mesa de relatos de experiência de beneficiários e não somente dos realizadores dos projetos;
- * Criar espaços nos seminários para a apresentação dos produtos culturais gerados dentro dos projetos;
- * Construir coletivamente metodologias de diagnóstico e avaliação, com orientação conceitual, elaboração de carta de princípios e modelos que servissem para outras experiências do tipo;
- * Criar uma ferramenta de trocas *online*, do tipo plataforma colaborativa, como forma de ampliar a abrangência do seminário, com mapeamento das experiências semelhantes existentes em todo o país, compartilhamento de informações e metodologias de diagnóstico e avaliação de projetos socioculturais.

A maior demanda foi por ferramentas relativas aos indicadores culturais. Como medir os impactos dos projetos culturais e socioculturais? Como avaliar os impactos e as transformações possíveis geradas através desses projetos? A discussão naquela época foi que os projetos têm pouco domínio das ferramentas para medir esses impactos e que, portanto, seria importante trabalhar

curso e oficinas para que eles se apropriassem destes instrumentos e metodologias.

Foi nesta perspectiva que desde 2016 o Favela é Isso Aí vem ofertando vários cursos de elaboração de projetos, diagnósticos participativos e monitoramento e avaliação de impactos. Em novembro de 2016 foi realizada uma pequena versão do seminário, uma roda de conversa dentro da Mostra Favela é Isso Aí no SESC Palladium, que buscou retomar o tema.

Em 2017 foi realizado pela primeira vez um curso com o perfil demandado pelos participantes do Seminário, através do Edital Descentra. Foram cinco turmas em Centros Culturais ligados à Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte (FMC/PBH): Alto Vera Cruz (região Leste); Vila Santa Rita (Barreiro); Padre Eustáquio (Nordeste) e Venda Nova. Em tais cursos participaram cerca de 80 pessoas.

Em 2018 foi aprovado o curso que deu origem a este Caderno, através do Fundo Estadual de Cultura (FEC) da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT), com o objetivo de levar esta experiência para o interior do Estado. Inicialmente a capacitação foi proposta em dois módulos básicos.

O primeiro consistia na oferta de um curso com 16 horas / aula (com oferta de apostila / material didático e certificados) para repassar aos participantes as principais técnicas e métodos utilizados para avaliar projetos e programas socioculturais; a construção de indicadores; a elaboração de questionários; a aplicação de pesquisas de avaliação e os métodos participativos, incluindo os beneficiários nos processos de avaliação.

Foram propostas cinco turmas desse curso, cada qual para até 30 participantes, o que totalizaria 150 atendidos pelo curso. A proposta foi fazer o curso de maneira descentralizada, em cinco cidades-polo do interior de Minas.

O segundo, posterior, seria feito em forma de atendimento individualizado a 25 grupos, cinco projetos em cada região, tendo como premissa sua participação prévia no Módulo 1 do curso. O foco seriam projetos que apresentaram maior desenvolvimento de sua atuação e/ou maior necessidade de introduzir ferramentas de avaliação e monitoramento de indicadores em seu cotidiano, com consultoria para auxiliar a formatar seus questionários de avaliação e processos internos.

Infelizmente os planos precisaram ser alterados com a pandemia do COVID-19 e o curso se transformou num curso virtual, tanto em seu Módulo 1 quanto no Módulo 2, com ajustes de horas e metodologias. Apesar da perda causada pela falta de uma troca mais próxima com os projetos, visita a suas sedes, etc., a versão virtual permitiu atingir alunos de vários territórios, democratizando assim o acesso ao conteúdo ofertado.

Nas páginas que se seguem o leitor poderá ter um vislumbre do que foi o projeto, incluindo um descritivo dos conteúdos ofertados, o perfil dos participantes e os relatos das experiências dos alunos que já atuavam na área dos projetos culturais ou socioculturais e que se inscreveram para receber uma monitoria individualizada por parte dos professores do Curso.

A Parte I deste volume é composta por um breve descritivo dos processos realizados para chegar até aqui, os módulos do curso, o perfil dos participantes e das atividades propostas.

Na Parte II estão os relatos de alguns dos alunos que participaram do curso, projetos que trazem experiências variadas, muito ricas e diferenciadas. O leitor poderá conhecer múltiplas formas de lidar com a arte, com a cultura, com os movimentos sociais e com as ações coletivas em prol da transformação social, da construção de outro tipo de sociedade, de história e de comunidade.

Por fim, a Parte III traz reflexões sobre estas práticas, através das múltiplas vozes que participaram do processo, alunos, professores e monitores do curso.

Deseja-se que os relatos e reflexões aqui compartilhados sejam espelhos, permitam que os leitores se identifiquem, e que os próprios projetos aqui relatados se reconheçam uns aos outros, e que possam, quem sabe no futuro, fazer parcerias e construir juntos novas perspectivas e novas possibilidades de trabalho.

Para além deste Caderno de experiências, as aulas do Módulo teórico estão disponíveis ao público através do canal do Favela é Isso Aí no YouTube, onde também podem ser assistidos os dois dias do Webinário e o vídeo-registro de todo o processo.

Ao final, espera-se atingir o objetivo deste projeto: que o curso, o caderno, os vídeos, enfim, que o compartilhamento de todos os produtos gerados possa disseminar práticas, ferramentas e metodologias de avaliação de impacto dos projetos e contribuir para o fortalecimento de outros grupos e interessados no tema.



PROCESSOS COMPARTILHADOS

PARTE 1

Momentos da Formação

O processo que culminou nesta publicação teve três momentos-chave, que serão aqui brevemente relatados. A formação ofertada incluiu um curso com dois módulos e um seminário virtual para compartilhamento das experiências dos alunos.

Nesta seção serão apresentados os principais conteúdos do curso, seus módulos e unidades de ensino. Em seguida, o capítulo trará o perfil dos participantes do curso, suas práticas e demandas na área da avaliação de impactos dos projetos em que atuam.

Como já relatado, o curso foi dividido em dois módulos: um teórico e um prático, em forma de consultoria. Para a parte teórica foram disponibilizadas 200 vagas, através da parceria com a plataforma da Inspire Gestão Cultural. Foram aceitos 209 alunos para a realização do primeiro módulo do curso.

O perfil esperado era de artistas, produtores e gestores culturais, membros de projetos socioculturais, gestores públicos de cultura e outros interessados no tema. Foi dada prioridade a pessoas residentes e com atuação no estado de Minas Gerais, mas, caso houvesse vagas livres, o curso poderia acolher interessados de outras regiões.

Para introduzir a temática do curso, bem como seu contexto, foi realizada uma aula inaugural com o tema *Arte, cultura e transformação social*. Foram discutidos os principais papéis da cultura nas cidades contemporâneas e como a cultura se constitui em um pilar do desenvolvimento sustentável. Ao final, foi reafirmada a necessidade de se avaliar os impactos das ações culturais, apontando então para o curso que se seguiria e seus propósitos.

O Módulo 1 do Curso, teórico, foi ofertado em meio virtual através da Plataforma Inspire e das aulas via Zoom e disponibilizadas pelo YouTube, com carga horária de 16 horas/aula, divididas em quatro unidades. Sua ementa propôs tratar dos fundamentos da avaliação; as tipologias, metodologias e técnicas de pesquisa utilizadas para o monitoramento e a avaliação de projetos culturais e sociais; a construção de indicadores; a elaboração de questionários; a aplica-

ção de pesquisas de avaliação e os métodos participativos, incluindo os beneficiários nos processos de avaliação.

Na Unidade 1 foi discutido o Ciclo de planejamento e suas etapas, desde o diagnóstico até a avaliação dos impactos. Discutiu-se a importância e os conceitos de monitoramento e avaliação de projetos. Foram apresentados os principais tipos de avaliação e sua utilização nos diversos contextos.

Na Unidade 2 a temática foi relacionada aos indicadores: seus conceitos, como construí-los e como elaborar meios de coleta e de verificação. Foram ainda discutidas questões e dificuldades para a elaboração, monitoramento e avaliação dos indicadores culturais, um dos principais desafios enfrentados pela maior parte dos projetos.

Dando sequência, na Unidade 3 foram apresentados os fundamentos e o método do Marco Lógico, bem como o ZOPP – planejamento de projetos orientado por objetivos – com suas ferramentas árvore de problemas e objetivos, matriz de marco lógico, matriz de decisão e mapeamento de stakeholders.

Por fim, na última Unidade propôs-se a revisão e a aplicação dos conceitos na prática, com exemplos, experiências e um olhar para os projetos dos alunos.

Os alunos com mais de 65% de aproveitamento no Módulo 1, e que estavam atuando na prática, realizando algum projeto cultural ou sociocultural, tiveram a oportunidade de se inscrever para participar do Módulo 2 do curso. Este Módulo, com carga horária total de 24 horas, oferecia a possibilidade de orientação individualizada a até 36 projetos, com monitoria por três consultores do curso.

No total, 21 grupos concluíram o Módulo 2, totalizando 59 participantes. Dos projetos acompanhados, 20 entregaram relatos de experiência para este caderno e depoimentos para o vídeo-registro do processo.

Este segundo Módulo, com caráter prático, propôs o aprendizado em processo para que os alunos elaborassem suas árvores de problemas e objetivos e sua

Matriz de Marco Lógico, com a construção de indicadores do projeto, incluindo os de impacto, proposição de meios de verificação, elaboração de questionários ou outros instrumentos de mensuração dos impactos e aplicação de pesquisas de avaliação.

A ideia foi oferecer um olhar particular para a situação de cada grupo selecionado, com realização de reuniões com a equipe do projeto, exercícios coletivos, aplicação de questionários de avaliação, registro audiovisual e gravação das falas.

Através de encontros semanais *online* com os grupos os orientadores acompanharam a elaboração dos instrumentos de planejamento e avaliação de impactos de cada projeto, fizeram sugestões de ajustes e de metodologias para cada grupo, dentro de seus próprios objetivos, perfis e contextos sociais. Ao final, cada grupo saiu com uma “caixa de ferramentas” na bagagem, suas árvores, sua matriz de marco lógico e seus meios de verificação dos impactos das ações propostas. Este produto, individualizado, não está aqui retratado, pois traz também informações específicas da gestão de cada projeto.

Além disso, durante a consultoria os alunos tiveram apoio para construção de seus relatos de experiências, que foram apresentados durante o Webinar e estão apresentados na Parte II do livro.

A programação do Webinar foi dividida em dois dias, com duas mesas de discussão, montadas de acordo com o perfil e tipologias dos projetos dos alunos, a saber:

Mesa 1

Data: **17/03/21 – 19 às 21h**

Apresentação: **Clarice Libânio**

Mediação: **Flávia Botelho**

Projetos participantes

Proponente	Nome do projeto
Ana Lana Gastelois	Sagarana Café-teatro
Patrícia Machado Barbosa	Bordando e Renovando Vidas nos Retalhos e Pintando e Bordando nos Retalhos
Rodrigo Bolivar dos Santos	Orquestra Parque Escola Sagrada Geração
Zildo André Vieira Flores	Os Tesoureiros: em busca dos Tesouros de Minas Gerais
Marcelo Pereira Rocha	Poesia sim violência não
Alga Marina Silva	A juventude Okupa a Cidade – 10a edição.
Nayara Fernandes da Silva Leite	A Minha Família Conta
Constantino Isidoro Filho	Festival das Famílias de Circo de Goiânia
André Noronha Ferreira	Centro de Artes e Esportes Unificados - Praça CEU
Letícia Firmato Esteves Menta	Observatório Criativo GV
Marcus Henrique Alberto	Palhaceando com a banda

Mesa 2

Data: **18/03/21 – 19 às 21h**

Apresentação: **Sílvia Maia, Paulo Morais e Renato Clepf**

Mediação: **Clarice Libânio**

Projetos participantes:

Proponente	Nome do projeto
Andrea Ventura	Programa Gente em Primeiro Lugar
Alessandro da Silva	Programa Fica Vivo! Ressaca
Cristiane Ostermann	MudaMundo
Flaviana Tavares Vieira Teixeira	Pequenos Curiosos
Heloisa Marina	Pensar novas epistemologias para se trabalhar com teatro a partir da Lei 10.639/2003
Miriam Aprígio Pereira	Re-existência quilombola: empoderamento e formação em Rede
Ismália Fontoura Otoni	Casa Assistencial Ana Maria do Rosário
Mônica Bessa Reis	Bloco Mamamiga Folia
Marcela Menezes Costa	Coletivo Balaio
Atylana Fernandes	Clic@ Cidade Circo - Arte Educação Audiovisual

Além da apresentação de cada projeto, houve falas dos professores e orientadores do curso, contando sobre os processos vividos e as metodologias empregadas, além de reflexões sobre as práticas apresentadas.

Perfil dos alunos



Módulo 1

Como antes relatado, foram acolhidos 209 alunos para o primeiro módulo do curso. Foi possível perceber, apesar dos muitos pontos em comum, um perfil diversificado e plural, tanto em termos de formação acadêmica quando de tipo de atuação e interesses em relação a esta formação.

A partir do processamento dos dados constantes da ficha de inscrição dos interessados viu-se que predominavam alunos na faixa etária de 25 a 44 anos, que correspondiam a 61% dos matriculados. Em seguida vinham os alunos de 45 a 59 anos, cerca de 22% do total. A maioria dos matriculados, 83,7%, informou participar de alguma instituição, grupo ou projeto sociocultural. Os restantes eram estudantes ou interessados em se aperfeiçoar ou atualizar sobre o tema, porém sem atuação efetiva no momento do curso.

À exceção de dois alunos, um natural da Costa Rica e outro do Chile, todos os demais matriculados eram brasileiros. Como o curso foi focado prioritariamente nos gestores culturais de Minas Gerais, 85% deles informaram residir no Estado. Entre os demais havia moradores do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Santa Catarina, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Sul e Goiás, além de um residindo em Portugal.

Ao se observar a cidade de residência dos alunos de Minas Gerais foi possível avaliar que a Região Central – e, mais especificamente, a Região Metropolitana de Belo Horizonte – teve maior concentração dos matriculados. As cidades com o maior número de alunos participantes no Módulo 1 foram Belo Horizonte (37,8%), Contagem (4,8%), Poços de Caldas (4,3%), Ribeirão das Neves (3,3%), Juiz de Fora (2,9%), Varginha e Uberlândia (2,4% cada uma). Além destas, houve alunos de outras 58 cidades do Estado.

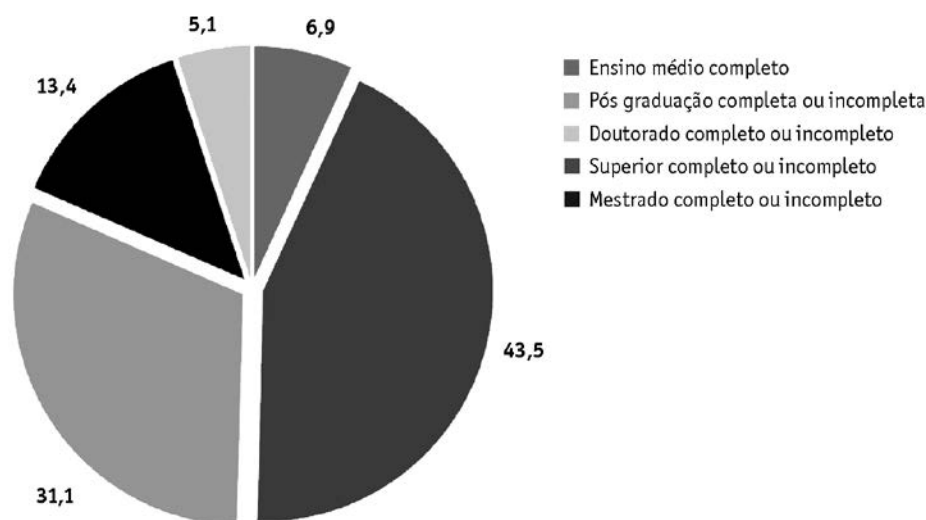
Por outro lado, é possível ver nos mapas a seguir que houve dispersão espacial do local de residência dos alunos do curso, no Brasil e em Minas Gerais, indicando que foi atingido o objetivo de democratização do acesso, favorecido pela utilização dos meios digitais.

Fonte Elaborado a partir da ficha de matrículas



Figura 1. dispersão espacial dos matriculados no Módulo 1 do Curso, no Brasil e Minas Gerais

Em relação à escolaridade dos participantes, predominam os pós-graduados (lato ou stricto sensu), correspondentes a 49,6% do total, seguidos daqueles com curso superior completo ou incompleto (43,5%). A Figura 2 traz a distribuição dos alunos segundo grau de escolarização.



Fonte: Elaborado a partir da ficha de matrículas

Figura 2 . Grau de escolarização dos matriculados no Módulo 1 do Curso

As principais formações relatadas foram em ciências sociais, pedagogia, teatro, administração, direito, serviço social, história, comunicação social, arquitetura e urbanismo, gestão pública, produção e gestão cultural, letras, psicologia, música e turismo. Além destes, que tiveram maior frequência, foram citados outros 40 cursos diferentes, confirmando a diversidade e pluralidade do perfil dos gestores dos projetos culturais ou socioculturais.

Considerando o projeto em que atuam, os gestores afirmaram que em geral não há instrumentos para avaliação e monitoramento dos impactos (28% do total), ou, quando há, são usados de forma esporádica e não sistemática, sem organização em forma de um sistema de avaliação (56,1%). Um dos participantes avaliou que “ainda operamos de maneira mais intuitiva e espontânea”. Apenas em 11,4% dos projetos as respostas obtidas indicam que existem instrumentos para avaliação e monitoramento dos impactos dos projetos e que os mesmos são adotados rotineiramente.

Foi questionado quais eram as rotinas, instrumentos e práticas adotadas para o acompanhamento e avaliação das ações do projeto. As respostas indicam que os projetos focam na prestação de contas financeira, nos clippings de imprensa e medição de público e do alcance de redes sociais para mensuração de seus resultados.

Um dos matriculados apontou:

Acredito que a avaliação meramente quantitativa não expõe a realidade dos projetos, deixando de lado a qualidade dos serviços prestados à comunidade, bem como o alinhamento deste com o objetivo que se pretende alcançar nos projetos. Não há como vislumbrar se os projetos socioculturais estão atingindo a comunidade da melhor forma de atendimento às suas necessidades, o que impede a adoção de medidas para moldar os projetos de acordo com o perfil dos atendidos.

Entre os que citaram algum meio de verificação é possível perceber uma grande variedade de práticas, ferramentas e metodologias utilizadas, sendo as mais comuns: listas de presença; aplicação de questionários de avaliação junto ao público-alvo; observação dos comportamentos dos participantes; reuniões com a equipe, parceiros e lideranças dos territórios; autoavaliação; utilização de softwares de gerenciamento de projetos; relatos dos participantes, coleta de depoimentos e sugestões das pessoas impactadas pelo projeto; registros fotográficos e videográficos; relatórios de educadores e coordenadores; rodas de conversa; coleta de depoimentos de familiares e parceiros; caixa de dúvidas e sugestões; e entrevistas em profundidade com os participantes.

Ao serem questionados sobre as lacunas, demandas e necessidades para aperfeiçoamento das práticas de monitoramento e avaliação, os alunos citaram que falta uma visão mais sistêmica do projeto, desde a sua concepção – diagnóstico e marco zero – passando pela elaboração dos objetivos e identificação das ações necessárias para atingi-los, até a criação de indicadores e meios de verificação da efetividade das ações.

Outras lacunas e demandas citadas pelos alunos foram (grifos nossos):

- * Ferramentas para uma avaliação **qualitativa** que seja válida;
- * Necessidade de **capacitação** dos atores envolvidos para monitoramento e avaliação;
- * Processos de **documentação, registro de evidências** e geração de materiais de suporte para gerir melhor o projeto e envolvidos;
- * Implantação de processos avaliativos, indicativos, **mensurar deficiências** e oportunidades;

- * Necessidade de um **olhar diferenciado para a realidade** dos povos tradicionais como um todo, uma análise destes coletivos, partindo de suas visões de mundo;
- * **Falta de Marco Zero**, planejamento inicial para elaborar uma avaliação de impacto que seja fidedigna;
- * Levantamento de dados mais abrangentes com informações que podem ressaltar os impactos em esferas **mais amplas**;
- * Realização de **estudos comparativos** para criação de índices e relatórios compilados de boas práticas que possam ser replicadas;
- * **Participação do Poder Público** no levantamento de dados e criação desses diagnósticos;
- * Dificuldade de **incluir as pessoas das comunidades** e as crianças nos processos;
- * Dificuldade de **mobilização** e engajamento;
- * Falta de **diálogo** e troca entre os projetos (sempre batalha de egos e nunca diálogo);
- * Falta **periodicidade** das avaliações, constância;
- * Uma avaliação **participativa** para dar mais transparência e credibilidade ao projeto;
- * Falta de um ponto de partida e ponto de chegada claros;
- * “Monitoramento e avaliação é uma **ciência nova** para os produtores culturais precisamos aprender a lidar com esses dados concretos para um fenômeno basicamente intangível”;
- * Objetivos **muito amplos e abstratos** de maneira que fica difícil avaliar;
- * “Os projetos são **extensos** e às vezes atuamos com dois ou três grandes projetos ao mesmo tempo com o mesmo grupo de jovens. Assim, com o passar do tempo, a conexão entre as atividades fica confusa e fica difícil avaliar o projeto por inteiro ao final”;
- * “Faltam métodos para as reuniões de avaliação, por exemplo. Muitas vezes a conversa se limita a elogios e desabaços, o que é importante, mas falta uma avaliação um pouco **mais objetiva**”;
- * “Preliminarmente não há trocas, e posteriormente não há mais nenhum encontro. Logo, essa **‘ponte’ não se constrói/efetiva**”;

- * “Elaboração de um diagnóstico básico que constate as demandas urgentes e prioritárias da comunidade no cenário da **crise sanitária** e pós Covid-19”;
- * “Desenvolvimento de **ferramentas de comunicação** que ampliem a participação da população e colaborem também na divulgação das ações desejadas, além de ferramentas alternativas que permitam a participação do público que não dispõe de acesso aos meios de comunicação”;
- * “Aplicar a metodologia de avaliação, registrar e replicar como boa prática, fundamentar e captar recursos que poderiam gerar impacto, **melhorar as entregas e ganhar escala**”;
- * Conseguir junto com apoiadores e patrocinadores manter uma **equipe maior**, antes e posterior à execução do projeto;
- * Contratação de **equipe capacitada** para atuação em cada uma das áreas;
- * “Falta **trabalho de rede** com lideranças, instituições, equipamentos públicos e secretarias, para que a gente possa ter acesso e uma troca significativa com os desafios encontrados em outros segmentos das políticas públicas para medir essas transformações individuais e coletivas nos atores envolvidos”;
- * “A sistemática de avaliação ainda é superficial. Precisamos mais **aprofundamento nos indicadores** e principalmente aprofundar nas questões de impacto”;
- * Falta **retorno aos locais de realização** para saber o que aconteceu depois que a ação foi realizada;
- * Estruturar o modelo de pesquisa para que seja mais objetiva e rápida;
- * Capacitação de pessoal executor dos projetos, ou **terceirização** da avaliação. “Acho mesmo que a avaliação e o monitoramento serem feitos por um grupo paralelo (mas que trabalha junto aos atuantes diretos no projeto) tem resultados melhores”;
- * Quando há **troca de mandados** muita coisa se perde ou não se cumpre;
- * Dificuldade de acompanhamento mais próximo quando se tem um **grande número de oficinas e cidades distantes** umas das outras;
- * Às vezes a **escassez de recursos** impede maior investimento na avaliação;
- * “O desafio é com uma **equipe pequena** conseguir acompanhar um grande número de projetos patrocinados pelo programa. Além de acompanhar, auxiliar os proponentes a aplicarem ferramentas de avaliação de

impacto, motivar e tratar esses dados como prioridade para os planos futuros do programa”;

- * Falta valorização da avaliação por parte das **instituições de fomento** aos projetos;
- * Dificuldades com a **tabulação e análise de dados**, principalmente por falta de recursos e pessoas que possam fazer isso;
- * Mais ações do poder público voltado para implantação em pequenos projetos culturais desenvolvidos dentro das comunidades, e **menos burocracia** nas avaliações dos projetos apresentados.

Uma das falas resume as inúmeras carências enfrentadas pelos projetos:

Nos falta técnica para fomentar bons formulários que sejam efetivos para nos trazer informações substanciais. Nos falta pessoal capacitado para colher e tratar as informações. Nos falta um efetivo processo comunicativo com a comunidade (marketing, comunicação, informação). Falta um local físico para mantermos o endereço e a sede do projeto.

Como se vê, há várias questões de cunho operacional, financeiro, técnico e político que dificultam a realização de efetivos processos de monitoramento e avaliação. Entretanto, além da questão metodológica viu-se que há também vários problemas ligados às questões internas das equipes dos projetos. Um dos alunos avalia, inclusive, que há muita resistência para a implementação de ferramentas para avaliação dos projetos, “uma organização real, que vá além dos nossos ‘achismos’ sobre nossas criações e ações artísticas”.

Para finalizar, a fala de um dos alunos aponta outra situação vivida nos projetos: “falta confiança da coordenação em aceitar que é preciso compartilhar ideais, aprimorar o que foi iniciado, principalmente para que haja progresso. A prática hoje tem sido ‘enxugar gelo’. Muitas as lacunas, e muito a ser modificado, melhorado e acrescentado”.

Outro completa:

A maior lacuna é não haver uma clareza sobre o real benefício dos indicadores. A equipe faz mecanicamente os levantamentos, tendo sempre falhas e esquecimentos a respeito dos indicadores. Falta um treinamento interno que construa uma unidade e entendimento das vantagens de se ter o monitoramento. Na realidade falta a construção coletiva dos indicadores e definição participativa das formas de se monitorá-los.



Módulo 2

O Módulo 2 atendeu a alunos de várias regiões distintas. Além de Belo Horizonte, que teve sete projetos participantes nesta etapa, outras 11 cidades foram contempladas, algumas delas com mais de um grupo. Em Minas foram atendidos projetos de Contagem, Diamantina, Governador Valadares, Ipatinga e vale do Aço, Juiz de Fora, Mariana, Ouro Preto, Ribeirão das Neves e Sabará. Fora do estado foram contempladas duas iniciativas, sendo uma realizada em Curitiba (e várias outras cidades do Paraná) e outra em Goiânia – GO.

Juntos estes projetos contam com 244 profissionais envolvidos e atendem a mais de 30 mil pessoas em seus locais de atuação, além dos cerca de 110 mil atendidos pelo *MudaMundo*, relatado neste Caderno. Ao se avaliar o tempo de existência dos projetos, viu-se que predominam projetos jovens, já que 52% deles foram criados há menos de cinco anos (inclusive a maioria há menos de dois anos); 24% atuam entre 6 e 10 anos; e os restantes 24% estão em atividade há mais de 11 anos.

Ao se avaliar o perfil do público atendido, vê-se também que há grande diversidade. A maior parte tem seu foco em crianças ou jovens moradores de periferias e em situação de vulnerabilidade e risco social, majoritariamente negros.

Alguns deles trabalham com alunos e professores, prioritariamente de escolas públicas; vários têm seu foco em agentes culturais, artistas e produtores culturais; alguns atuam junto a estudantes e pesquisadores; outros se dirigem a interessados na área de patrimônio cultural e em conteúdos relacionados a este tema, representantes de comunidades e grupos detentores de saberes e memórias da cultura popular regional mineira. Por fim, há os que atendem a idosos institucionalizados, povos tradicionais quilombolas e mulheres já curadas ou em tratamento do câncer de mama.

Todos os projetos buscam transformar a realidade de seus públicos e territórios de atuação, intervindo em vários tipos de problemáticas como se vê a seguir:

- * Baixa autoestima e falta de perspectivas (sonhos) de crianças em situação de vulnerabilidade social;
- * Baixa autoestima das mulheres que passam ou passaram pelo câncer de mama e desinformação da população, que gera medo da doença e grande quantidade de diagnósticos tardios;
- * Ausência de acesso à informação, necessidade de formação política e aumento da articulação entre as comunidades visando assegurar a defesa de seus direitos;
- * Falta de difusão e popularização da ciência no Vale do Jequitinhonha;
- * Altos índices de entrada de adolescentes e jovens na marginalidade;
- * Falta de políticas públicas de cultura, esporte, lazer, emprego e renda, serviços socioassistenciais e prevenção à violência;
- * Desvalorização, discriminação e criminalização das juventudes periféricas de BH e Região Metropolitana e suas manifestações culturais. Violações de direitos que se relacionam com o fazer cultural;
- * Desvalorização dos artistas de circo tradicional;
- * Falta de oportunidades para os artistas locais;
- * Desvalorização das tradições e manifestações culturais locais e regionais;
- * Falta de envolvimento de grande parcela da população com as expressões culturais e artísticas de sua própria região;

- * Centralização da formação acadêmica teatral em epistemologias apenas brancas e europeias;
- * Dificuldades de sustentabilidade do espaço;
- * Falta de informação e conhecimento da população mineira sobre o patrimônio cultural material e imaterial de Minas Gerais, com consequente desvalorização, depredação e degradação de lugares e expressões culturais;
- * Resolução violenta e ou letal (homicídio doloso) de conflitos envolvendo adolescentes e jovens, motivados sobretudo por intrigas, provocações, desavenças e dívidas;
- * Falta de acesso à linguagem musical e à educação ambiental;
- * Cultura da violência;
- * Depressão, isolamento social, falta de esperança e saúde mental em tempos de pandemia;
- * Falta de acesso/vivência à cidadania e de perspectiva de futuro;
- * Invisibilização das narrativas negras da cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana;
- * Distanciamento de atuação mais integrada com as pessoas dos territórios atendidos.

Através de sua atuação, os representantes dos projetos contemplados no Módulo 2 apontaram que buscam como objetivo de impacto:

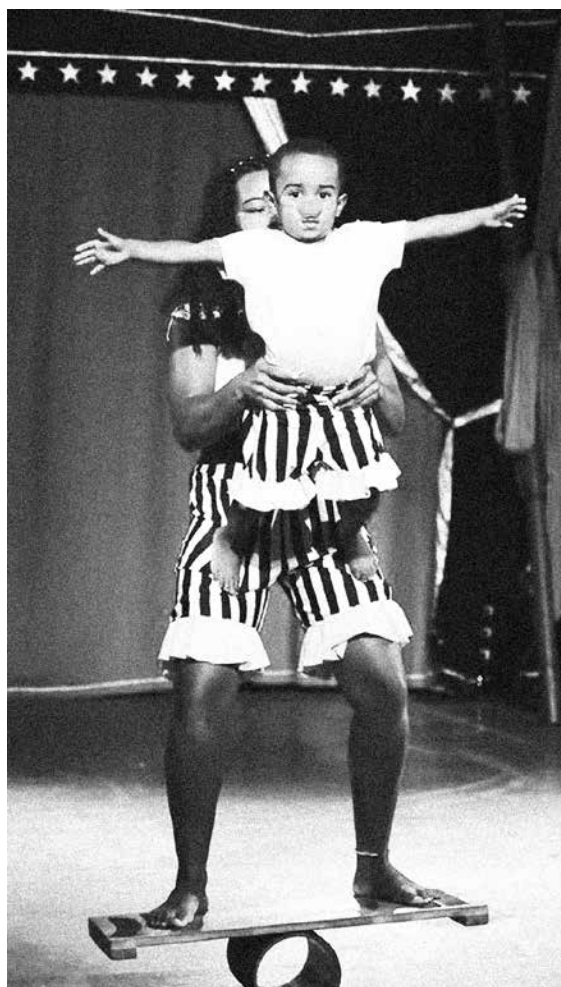
- * Ampliar a valorização do professor e fomentar a sua capacidade de colaborar para o empoderamento/protagonismo dos alunos;
- * Conscientizar sobre a importância do autocuidado e do diagnóstico precoce do câncer de mama e, ao mesmo tempo, acolher mais e mais mulheres, que têm ou tiveram câncer de mama, contribuindo para o resgate de sua autoestima e seu empoderamento;
- * Melhorar a saúde física e desenvolver o pensamento crítico;
- * Fortalecer a Rede Quilombola e a aproximação das comunidades à Rede, ampliar os conhecimentos acerca dos direitos garantidos em lei, estimular a formação de organizações autônomas nos territórios na busca pela sustentabilidade, exigir maior engajamento dos órgãos públicos pela manutenção e cumprimento de nossos direitos;

- * Aproximar os pequenos curiosos da ciência e, a partir daí, contribuir para o seu desenvolvimento e para o desenvolvimento do País;
- * Formar públicos;
- * Transformar o meio social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, possibilitando o acesso a direitos constitucionais;
- * Promover a cidadania no território, que é de alta vulnerabilidade social;
- * Reafirmar as culturas juvenis e periféricas e fortalecer construções em rede de maneira que os diversos coletivos/ grupos juvenis envolvidos consigam criar, manter, ampliar e aprimorar seus fazeres culturais e políticos em suas comunidades. Enfrentamento às violências contra as juventudes a partir da cultura;
- * Registrar a memória da trajetória artística de famílias de circo tradicional e coletivos circenses residentes em Goiás. Capacitar a comunidade local de artistas circenses para ampliar o acesso do segmento aos recursos de financiamento público à cultura;
- * Desenvolver o campo cultural local;
- * Que epistemologias negras passem a conformar a formação cultural da sociedade brasileira (em todos os níveis educacionais);
- * Circular informação, troca, diversidade, saúde, cultura, impulsionar a indústria criativa e manter a memória viva da Professora Maria Magdalenana Lana Gastelois;
- * Disseminar e valorizar o patrimônio cultural material e imaterial de Minas Gerais;
- * Reduzir e prevenir a criminalidade violenta e a letalidade juvenil;
- * Educar, formar e difundir a linguagem musical;
- * Sustentar as famílias da comunidade;
- * Estimular os jovens a trilharem caminhos não violentos e contribuir para a implantação de uma cultura de paz;
- * Desenvolver a empatia, o cuidado com o outro, a troca de saberes seculares da técnica do bordado livre. Elevar a autoestima das participantes e reduzir a pressão psicológica do isolamento obrigatório;
- * Acesso à cidadania e perspectiva de futuro;
- * Contribuir para o registro, divulgação e valorização de memórias e saberes negros de moradores de Belo Horizonte e Região Metropolitana;

- * Contribuir na construção crítica e criativa no processo de aprendizagem das crianças/adolescentes atendidos, além de privilegiar a formação cultural, a consciência de cidadania e a relação com o meio social que esses grupos encontram-se inseridos.

Vale destacar que estas foram as respostas dadas pelos alunos na fase de candidatura para o segundo módulo do curso. Já durante o processo de construção de suas árvores de problemas e objetivos, bem como dos diversos níveis de objetivos de suas matrizes de marco lógico, vários dos alunos fizeram a revisão dos itens acima, identificando quais são, de fato, os impactos desejados e quais são ações e meios para alcançá-los.

A próxima sessão traz os relatos de 20 dos grupos que foram acompanhados no Módulo 2 e se apresentaram nas mesas do seminário.







RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

PARTE 2



Coisa
do
acent
aqu



1 Bordando e renovando vida nos retalhos



Em 2020 o mundo foi tomado por um profundo sentimento de inoperância, desolamento e insegurança e um terrível medo se apossou da vida das pessoas frente à pandemia causada pelo Covid-19. O distanciamento social e o isolamento eram as únicas orientações assertivas da comunidade médica mundial. Este cenário desolador e inquietante fez com que a tristeza e depressão batessem na porta até dos mais otimistas.

Diante disso, Cássia Albuquerque, experiente produtora de atividades sociais, de arte, cultura e lazer na região do Vale do Aço (MG), também se viu impossibilitada de executar seus eventos anuais *Chá com Artes* e *Rua de Lazer* que completariam 13 edições ininterruptas. Essas ações também marcariam a comemoração dos seus 60 anos e todos os planos precisaram ser reconstruídos. Sensibilizada com a situação, resolveu que era hora de não baixar a cabeça e organizar um projeto que pudesse envolver artesãos e parceiros para, juntos, desenvolverem atividades para alegrar a vida das pessoas que estivessem cabisbaixas e vulneráveis a esse pensamento de dor e tristeza, principalmente os idosos moradores nas instituições de longa permanência, crianças em vulnerabilidade e os próprios artesãos, que perderam renda, amigos e estavam com a autoestima comprometida.

Assim nasceu o projeto *Oficinas Criativas*. Somos um Coletivo não formalizado, composto por artesãos e pessoas habilidosas da região do Vale do Aço, que se



propõe a fazer oficinas criativas para disseminação de técnicas diversas, com-partilhamento dos saberes ancestrais e troca de experiências. Por meio dessa interação, abraçamos causas que nos motivem ao trabalho voluntário.

A técnica escolhida para desenvolvimento desse projeto foi o bordado livre e a pintura em tecido. E porque o bordado? Das técnicas que pudessem combinar a arte, o prazer, resgatar as memórias afetivas, a simplicidade, a beleza estética da combinação de cores e texturas e uma execução combinada com o tempo disponível e alegria em produzir dando nova vida aos retalhos de tecidos, o bordado livre foi a escolha perfeita.

Contextualizando a importância dessa arte milenar, estudos¹ mostram que, ao contrário de outros artesanatos têxteis, o bordado teve desde suas origens uma função essencialmente estética e não utilitária, e por isso se tornou um campo muito atraente para a arte popular.

¹ Ver <http://servicosdofuturo.com.br/voce-conhece-historia-do-bordado/>



Presume-se que o bordado seja uma das artes aplicadas mais antigas, que deve ter surgido logo após a descoberta da agulha. Nas civilizações antigas que se desenvolveram nas margens do Eufrates, a arte do bordado foi muito cultivada. Nos monumentos da Grécia antiga, aparecem figuras com túnicas bordadas.

Foi a partir do século VII, porém, que o interesse pelo bordado se tornou sistemático no Ocidente. Nos séculos seguintes, sua prática intensificou-se, a ponto de abadias e mosteiros se transformarem em verdadeiras oficinas de artesanato. As rainhas e suas damas também se dedicavam ao bordado. Em breve apareceram armas, brasões, escudos e pendões bordados a cores e em ouro e prata. No século XVI, difundiu-se o costume de bordar cenas semelhantes a pinturas, reproduzindo temas religiosos, históricos etc.

No século XX, apesar de ser possível a reprodução mecânica de todos os tipos de bordado, certos gêneros caíram em desuso e ocorreu um fenômeno de revalorização dos bordados manuais. Hoje em dia, todas essas técnicas de bordados foram aumentando, se espalhando e aperfeiçoando.



Nosso Objetivo. Um propósito!

O problema central já estava instalado e a missão do projeto se desenhou a partir dele. Ficou muito claro que o cotidiano durante a pandemia reforçou, com a incerteza do tempo de duração deste isolamento, situações de tristeza, depressão, ansiedade e outras consequências do distanciamento social. Essa era a realidade cujo efeito pretendíamos minimizar.

Nosso propósito foi criar mecanismos para manter as pessoas unidas e com mente ocupada de forma positiva, confeccionando peças artesanais bordadas e pintadas, para serem doadas a grupos vulneráveis (crianças e idosos) em instituições de longa permanência e da comunidade.

Porém, era fundamental que o projeto tivesse outros resultados. A melhoria do sentimento do cuidado com o outro, a formação de parcerias, aumento da rede de afinidades e afetividade, comprometimento com as entregas, descoberta de novas técnicas e compartilhamento de conhecimento dos saberes ancestrais e, sobretudo a participação e valorização pela família na execução das peças



confeccionadas, com o reconhecimento do talento de quem o fez faziam parte do desafio.

Por meio da rede social e de convite aos amigos que participavam de oficinas de arte, Cássia fez uma convocação geral e em pouco tempo já havia 48 artesãos envolvidos e comprometidos com o projeto.

Diversos saberes e alegria em servir uniram todos no mesmo propósito. Artesãos experientes, grupos de mulheres, aposentados, costureiras, mulheres e homens habilidosos, pessoas afastadas do trabalho... esse é o perfil dos membros do coletivo. A partir daí foi identificar as habilidades pessoais de cada um e entregar material para produção. A comunidade que receberia o material também foi identificada.

As doações vieram pelo envolvimento de parceiros e a base de todo o trabalho foi desenvolvida com as sobras de tecidos e enchimentos doados pela Provest Uniformes, empresa comprometida com questões ambientais de descarte correto e a otimização de recursos para atividades sociais, destinando um grande volume de retalhos de tecido para que o projeto pudesse ser realizado. A partir dessa aquisição, os artesãos puderam desenvolver livremente suas atividades e recebiam em casa o material necessário para confecção das almofadas e das máscaras.



Outros parceiros tiveram oportunidade de apoiar o projeto com recurso financeiro e/ou apoio logístico. Membros do grupo também doaram materiais, mas a condição primordial era que isso não implicasse em desembolso financeiro que compromettesse o orçamento da família em tempos já tão escassos.

Os dois projetos foram desenvolvidos com o engajamento de 48 artesãos, ao longo de 12 meses. Com o *Bordando e Renovando Vida nos Retalhos* (executado em quatro meses) foram atendidos 260 idosos, a maioria moradora de oito Instituições de longa permanência de Ipatinga, Coronel Fabriciano, Santana do Paraíso, Inhapim e Timóteo. A data escolhida para entrega foi a comemoração do Dia dos Avós (26 de julho).

No projeto *Pintando e Bordando nos Retalhos*, conseguimos atender 16 instituições, com 265 almofadas, 1.102 máscaras, 571 kits com brinquedos e guloseimas. Tudo entregue em comemoração ao mês das crianças em outubro.

Os dois projetos trazem um sentimento de pertencimento e de se colocar a serviço do bem estar do outro. Nesse contexto, o primeiro beneficiado identificado é o próprio artesão, atingindo o objetivo principal da proposta.

Patrocinadores e apoiadores também tiveram suas marcas e reputação alinhados com uma ação de melhoria e bem-estar social. Esse é um ganho de valor que se mensura por meio dos depoimentos coletados pela gestão do projeto.

Focado em proporcionar um bem-estar coletivo e a interação entre os membros do grupo, o Whatsapp foi a ferramenta escolhida para as trocas diárias de mensagens positivas, riscos para bordados, troca de técnicas, estímulos, reconhecimento do trabalho. De forma planejada e sob o rigor dos protocolos de saúde, algumas oficinas foram realizadas presencialmente para validação das fases de costura, pintura e preparação para a entrega. Houve tempo de produzir e fortalecer os vínculos uma vez que o lúdico também se fez presente nas boas conversas, risos, lanches especiais e comida preparada pelos membros do grupo e de forma coletiva.

O trabalho desse coletivo proporcionou efetiva entrega à comunidade a partir dos produtos confeccionados, porém o maior ganho se deu pelos resultados de impacto mensurados a partir dos depoimentos dos participantes, onde pudemos observar a melhoria da autoestima, o posicionamento positivo perante o enfrentamento das incertezas do momento e o nível de engajamento para as causas sociais que abraçamos.



Estávamos num momento muito difícil de nossas vidas com a perda do meu irmão e de minha mãe com apenas quatro meses de diferença. Fui convidada pela Cássia e comecei a bordar. Meu pai, de 92 anos se interessou e começou a bordar também. Com os bordados ocupamos nosso tempo e nossas mentes e ajudamos nesse projeto que leva amor e alegria aos corações de quem recebeu os mimos. Foi muito gratificante participar

Marlene Salazar.

Quando procurei as oficinas criativas foi no momento em que eu estava em pânico. Estava em desespero, porque foi o início da pandemia. Achei que nada para mim teria mais solução. Quando peguei o celular e vi mensagem da Cássia convidando costureiras e pessoas para entrar na oficina foi maravilhoso para mim, minha salvação quando eu mais precisava. Trabalhei muito, emocionei muito, criei muita amizade. Fazer algo pelo próximo é gratificante. Também me senti valorizada pelas pessoas do grupo e das que ajudamos. Está sendo momento maravilhoso na minha vida. Amo o que faço e não quero parar

Lourdes Bergame.

Durante a realização do projeto os principais dificultadores foram as questões de logística e preparação para as entregas. Em função dos protocolos de saúde, todas as almofadas e máscaras produzidas precisaram ser esterilizadas individualmente e embaladas de forma a não disseminar o vírus do Covid-19. Estamos falando de um universo de quase duas mil peças, restrições e limitações diversas – humana e material. As restrições para os encontros presenciais também se tornaram desafiadoras, mas o engajamento de todos fez acontecer.

Vitimados pelo Covid-19 durante o período do projeto, alguns perderam parentes e amigos e também adoeceram e, mesmo assim, mantiveram-se no propósito. O grupo foi dividido e todas as atividades conseguiram ser realizadas a tempo.

Quando se fala em resultado efetivo, o engajamento é um dos pontos mais eloquentes desse coletivo. No período em que não se inicia o novo projeto o grupo se mantém coeso e ansioso por continuar. Cada um no seu ritmo e novas pessoas são convidadas a participar e compartilhar suas criações, tendo a valorização dos membros como contrapartida.

Nosso propósito está ligado a questões como autoestima, engajamento, pertencimento, e manter a mente positiva, estabelecemos indicadores que possam nos apoiar na avaliação tais como: depoimentos, evidências objetivas de vídeo, fotos, reportagens e oficinas, questionários iniciais e finais, questionário quinzenal que monitorará a percepção sobre si de cada membro do grupo, mapeamento de habilidades e controles de material e produção.

O ano de 2021 não se descortina diferente de 2020 e continua sendo desafiador em todos os aspectos. Com o mesmo propósito, o *Naninhas do Coração* produzirá peças para despertar memórias afetivas e dar aconchego, oferecendo a riqueza do coletivo *Oficinas Criativas*.

Como Coletivo não formal, nossa intenção é o trabalho em rede de cooperação. Formalizá-lo nos deixaria “engessados” nas estruturas burocráticas de uma ONG, o que não nos daria a flexibilidade de executar a ação conforme nossas articulações e capacidade de mobilização muito singular, onde o prazer de realizar não pode ser menor do que a efetiva entrega de produtos.



Entidade ou grupo responsável

Coletivo Oficinas Criativas

Principais parceiros envolvidos na ação

Provest Uniformes, Aliar Seguros, Conselho da Mulher Empreendedora de Coronel Fabriciano, Icone Consult, Vidromax, Instituto Lumar

Local onde a ação foi desenvolvida

Região do Vale do Aço, especificamente Ipatinga, Santana do Paraíso, Cel. Fabriciano, Inhapim e Timóteo/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

Cássia Albuquerque (31) 986143654 – tmcassia@hotmail.com;

Patrícia Barbosa (31) 986934228 – machadobarbosapatricia@gmail.com

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@_oficinascritativas

https://globoplay.globo.com/v/8851760/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar

<https://globoplay.globo.com/v/8727030/programa/>

Responsável pelo texto

Patrícia Barbosa

Fotos

Arquivo do projeto





2 Casa Assistencial Ana Maria do Rosário



Como toda casa precisa de alicerce e estrutura, a nossa casa surgiu de uma outra casa, e sua base de gravetos de bambu era o que a mantinha de pé, sustentando todo o seu entorno de lona, no alto daquele morro de barro. Na realidade quem a sustentava mesmo era uma nobre senhora, que há algum tempo lá vivia, Ana Maria do Rosário, foi o porquê e onde tudo começou. Assim como ela e toda casa, a *Casa Ana Maria do Rosário*, desde o início da década de 1980, acolhe muitas famílias e os que ali batem, entram. Aos sábados, sempre no primeiro e no terceiro, bem logo cedo.

O trabalho tem todo um preparo. As pessoas são acolhidas, suas necessidades quase sempre atendidas e seu lema é o Amor. Ali quando adentram, as pessoas são recebidas com cantos e disciplina, se juntam, rezam e aprendem como ser melhor.

Há muitas crianças, mães e idosos, que recebem um amparo. Através de cantorias, preces, aulas, há muito ensinamento, vindo de muito desprendimento do nosso colaborador. Nós o chamamos de tarefeiro, pois trabalho é o que não falta, dispõe de seu tempo pra aprender e se doar. Essa casa bem antiga muito tem a melhorar, conta sempre com a ajuda de todos ao seu redor. Está à sua

espera, se quiser conhecer, venha sem medo bater na porta, e logo adentrar. Temos muitos afazeres e todos contam com a ajuda do tarefeiro e dos amigos do bem. Como pagamento, nossa moeda é o aprimoramento, aqui só entra dinheiro que circula pro bem.

Ao longo desses mais de 40 anos de existência, a *Casa Assistencial Ana Maria do Rosário* se propõe servir no âmbito Espiritual e Social.

Através de relatos, percepções, inquietações e vivências compartilhadas pelos envolvidos no trabalho da Casa, assimilamos o melhor de tudo que vivenciamos, e do que aprendemos no curso, e identificamos que precisaremos desenvolver nesse primeiro momento, a apresentação do trabalho proposto à diretoria da Casa. E em caso da aprovação do projeto a ser desenvolvido, o próximo passo será a organização e reestruturação das diretrizes da mesma.

Assim, conseguiremos caminhar entre as atividades e ações, e entenderemos cada espaço de forma mais direcionada, contando com as ferramentas para as avaliações dos objetivos e impactos gerados na comunidade. Isso nos permitirá entender as reais necessidades do nosso contexto, tanto em relação à comunidade como aos colaboradores, direção da Casa, parceiros e demais envolvidos.

A *Casa Assistencial Ana Maria do Rosário* norteia seus fundamentos através de reuniões de cunho espiritual para adultos, evangelização para crianças e jovens, almoço, alfabetização de adultos e idosos, distribuição de cestas básicas, entre outros apoios às famílias. Ao longo dos anos, algumas ações foram se alternando e modificando conforme a necessidade do momento.

Nosso objetivo ao buscarmos o curso, como um trio que já trabalhou neste mesmo projeto voluntário, mas em momentos diferentes, foi aprendermos sobre a estruturação de projetos; como iríamos formalizar o que há muito está no âmbito das ideias, e como tudo isso contribuiria em concretização e melhorias para o projeto da Casa e também nossas questões pessoais/profissionais. Nossa busca inicial foi em trazer solidez às nossas falas e sonhos já compartilhados com a diretoria e em acordo com os colaboradores da Casa, e principalmente, apresentar soluções ou caminhos possíveis para as questões existentes.

Temos a participação de uma rede de amigos, tarefeiros, trabalhadores, familiares, instituições amigas e grupos culturais. E, ao longo desses anos, a nossa

sustentação e ações são providas do apoio e contribuição constante deles; e pretende-se seguir assim.

A casa atende moradores da região de Roça Grande, Sabará/MG e seu entorno. Atendemos, ao longo do tempo, a aproximadamente 35 famílias, e cada família com suas crianças e jovens. A comunidade, em sua maioria carente, necessita de recursos diversos.

Estamos nos estruturando para apresentar a proposta do que foi abordado e identificado no curso e a possível aprovação da coordenação da Casa Assistencial, para assim, seguirmos os próximos passos. Os resultados efetivamente obtidos serão possíveis somente após a aprovação e continuidade desse trabalho iniciado no curso, pela a direção da Casa Assistencial.

Ao longo do tempo vivenciamos algumas das dificuldades e acreditamos que teremos bem mais desafios adiante, dentre elas:

- * Identificação do que de fato é um problema emergencial;
- * Agirmos em tempo devido para apresentarmos respostas;
- * Entender a dinâmica das ferramentas disponibilizadas no curso, e compreender como desenvolvê-las dentro da lógica proposta;
- * Identificação e discernimento do que era nosso – atuações profissionais/ pessoais – e do projeto da Casa Assistencial;

Ainda não é utilizado nenhum tipo de metodologia para aferir os impactos referentes à Casa Assistencial.



Entidade ou grupo responsável

Maria da Conceição Fontoura

Outros parceiros envolvidos na ação

Diversos

Local onde a ação foi desenvolvida

Roca Grande, Sabará/MG

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

ismaliafontoura@gmail.com / (31) 99113-3511;

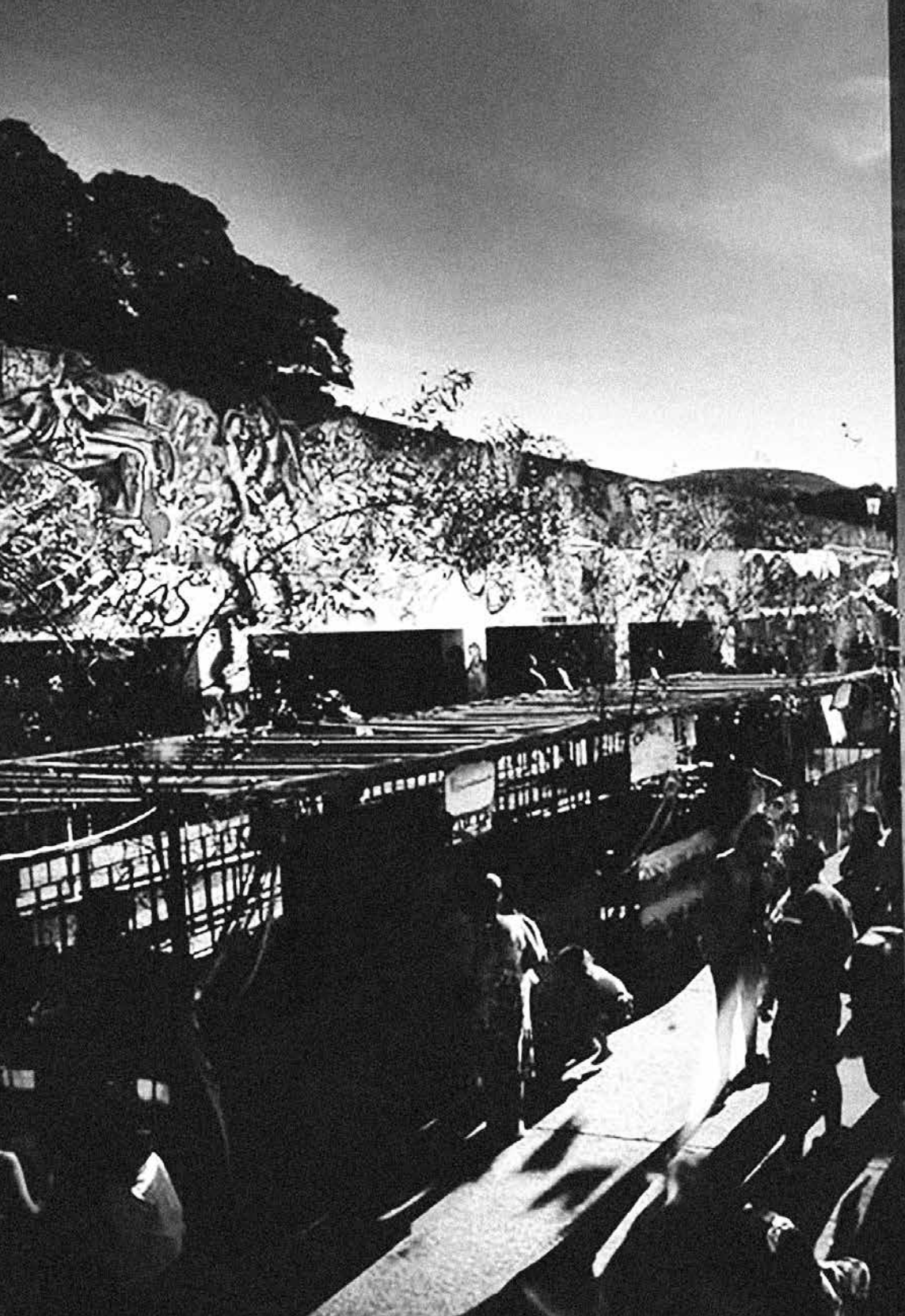
poligonsalves@gmail.com / (31) 98658-0894

Responsáveis pelo texto

Ismália Fontoura/Luiz Silva/Poliana de Araújo

Fotos

Gilson Carvalho





3 Centro de Artes e Esportes Unificados



Após um diagnóstico em territórios de alta vulnerabilidade das cidades brasileiras e em áreas carentes de equipamentos públicos de qualidade, o Governo Federal propôs, em 2010, um equipamento que garantiria o acesso da população mais vulnerável não apenas a serviços básicos, mas também a espaços de cultura, esporte e lazer.

O Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) foi um projeto desenvolvido pelo Governo Federal com participação de vários Ministérios: Cultura, Esporte, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Justiça e Trabalho e Emprego, sob coordenação da Casa Civil da Presidência da República, por isso essa atuação catalisadora de políticas públicas. Cada um dos ministérios envolvidos definiu um programa, composto de diversos equipamentos públicos a serem implantados num mesmo local, criando o CEU, que agrega diversos serviços essenciais.



Muitos bairros da cidade de Juiz de Fora/MG não apresentam, além da escola, possibilidades para crianças, jovens, adultos e terceira idade desenvolverem seu potencial esportivo e artístico-cultural, gerando ócio e não contribuindo para a formação integral do sujeito e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Nestas áreas é grande a concentração de pobreza e pouco o acesso do público-alvo à arte, à cultura, ao esporte e ao lazer. A região Norte de Juiz de Fora, que é periférica e é a mais populosa da cidade, com altos índices de vulnerabilidade, foi escolhida para receber esse equipamento urbano.

A Praça CEU, uma vez concluída, é um equipamento público sob responsabilidade do proponente, neste caso a Prefeitura de Juiz de Fora, incluindo o seu modelo de gestão e aporte dos recursos financeiros. A Prefeitura de Juiz de Fora, através de chamamento público, celebrou o Contrato de Gestão com a



Organização Social Associação Cultural Arte e Vida (ACAV) para o gerenciamento, administração e execução das atividades desse equipamento público, em parceria com a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage.

No local é realizado atendimento a crianças, adolescentes, adultos, idosos e pessoas com deficiências, com ações de cultura, esporte e lazer. Ao final, se pretende promover bem estar físico, psíquico e social, mediante interação dos cidadãos que integram diversas comunidades, desenvolvendo princípios, valores éticos e compreensão de coletividade, respeito mútuo, cumprindo assim o que determina a Constituição quanto ao direito da população às práticas de cultura, esporte, lazer e atividades físicas.

O objetivo do CEU é integrar num mesmo local programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de tra-



balho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e inclusão digital. O objetivo ainda é promover a cidadania, o direito à cidade e a ampliação do acesso a serviços públicos nos territórios onde foi implantada, no caso a Região Norte de Juiz de Fora.

Para atingir tais objetivos o CEU tem oferecido oficinas artísticas, esportivas e culturais para o atendimento de crianças, adolescentes, jovens, adultos e pessoas da 3ª idade, com risco de vulnerabilidade social. São oficinas de dança, teatro, artesanato, música, capoeira, futsal, basquete, ginástica, atividade física orientada e outras práticas esportivas e culturais. O espaço conta com a utilização, fomento e acesso de quatro salas multiuso, biblioteca, espaço multimídia com 10 computadores, cineteatro totalmente equipado e com 125 lugares, pista de skate, equipamentos de ginástica, espaço criança, quadra



poliesportiva, quadra de areia, jogos de mesa, pista de caminhada, área verde, bicicletário, área para exposições artísticas para cessão de uso coletivo e horta comunitária.

Desde antes da sua implementação do CEU trabalha o tema da gestão compartilhada, na qual o poder público e comunidade puderam juntos administrar esse espaço tão inovador e fomentador de criatividade. Essa construção se deu através de mobilização social, identificando as lideranças e envolvendo a comunidade para se apropriar do equipamento, mas esse é um processo contínuo que está dentro da prática do dia-a-dia da gestão e também através do seu conselho gestor, com metodologias participativas.

Nossa equipe, com gerenciamento e suporte do administrativo da ACAV, hoje é composta por um coordenador geral, dois coordenadores de área, um articulador comunitário, seis articuladores culturais, dois instrutores de esporte, um atendente de biblioteca, um auxiliar de manutenção, dois auxiliares de serviços gerais, um técnico de montagem e dois atendentes de público.



As atividades e serviços oferecidos no CEU visam atender crianças, adolescentes, jovens, adultos e terceira idade, sem qualquer tipo de discriminação, priorizando o atendimento às pessoas com quadro de vulnerabilidade social, encaminhadas através da Rede Socioassistencial da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, como o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), que tem sede dentro do CEU.

O CEU tem, atualmente, capacidade máxima de cerca 1.200 atendimentos por mês nas oficinas regulares, distribuídas entre as diversas áreas culturais e esportivas. Além disso, há os usuários espontâneos da Praça, que usufruem das quadras, pista de Skate, caminhadas, quadras de areia, academia ao ar livre, teatro, biblioteca, estação digital, com estimativa de cerca de quatro mil pessoas por semana. A utilização dos espaços tem procedimento específico e democrático para acesso da comunidade.

O CEU proporciona conteúdos artísticos e esportivos nas oficinas e ações, além de oferecer informações culturais e de conhecimento amplo e as manifestações



sociais que a permeiam a fim de desenvolver possibilidades de aprendizados e potencialidades da comunidade. Dentro dessa perspectiva, estabelece uma mentalidade e cultura de paz, através da união, coletividade, sociabilidade e civilidade, compreendendo que o crescimento e ou a revelação individual surge através do trabalho conjunto feito nos encontros.

Como proposto em seu Projeto Político Pedagógico, o CEU proporciona um espaço físico, pedagógico, social, cultural e de entretenimento e de educação social. Neste contexto de vivências e diálogos busca-se respeitar e valorizar as experiências dos frequentadores e suas realidades, desenvolvendo aspectos como: afetividade, curiosidade, criatividade, apoio pedagógico e apoio sócio digital através da Sala de Leitura e do infocentro. Despertar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo dos leitores. Promove a produção cultural do CEU e do Cineteatro do CEU, através do fomento a outras linguagens e manifestações artísticas, promove a formação de público do cineteatro e



outras atividades que entregam políticas públicas de arte, cultura, esportes, saúde, assistência e outras.

O principal resultado obtido é a melhoria de vida e da autoestima da população da região norte, possibilitando uma transformação do local onde o projeto está inserido. Através da melhoria da vida e da autoestima da comunidade muitos são os impactos positivos na região. Inicialmente são percebidas melhorias na vida escolar dos atendidos, na saúde preventiva, no acesso aos serviços públicos, melhoria da economia da região, através de novas oportunidades de emprego, estabilidade emocional e pertencimento da comunidade da Zona Norte ao cuidar desse equipamento. A Praça CEU faz seis anos em 2021 e o equipamento se mantém praticamente novo, cuidado. Isso também se deve a esse pertencimento da comunidade que utiliza o espaço.

Embora seja de grande relevância em atendimento na cidade, ainda há uma deficiência a superar no projeto: a ausência de metodologias de avaliação dos

impactos. Sem mensurar os impactos nos atendimentos, o contrato de gestão fica incompleto e, em consequência, a sustentabilidade do projeto se torna vulnerável.

Para o melhor monitoramento da execução do programa, periodicamente são elaborados e aplicados questionários de avaliação com os usuários e funcionários, para avaliar o nível de satisfação e da qualidade dos serviços prestados. Também são medidos o número de atendimentos diretos e indiretos e o número de lista de espera das atividades. Sobre as metodologias para aferição dos impactos de sua execução, o projeto utiliza os seguintes meios de verificação:

- * Reuniões periódicas entre coordenadores de área e articuladores culturais/ instrutores de esporte;
- * Apuração da frequência dos atendidos;
- * Avaliação da participação dos atendidos nas atividades;
- * Elaboração de relatórios mensais e análise destes por toda a equipe, de forma a nortear as futuras ações dos projetos;
- * No Sistema de informação da ACAV é possível coletar dados cadastrais de cada atendido (nome, endereço, telefone, responsáveis, idade, escolaridade...), além de dados de questionário socioeconômico (aplicados em torno de 10% dos atendidos);
- * Algumas pesquisas já foram realizadas através de ferramentas digitais disponíveis, principalmente para avaliar as ações e planejar os próximos passos na adaptação do Programa para as ações virtuais durante a pandemia.

Anualmente a ACAV apresenta prestação de contas à Prefeitura de Juiz de Fora. Essa prestação de contas é composta dos balancetes contábeis e financeiros e de relatório de execução. Esse relatório de atendimento mostra todas as ações desenvolvidas no ano, mês a mês, mostrando o funcionamento do equipamento, a utilização dos espaços pela comunidade, os atendimentos nas oficinas, público atingido, além dos gráficos de atendimento que mapeiam o quantitativo mês a mês.



Entidade ou grupo responsável

Associação Cultural Arte e Vida (ACAV)

Outros parceiros envolvidos na ação

Prefeitura de Juiz de Fora – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage

Local onde a ação foi desenvolvida

Zona Norte da cidade de Juiz de Fora/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(32) 3212-9662

ceupjf@gmail.com

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@ceujf (instagram)

www.facebook.com/ceuzonanorte/@acavjf

Responsáveis pelo texto

André Noronha e Andrea Sperandio Ventura

Fotos

Arquivo ACAV / divulgação





4

Clic@ Cidade Circo - Art(e)ducação audiovisual



Desde 2009 a Organização Cultural Ambiental (OCA), associação civil de direito privado sem fins lucrativos sediada em Ouro Preto/MG, é responsável pelo projeto Circo da Gente, que atende crianças e adolescentes através da metodologia do Circo Social.

A ideia da elaboração do projeto *Clic@ Cidade Circo - Art(e)ducação audiovisual* aconteceu no processo de produção do documentário institucional Circo da Gente - Arte, educação e cidadania, realizado por Heber Bezerra e Thales Gonçalves (responsáveis pela empresa Makeplug). Estes acompanharam as atividades do projeto Circo da Gente durante os meses de novembro e dezembro de 2018.

Durante as gravações a equipe da OCA observou as potencialidades do audiovisual como instrumento educacional no processo de construção crítica e criativa de aprendizagem das crianças e adolescentes atendidos. Em 2019 a OCA foi contemplada com o projeto *Clic@ Cidade Circo - Art(e)ducação audiovisual* no Edital Fundos da Infância e da Adolescência do Programa Itaú Social.



O diagnóstico do projeto se baseou na conjuntura histórica da cidade de Ouro Preto, onde 70% da população se autodeclara negra. Apesar de ser majoritária, as contradições sociais permeiam a realidade e a exclusão vivenciada por esta população, incluindo as crianças e adolescentes, que historicamente são mais vulneráveis em comparação a outros grupos sociais.

A partir dessa constatação o projeto busca atuar na prevenção e enfrentamentos das exclusões sociais/territoriais sofridas por crianças e adolescentes negros ouro-pretanos. Seus principais objetivos são:

- * Fortalecimento da identidade histórica, territorial, social e racial do público-alvo;
- * Uso da comunicação audiovisual alinhada à formação Ginga Circense (arte circense integradas aos fundamentos da capoeira angola e maracatu) construção crítica e criativa no processo de aprendizagem das crianças / adolescentes atendidos;
- * Empoderamento infanto-juvenil local acerca das potencialidades geradas pelas raízes e história do público-alvo;
- * Ampliação da troca de vivências.



Sobre os resultados esperados, realçam:

- * Fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente;
- * Valorização do contexto histórico e cultural das crianças e adolescentes envolvidos no projeto;
- * Crianças e adolescentes com olhar crítico e sentimento de cidadania;
- * Aprendizado de técnicas do audiovisual, capoeira, maracatu e circo e aumento do desejo de continuidade e aprofundamento;
- * Aprendizagem de conhecimentos interdisciplinares e outras competências, como trabalho em equipe, descoberta de afinidades, resolução de problemas e criatividade.

A execução desta proposta foi avaliada pelos membros do Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (CMDCA/Ouro Preto) e será dada prioridade às crianças e adolescentes ouro-pretanos referenciados pelos equipamentos públicos. O projeto encontra-se em fase preparatória e pretende atender diretamente a 30 crianças (até 12 anos incompletos) e 50 adolescentes (de 12 a 18 anos incompletos).



Considerando toda a divisão social gerada pelas consequências da escravidão no Brasil, a sociedade tem uma dívida histórica com o negro, longe de ser extinta. Dentre as violações de direitos sofridos pelas crianças e adolescentes ouro-pretanos, destacam-se as mazelas dos territórios onde residem, marcados por várias exclusões territoriais e limitações de acesso às oportunidades na vida econômica, social, política e cultural. Diante dessa realidade, o projeto prevê atender prioritariamente às crianças e adolescentes encaminhadas pelos equipamentos públicos das políticas de Educação, Assistência Social e Saúde.

A execução do projeto prevê as seguintes atividades:

- * Vivência fotográfica do público-alvo para identificação do pertencimento territorial, cultural e social;
- * Realização da formação audiovisual - aulas teóricas e práticas (pesquisa, elaboração de roteiro, pré-produção, gravação e edição);
- * Pesquisa e construção de roteiro autoral para montagem da mostra;
- * Realização da oficina Ginga Circense (circo, maracatu e capoeira);
- * Montagem da mostra itinerante “clic@ cidade circo” – ensaios;
- * Seleção e acompanhamento da impressão das imagens e produções vídeos;



- * Montagem das exposições e circulação em pontos estratégicos da cidade, tais como: Rodoviária, Praça Tiradentes, Barra e Praça Nossa Senhora da Piedade, contemplando a área central e periferia da cidade;
- * Ensaios gerais das apresentações nos pontos das exposições;
- * Apresentações da mostra itinerante “clic@ cidade circo”, com fotografias, vídeos e encenações nos pontos das exposições;
- * Avaliação de impacto gerado pelo projeto, através de questionários direcionados as crianças e adolescentes atendidos, seus familiares e moradores das comunidades.

Em resumo é possível, através da comunicação audiovisual aliada à arte circense, trabalhar as questões de pertencimento para com o lugar de origem do público-alvo, buscando o enfrentamento das exclusões territoriais/sociais, partindo do olhar para a si e do reconhecimento do sujeito como agente de sua própria vida. A OCA, responsável pela execução do projeto, tem como premissa o diálogo entre entidades e comunidades à luz da teoria da ação dialógica trazendo, sobretudo, as questões raciais que acabam por ditar as questões sociais da cidade de Ouro Preto.



Entidade ou grupo responsável

Organização Cultural Ambiental (OCA)

Local onde a ação foi desenvolvida

Ouro Preto / MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(31) 992348114

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação:

<https://www.ocaouopreto.org.br/>

<https://www.instagram.com/ocaouopreto/?hl=pt-br>

<https://www.facebook.com/ocaouopreto>

<https://twitter.com/ocaouopreto>

Responsável pelo texto

Atylana Fernandes

Fotos

Documentário Institucional produzido pela Makeplug (Heber Bezerra e Thales Gonçalves) em comemoração aos 10 anos de projeto Circo da Gente



MUNIDADE
S BALDUÍNO
M BEM-VI



5 Formação Política IPAD em Ribeirão das Neves

Ribeirão das Neves é uma cidade periférica da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. O *Coletivo Balaio* atua neste território, mais especificamente na região de Justinópolis. A realidade em que estamos é, por um lado, de pobreza, exclusão, violências e insuficiência de políticas públicas e, por outro, é de criatividade, cultura pulsante e resiliência. Nesse cenário, em meio a ações e projetos socioculturais desenvolvidos pelo Coletivo, vislumbramos também a necessidade de nos formarmos politicamente de forma crítica, para compreender a realidade em que vivemos e o nosso papel, o papel da comunidade, na transformação dessa realidade.

Estamos inseridos em comunidades periféricas, onde a escola pública é pilar do acesso à educação, e reconhecemos que há no sistema de educação pública uma fragilidade intencional que interfere diretamente na possibilidade de desenvolvimento de uma consciência crítica e, até, possibilidade na continuidade dos estudos das pessoas das nossas comunidades. Aqui no território há baixa oferta de políticas e equipamentos culturais. Estamos concentrados quase exclusivamente em nossa sobrevivência, por falta de alternativas. Resultado deste contexto é uma baixa autoestima da população, uma falta de perspectiva de futuro e de acesso a oportunidades, laços sociais fragilizados, dependência e submissão a políticos e elites locais e uma baixa participação popular nas tomadas de decisão que influenciam cotidianamente nossas vidas.

Compreendendo esse contexto, lutamos e desenvolvemos ações para garantia de direitos e oferta de serviços públicos. Porém, consideramos insuficientes tais ações se não estiverem acompanhadas de uma elevação no nível de nossa consciência acerca de onde vivemos, por que vivemos aqui, quem somos e qual nosso papel no mundo. Acreditamos que somente a partir do momento em que mais membros das comunidades em que vivemos e atuamos tiverem uma compreensão crítica da realidade vamos conseguir tanto desenvolver mais ações de transformação nos territórios quanto nos organizar mais e lutar pela transformação das comunidades e da sociedade, alcançando uma mudança sustentável ao longo do tempo.

O projeto propõe uma formação política cidadã e crítica a lideranças de comunidades diversas do nosso território, e tem como objetivo central fomentar a elevação da consciência política e a organização popular dessas lideranças.

Como resultados buscamos: fortalecimento dos laços sociais; autonomia, emancipação e participação nas tomadas de decisões coletivas; desenvolvi-

mento de uma postura autônoma e consciente frente a políticos e elites locais; ampliação na perspectiva de futuro e no acesso a oportunidades; elevação da autoestima - individual e coletiva; e consciência política e social crítica frente à realidade.

Compreendemos que para alcançar o objetivo central, e os outros que o acompanham, é preciso estabelecer um processo de construção coletiva em busca desse bem que se torna comum a todas as pessoas envolvidas. Para isso, o projeto conta e constrói, diariamente, uma rede de lideranças comunitárias compostas por educadoras/es, coletivos e agentes culturais, mobilizadores sociais, organizações populares, envolvendo uma diversidade muito grande de pessoas.

Essa rede é fluida, e as pessoas que a compõem estão mais ou menos envolvidas com projetos e organizações aqui do território, sendo essas organizações: o *Centro Cultural Di Quebrada*, que neste projeto está dividindo a responsabilidade de execução com o *Coletivo Balaio*; o próprio *Coletivo Balaio*; a movimentação *Ocupa Curumim*; um grupo local de Whatsapp chamado *Feministas Ne-venenses*; e, por fim, o *Instituto Pensamentos e Ações para Defesa da Democracia (IPAD)*, que é a instituição que oferece a formação.

Em torno de 22 pessoas são atendidas diretamente pelo projeto, sendo mulheres, homens, jovens, negros e negras que atuam em diversas frentes como: educação, cultura, mobilização social e comunitária, saúde. Esse conjunto compõe o grupo de alunas e alunos que estão envolvidos no curso de formação política e cidadã do IPAD. É claro que, a longo prazo, o objetivo é que mais pessoas se beneficiem e sejam atendidas direta ou indiretamente pelos resultados do projeto, pois a ideia é expandir os conhecimentos adquiridos no curso, fortalecendo os núcleos de organizações populares e sociais já existentes e abrindo caminhos para a formação de novos núcleos em outras comunidades. Assim, se pretende criar uma rede de expansão de consciência e criticidade diante do contexto vivido, abrindo espaço para transformações dessa realidade.

No primeiro semestre de 2021 o IPAD, que é uma organização nacional que oferece formações políticas periodicamente em diversos estados do país, iniciou um novo curso com duração de cinco meses, dividido em três módulos. O Balaio, junto com o *Centro Cultural Di Quebrada*, foi convidado a se somar no processo deste curso, contribuindo para a mobilização de lideranças em nosso

território e para a efetivação do curso, em condições adequadas, por parte dessas lideranças. É neste momento que começa o projeto que apresentamos aqui: a execução do curso de formação política do IPAD no nosso território.

Este projeto tem realizado as seguintes ações, em ordem de desenvolvimento:

- * Identificação de lideranças locais interessadas no processo formativo e organizativo;
- * Mobilização das lideranças interessadas para inscrição no curso;
- * Articulação com IPAD para organização da estrutura e condições para realização da formação;
- * Organização de um grupo local para fomentar a participação integral no curso;
- * Garantia das condições e estruturas para acesso do grupo local ao curso (internet, materiais impressos, lanches);
- * Construção de um calendário local para desenvolvimento do curso (encontros presenciais, discussões extras, debates a partir de questões da realidade local, etc.);
- * Garantia da participação integral no curso e realização das atividades relacionadas a ele;
- * Elaboração de ferramentas de difusão do conteúdo do curso nas comunidades locais;
- * Implementação de instrumento de avaliação da realização do curso no território.

O Projeto está em execução, em sua fase inicial. Por isso, não é possível ainda mensurar os resultados ou impactos na comunidade. Porém, a partir deste curso conseguimos definir melhor os resultados que almejamos e, inclusive, orientar nossas ações para efetivamente alcançá-los.

Nesse sentido, queremos ter como resultados mais imediatos, após um ano de início do projeto:

- * Curso do IPAD realizado com sucesso, com aprovação e conclusão adequada dos participantes;
- * Um Projeto Político Pedagógico (PPP) de formação comunitária cidadã elaborado;

- * Um núcleo popular de luta por direitos criado e/ou que os participantes se insiram em organizações populares já existentes;

Uma estratégia local de comunicação criada, para difusão na comunidade do entorno, do conteúdo mobilizado em nosso projeto.

Além disso, estabelecemos também objetivos de médio/longo prazo, que estão relacionados a este projeto, mas também dependem de outros que já desenvolvemos ou que vamos desenvolver. Esses objetivos passam pela ampliação da quantidade de pessoas que realizaram o curso que estão participando de conselhos de políticas públicas; pelo aumento do número de pessoas que participam ativamente de organizações populares e pela elevação da incidência e/ou influência da comunidade em processos eleitorais mais amplos.

O Projeto teve início no mês de março de 2021 e seguirá até agosto. Neste momento estamos em curso, ou seja, o projeto está em execução e isso já nos aponta algumas questões que precisamos nos atentar a fim de garantir a continuidade de participação das pessoas inscritas pelo *Coletivo Balaio + Centro Cultural Diquebrada*.

Umas das questões apresentadas é a dificuldade que alguns/algumas participantes têm tido com o acesso à linguagem acadêmica. Esta, por vezes, é carregada de palavras e conceitos que dizem muito sobre a formação política, cidadã, porém não fazem parte de um vocabulário muito popular e isso de alguma forma distancia as/os participantes com escolaridade mais baixa, pois encontram dificuldade de compreender o conteúdo teórico e assim não sentem-se aptos a da continuidade no curso.

Neste momento, esta é uma dificuldade enfrentada na execução do projeto. Estamos pensando em estratégias que possam garantir a continuidade das lideranças e que essas possam tirar maior proveito do conteúdo disposto ao longo do curso.

Como proposta de continuidade, após os cinco meses previstos da parceria com o IPAD, o projeto pretende fortalecer os núcleos e organizações populares parceiras na produção executiva do mesmo (Balaio e Diquebrada), bem como colaborar na articulação e formação de outros núcleos pelas comunidades espalhadas em nosso território. Além disso, criar possibilidades de multiplicação de novas lideranças comunitárias e mobilizadore/as sociais mais conscientes,

críticas e engajadas no processo de transformação da realidade em que estejam inseridas.

A execução desse projeto, neste momento, surtirá efeitos que também consideramos como forma de continuidade do mesmo. Só que uma continuidade que pode ser traçada por outros caminhos que se conectam aos nossos objetivos, já apresentados aqui.

Como o projeto está no início de sua execução, e construímos uma proposta de planejamento e de avaliação para o mesmo, concomitantemente à participação no curso, podemos dizer que a metodologia para aferição dos impactos está sendo construída e pactuada com as instituições e lideranças parceiras do projeto.

Criamos, com esta formação que estamos concluindo aqui, um Marco Lógico do nosso projeto e definimos indicadores a serem acompanhados e monitorados durante sua realização e ao final de sua execução. Identificamos a necessidade de criar relatórios periódicos que contenham a sistematização das informações do projeto, assim como o resultado do monitoramento e da avaliação do mesmo. Será necessário, ainda, criarmos instrumentos como pesquisa de opinião e de percepção dos participantes do projeto, além de acompanhar sua trajetória, a fim de identificar o alcance dos objetivos que estabelecemos.



Entidade ou grupo responsável

Coletivo Balaio e Centro Cultural Di Quebrada

Outros parceiros envolvidos na ação

IPAD

Local onde a ação foi desenvolvida

Justinópolis/Ribeirão das Neves/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

Marcela Menezes (31) 99999-6539 / Glenda Bastos (31) 99464-3555

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@coletivo.balaio @diqbd.cc

Responsáveis pelo texto

Glenda Bastos e Marcela Menezes

Fotos

Coletivo Balaio; MST Minas Gerais; Glenda Bastos.





6 Gente em Primeiro Lugar



Juiz de Fora é um município de 600 mil habitantes, localizado na região da Zona da Mata Mineira. É um local que borbulha cultura e esporte, mas ainda apresenta poucas oportunidades gratuitas para crianças, adolescentes, jovens, adultos e terceira idade de famílias menos favorecidas.

Buscando lutar contra essa realidade, a Associação Cultural Arte e Vida (ACAV) oferece ensino artístico e esportivo de qualidade e busca ampliar a oferta de oportunidades para esses indivíduos. Tudo isso porque enxerga na cultura e nos esportes um caminho capaz de mudar realidades e ampliar horizontes.

O *Programa Gente em Primeiro Lugar* foi lançado em setembro de 2009 pela Prefeitura de Juiz de Fora, através da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA), órgão da administração indireta do município. Desde setembro de 2011 o Programa é administrado e gerenciado pela ACAV, através de Contrato de Gestão e vem crescendo e se tornando referência no atendimento sociocultural na cidade, mostrando que é possível a parceria público-privada.

Mais do que incentivar talentos individuais e elevar a autoestima dos cidadãos, o Programa cria e disponibiliza espaços para a socialização e convivência, reduzindo as situações de risco e as vulnerabilidades de seu público-alvo. Para atingir os objetivos firmados são propostas atividades que potencializam o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social, além da vivência enriquecedora e da troca possibilitada pelo fazer artístico.

A ACAV acredita que o *Programa Gente em Primeiro Lugar* seja um meio viável e eficiente para a solução desses problemas, como o estímulo à atividade e à pro-



dução em torno da cultura e das artes, transformando para melhor a realidade social dos participantes.

Os objetivos do projeto são:

- * Desenvolver atividades artísticas e culturais nos bairros da cidade de Juiz de Fora, com objetivo de difundir e multiplicar os conceitos e elementos da arte;
- * Garantir direitos constitucionais;
- * Valorizar e difundir a cultura e as artes;
- * Trabalhar as potencialidades de crianças, adolescentes e jovens, ampliando seu universo cultural, bem como o tempo que destinam a atividades de aprendizagens culturais;
- * Oferecer atividades orientadas e produtivas aos participantes do projeto, como forma de evitar seu envolvimento com marginalidade e drogas;
- * Valorizar a autoestima dos envolvidos, através da participação em atividades culturais e artísticas;
- * Oferecer ao cidadão a possibilidade do completo desenvolvimento de suas habilidades e capacidades, tornando-o mais hábil para a convivência social saudável, senso crítico e consciência cidadã.

O público atendido pelo projeto é formado por crianças, adolescentes e jovens, acolhidos por demanda espontânea ou encaminhados através do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). São, preferencialmente, moradores de bairros periféricos de Juiz de Fora. O Programa finalizou o ano de 2019 com



3.387 participantes nas oficinas presenciais. Em 2020, após o recesso, os atendimentos estavam sendo retomados, sendo que em março (antes da pandemia) 2.031 crianças, adolescentes e jovens eram atendidos em 69 espaços, distribuídos em 54 bairros por todas as regiões da cidade.

Atualmente, em virtude da suspensão das oficinas presenciais em decorrência da pandemia do Covid-19, os conteúdos das oficinas migraram para as redes digitais e estão sendo disponibilizados através de grupos no Facebook, Whatsapp, Instagram e turmas por videoconferência. Alguns eventos culturais também foram adaptados para acontecer de forma virtual.

Após o retorno das atividades presenciais, serão 137 turmas atendidas em diversos bairros e em todas as regiões da cidade: crianças, adolescentes e jovens, além dos Grupos avançados de Teatro (Cia Eita!), Dança (Grupo Diverdança) e Música (Grupo Somos). O programa poderá ter o alcance máximo de 2.466 atendimentos diretos e mais de 10.000 atendimentos indiretos, além do alcance através das redes sociais.

Em resumo, este é um Programa de atendimento a crianças, adolescentes e jovens, por meio do oferecimento de oficinas artísticas e culturais, no con-



traturno escolar, todas gratuitas. As oficinas artísticas oferecidas são dança (sapateado, balé clássico, dança contemporânea e danças urbanas), teatro, artes visuais (grafite e artesanato), música (flauta, percussão, violino e violão) e capoeira.

As oficinas acontecem nos locais através de parcerias, como escolas municipais e estaduais, creches, igrejas, centros espíritas e culturais, obras sociais e sedes de sociedades pró-melhoramentos (SPMs).

A faixa etária é de 6 a 14 anos nas turmas que acontecem nos bairros, em locais parceiros. Além do atendimento nos bairros, o Programa possui núcleos em espaços administrados pela Funalfa (Centro Cultural Dnar Rocha, Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, e Museu Ferroviário). Nesses locais as oficinas culturais são extensivas aos jovens de até 22 anos.

Ao longo desses anos de atuação do *Programa Gente em Primeiro Lugar*, várias turmas foram oferecidas nas áreas das artes visuais, capoeira, dança, música e teatro em diversos bairros distribuídos pelas regiões de Juiz de Fora. Houve uma ampliação dos eventos culturais realizados, que além de fazer parte do



processo desenvolvido nas oficinas, possibilita participação dos amigos, familiares e comunidade, sendo fundamental na formação de público e divulgação das ações do Programa.

A implantação do Centro Cultural Dnár Rocha, que abriga diversas oficinas do Gente em Primeiro Lugar, possibilitou além de aumentar a faixa etária de atendimento, um aprofundamento e continuidade no que é desenvolvido nos outros espaços, levando inclusive a necessidade de criação dos grupos de teatro, dança e música, que representam o Programa em diversas apresentações e participações em festivais.

A equipe de colaboradores em 2021 é composta por dois coordenadores gerais ; cinco Coordenadores de Área (artes visuais, capoeira, dança, música e teatro); 20 Articuladores Culturais; um Atendente de Público e um Motorista. Nossos profissionais participam de uma intensiva formação, pautada no estudo e reflexão de ferramentas possíveis para embasar os objetivos do programa. Vivências culturais (espetáculos, batizado de capoeira, mostra cultural, apresentações nos bairros) e atividades de formação continuada (palestras, seminários, viagens de formação, parcerias com outras secretarias do poder público).

Embora seja de grande relevância em atendimento na cidade, o Contrato de Gestão do programa possui uma certa deficiência, ao não definir metodologias de avaliação dos impactos, pois, sem ter o conhecimento dos mesmos, o contrato de gestão torna-se incompleto e vulnerável, dificultando as justificativas

para manutenção do Programa. Além disso, em algumas comunidades existe a dificuldade em divulgar as oficinas oferecidas, por nem sempre conseguir contato direto com os responsáveis das crianças e adolescentes que moram na região.

É urgente a implementação de outras formas de verificação dos impactos do Programa para avaliar a continuidade das oficinas oferecidas, possibilitando constante crescimento de atuação, além de buscar sempre a melhoria do que é oferecido à comunidade, buscando adequar as ações às demandas e ampliando as possibilidades de vivenciar a arte.

Foi importante no período de suspensão das oficinas presenciais a adaptação na forma em que o conteúdo era disponibilizado, a fim de possibilitar que crianças, adolescentes e jovens não perdessem o contato com o Programa durante esse período, sendo constantemente pensadas formas de facilitar o acesso e ampliar o atendimento, em quantidade, mas também na qualidade.

Posteriormente, com a liberação para retorno das ações presenciais, será necessária nova adequação, possibilitando que as oficinas possam retornar com atuação direta nos espaços parceiros, distribuídos em vários bairros da cidade, além da possibilidade de se manter algumas ações iniciadas nesse momento de distanciamento social, como a maior divulgação do que é oferecido pelo Programa através das redes Sociais.

Em relação às metodologias para aferição dos impactos de sua execução, são utilizadas as seguintes:

- * Reunião semanal com os articuladores culturais e coordenadores sobre funcionamento das oficinas durante as reuniões pedagógicas com toda equipe e dividido por área de atuação (artes visuais, capoeira, dança, música e teatro);
- * Reunião semanal de coordenação geral do Programa e coordenadores de área para avaliar e planejar ações;
- * Coordenadores e Articuladores culturais se responsabilizam pelo Controle de frequência dos participantes; Produção de relatórios quantitativos e qualitativos dos atendimentos;
- * Mensalmente é enviada quantidade de atendimentos em cada área do Programa, podendo ser verificado número de turmas, atendimento total

e média de participantes em cada área. Através desses dados são gerados gráficos que possibilitam comparar os dados de cada mês ao longo do ano;

- * Reunião de avaliação após a realização de eventos culturais de cada área /projeto executado com a equipe do Programa;
- * Relatório anual das ações do Programa, que indica todos os eventos realizados no período, com data, local e público atingido;
- * No Sistema de informação da ACAV é possível coletar dados cadastrais de cada atendido (nome, endereço, telefone, responsáveis, idade, escolaridade...), além de dados de questionário socioeconômico (aplicado em torno de 10% dos atendidos);
- * Algumas pesquisas já foram realizadas através de ferramentas digitais disponíveis, principalmente para avaliar as ações e planejar os próximos passos na adaptação do Programa para as ações virtuais durante a pandemia.

Anualmente a ACAV apresenta prestação de contas à Prefeitura de Juiz de Fora. Essa prestação de contas é composta, além dos balancetes contábeis e financeiros, de relatório de execução. Esse relatório de atendimento mostra todas as ações desenvolvidas no ano, seus participantes, público atingido, além dos gráficos de atendimento que mapeiam o quantitativo mês a mês, área por área, articulador por articulador. Durante o ano esses gráficos apontam as deficiências e sinalizam as flexibilizações nos atendimentos nos bairros da cidade.

Apesar de ser um Programa com mais de 11 anos de atuação, é fundamental avaliar e rever constantemente seu funcionamento e estruturar as adaptações necessárias na sua execução, em decorrência do seu crescimento ao longo desses anos ou por alguma mudança na realidade em que se encontra. Durante bastante tempo a equipe já percebia a necessidade de identificar e coletar dados qualitativos que possam somar aos dados quantitativos já identificados pelo projeto e usá-los de forma eficaz para reforçar a importância do impacto das ações do Gente em Primeiro Lugar, justificando sua continuidade.



Entidade ou grupo responsável

Associação Cultural Arte e Vida (ACAV)

Outros parceiros envolvidos na ação

Prefeitura de Juiz de Fora – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage

Local onde a ação foi desenvolvida

Juiz de Fora/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(32)3212-9662

geplugar@gmail.com

Redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@genteemprimeirolugar (instagram) / [@genteemprimeirolugar \(facebook\) / \[www.acavjf.org.br\]\(http://www.acavjf.org.br\)](http://www.facebook.com/programagenteemprimeirolugar)

Responsáveis pelo texto

Andrea Ventura (Gerente Administrativa da Acav) e Onély Teixeira (Coordenadora Geral do Programa Gente em Primeiro Lugar)

Fotos

Arquivo / divulgação





7 A Juventude Okupa a Cidade (Okupa)



Para apresentar o *Okupa* talvez você deva se apresentar também. Isso porque esse projeto é, de alguma forma, a retomada — a ocupação — de alguns direitos que são tão negados que esquecemos que são nossos e nos apresentarmos ao mundo sem medo de represálias é ocupar o direito de ser (ou de estar). Qual o seu nome? E quando digo seu nome, digo o que diz da sua história, o que você escolheu usar, que pode ser ou não aquele que te registraram logo que nasceu. O que você tem feito? O que procura aqui? O que quer para a sua vida? Tá feliz? Curte qual tipo de rolê? Essas são perguntas que a gente faz em uma primeira conversa, não são? Sinta-se à vontade para respondê-las. Essas perguntas importam, porque o *Okupa* é um projeto em que coletivamente perguntamos e respondemos esse tipo de coisa.

A Juventude Okupa a Cidade teve sua primeira edição em 2011. Realizado naquele ano e em 2012 pelo Observatório das Juventudes da UFMG, em parceria com o Fórum das Juventudes, o *Okupa* — como normalmente chamamos — nasceu como um evento constituído por um debate político sobre direitos das juventudes, articulado com manifestações artísticas juvenis, especialmente periféricas. Já em 2013 ele passou a ser realizado pelo Fórum das Juventudes da Grande BH. Com isso, buscou-se um caráter mais autogestionado e de construção colaborativa para a iniciativa. Em 2017 (na sua sétima edição), o que

era um evento passou a ser uma série de encontros – principalmente de discussão política – que culminaram em manifestações artísticas e políticas em prol dos direitos juvenis.

Feita a apresentação formal do *Okupa*, é preciso ressaltar que ele se apresenta melhor por si só. Digo, que as juventudes constroem e por isso compreendem e explicam melhor o *Okupa* do que um resumo formal. São os lemas usados em suas diversas edições como “Qual o seu grito?” “Um rolê por direitos” e “Onde as lutas se encontram” que explicam os rumos do *Okupa* e o que ele é de fato: um espaço de construção coletiva, de alternativas ao fazer político tradicional, uma demonstração do que se pode alcançar ao se investir em cultura e participação social das juventudes. Além de tudo isso, é um rolê, por que não?

Cada edição do *Okupa* tem um foco específico na gama de discussões sobre direito das juventudes. Já foram discutidos como principais temáticas, por exemplo, a violência institucional e o direito à moradia. Nesse sentido, o objetivo em comum dos *Okupas* (agora em sua 10ª edição) é promover debate político, mobilizar para o fazer em rede do Fórum das Juventudes da Grande BH e incentivar as produções culturais das juventudes, sobretudo negras e periféricas, de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Sua última edição atingiu mais de 200 pessoas diretamente, boa parte delas engajadas em coletivos e grupos, o que pode resultar, e muitas vezes resulta, em uma multiplicação das formações e debates. A única ressalva nesse sentido é em relação à falta de dados quantitativos do público total das nove edições já realizadas, mas entendemos que o *Okupa* tem sido de grande importância no nosso processo de mobilização.

Já a respeito dos processos de construção do projeto, o *Okupa*, em geral, é feito a partir de um diagnóstico colaborativo com as juventudes das regiões e organizações participantes, uma série de encontros formativos (com linguagens diversas) e preparatórios e um evento final, produzido colaborativamente, normalmente aos sábados, que começa de manhã e vai até a noite.

Há um desafio enorme em se fazer política enquanto se enfrentam violações de direitos na pele. Nesse sentido, não aprofundaremos aqui o contexto de violação grave que nossas juventudes sofrem, mas não podemos deixar de mencionar que a maior parte das juventudes, sobretudo negras e periféricas, têm sofrido diariamente violações de direitos humanos e são sobremaneira as mais atingidas pela violência letal e o encarceramento em massa. Estamos enfrentando o genocídio da população negra.

Menciono ainda um desafio específico do *Okupa* que se intensificou na pandemia, que é a comunicação *online*. É notável como a internet e as redes sociais, participam da nossa vida e mesmo alteram nossa maneira de conviver em sociedade. Também não pode ser ignorado que, no Brasil, o acesso à internet não é uma realidade universal. Percebemos, então, como os jovens participantes do projeto nem sempre conseguem se comunicar *online* de maneira efetiva. Assim, o 10º *Okupa* está em curso, sendo adaptado para a realidade atual, e tem sido especialmente desafiador nesse sentido.

Já o processo de continuidade do *Okupa* acontece tanto de maneira orgânica — jovens multiplicando ações e saberes — quanto de maneira mais programada, a partir do convite dessas organizações/ coletivos para participar de demais atividades do Fórum, inclusive os próximos *A juventude Okupa a cidade*.

Em relação a uma avaliação sistemática de impactos, temos tido bastante dificuldade. Por essa razão me inscrevi na Capacitação para Avaliação de Impactos de Projetos Socioculturais do Favela é Isso Aí em parceria com a Plataforma Inspire. Tanto eu quanto os companheiros e companheiras de atuação no Fórum percebemos como um processo importante e absolutamente agregador esse acompanhamento que servirá para *Okupa* e também diversos processos do Fórum das Juventudes.

Outro ponto sobre a formação que acho importantíssimo, mais emotivo que o anterior, é a oportunidade de olhar para esses anos de projeto, perceber os avanços, o que gostaríamos de retomar e o que temos conservado em essência. Olhar para algo que foi construído por outras mãos e vermos como continuamos o processo é uma oportunidade enriquecedora. Diante dos desafios excessivamente violentos que nossas juventudes enfrentam, lembrar que as construções continuam, que outros desafios já foram enfrentados, é um ótimo alento. Bora okupar!



Entidade ou grupo responsável

Fórum das Juventudes da Grande BH

Outros parceiros envolvidos na ação

Fundo Municipal de Cultura

Local onde a ação foi desenvolvida

BH e Região Metropolitana

Contatos dos responsáveis pela ação

algamsilva@gmail.com

Responsável pelo texto

Alga Marina Silva

Fotos

Arquivo Fórum das Juventudes







O Câncer de mama é uma doença grave, que gera medo e insegurança nas pessoas e que levou, ao longo dos anos, à criação de um tabu, a negação da doença como forma de proteção. Este estigma da doença se deve ao pouco acesso da população a informações de qualidade sobre a prevenção, o diagnóstico precoce e a importância do autocuidado. Aliado a este fator, temos uma política pública focada na doença, no tratamento curativo.

Além disso, enfrentar a realidade de um diagnóstico positivo não é uma tarefa fácil. Desenvolver atividades culturais, que contribuam com a inclusão e qualidade de vida da paciente e sua rede de apoio, pode auxiliar na boa evolução do tratamento. Segundo pesquisa do Grupo Suprapartidário para Artes, Saúde e Bem-Estar, órgão ligado ao governo britânico, atividades artísticas podem aumentar em até 42% o bem-estar dos pacientes durante o tratamento contra o câncer.

No final de 2018, após participarmos de um evento cultural em São Paulo, voltado para mulheres pacientes oncológicas, percebemos a importância da cultura como meio de sensibilizar o público sobre um tema tão cercado de medo e preconceito. Assim, no final de daquele ano nasceu o bloco de carnaval *Mama-miga Folia*, com o objetivo de contribuir para a quebra do tabu em relação ao



câncer de mama e, além disso, promover o empoderamento das mulheres que passam por esse processo.

Pretendemos com este bloco aumentar a autoestima da mulher assistida pelo projeto e levar para o público que nos acompanha informações sobre a importância do autocuidado e do diagnóstico precoce do câncer de mama, de forma a contribuir para a transformação da visão geral sobre a doença. Ao repassarmos estas informações aliadas à arte, de forma lúdica, contribuímos para a quebra deste tabu e para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos, relacionados ao câncer de mama. Nosso público-alvo para este projeto são mulheres em tratamento do câncer de mama pelo SUS e suas famílias, em torno de 100 pessoas, seguidores das mídias sociais do *Mamamiga*, foliões do *Bloco Mamamiga Folia* e *Bloco Com Sagrados* e integrantes da bateria dos blocos.

Nos anos de 2019 e 2020 tivemos a participação, neste projeto, de alguns parceiros antigos da Associação de Prevenção do Câncer na Mulher (ASPRECAM), como a 22 Graus Comunicação, responsável pela gestão de nossas mídias sociais, e a Faz Comunicação, responsável pela identidade visual da organização e que desenvolveu a identidade do Bloco. Temos, também, a participação de



novos parceiros que se interessaram pelo projeto e se tornaram colaboradores permanentes do *Bloco Mamamiga Folia*. Em especial, ressalto o vínculo criado com o Bloco Com Sagrados, que tornou possível a realização dos desfiles e oficinas de percussão, a parceria firmada com a design Odette Castro, responsável pelas oficinas de adereços e customização e que tornou nosso carnaval mais colorido e bonito e a empresa Make More, que fornece produtos de beleza e maquiagem, embelezando nossas pacientes e agregando valor ao nosso Kit Folia e às oficinas de automaquiagem. Agradecimento especial ao músico e artista Leandro Nassif, que compôs, voluntariamente, o hino do bloco.

Nestes dois anos de atuação do bloco foi visível a transformação psicológica das pacientes assistidas que participaram do projeto. A mudança é visível ao observarmos a postura delas frente à doença e seus inúmeros desafios. Também notamos uma melhoria nas relações da paciente com sua rede de apoio.

Já foram realizadas três oficinas de customização de abadá (60 pessoas beneficiadas), uma de automaquiagem (15 pessoas beneficiadas), duas de percussão (30 pessoas beneficiadas) e participamos de 12 ensaios de bateria (média de 40 pessoas), além de dois eventos de rua e dois desfiles pré carnaval (300 foliões) e um desfile de carnaval (15.000 foliões).

As oficinas e eventos foram realizados em caráter experimental e os impactos verificados foram aferidos através de depoimentos de participantes, clipping e relatórios das nossas mídias, mas sem estabelecimento de indicadores para as ações e análise detalhada dos resultados. Nos desfiles e eventos de rua foram distribuídos panfletos informativos sobre autocuidado e diagnóstico precoce, mas também não verificamos o impacto desta ação sobre o público. Tínhamos muitas dúvidas em relação aos indicadores de impacto utilizados em projetos socioculturais, que foram esclarecidas a partir da nossa participação no curso oferecido pelo Favela é Isso Aí.

As atividades propostas no projeto do Bloco para 2021 serão de preparação para o desfile de carnaval em 2022 e representam uma forma lúdica importante para repassarmos informações sobre câncer de mama e trabalharmos a autoestima das mulheres em tratamento do câncer de mama. Estas atividades serão desenvolvidas de setembro 2021 a fevereiro de 2022. Serão realizadas oficinas de percussão para formação de instrumentistas, que poderão atuar na bateria do *Bloco Mamamiga Folia* e, em paralelo, oficinas de customização de abadás, confecção de adereços e automaquiagem, todas abertas ao público em geral.

Nestas oficinas, sempre teremos o repasse de informações sobre autocuidado e diagnóstico precoce do câncer de mama. O evento de rua será uma oportunidade de apresentar ao público os ritmos ensaiados pela bateria, além dos produtos criados nas oficinas artesanais. Será montado, também, um stand para o repasse de informações sobre prevenção, diagnóstico precoce e tratamento do câncer de mama e distribuição de panfletos informativos. Trata-se de uma iniciativa em conjunto com outros parceiros, de prestação de serviços à população, de forma gratuita e aberta a todos.

Contemplará atividades ligadas à saúde e qualidade de vida, lazer para adultos e crianças e cultura. Em relação à execução das oficinas, serão seis oficinas de percussão de 2h cada, uma apresentação do bloco em conjunto com a bateria do bloco Com Sagrados, no dia do evento de rua, e mais os ensaios da bateria, dois sábados por mês, a partir de setembro, em preparação para o desfile de carnaval. No carnaval, nosso desfile ocorrerá em conjunto com o Bloco Com Sagrados.

As oficinas de customização de abadás, produção de adereços e automaquiagem acontecerão de setembro a fevereiro, totalizando oito oficinas de 2h cada. Todas as ações são abertas ao público e gratuitas e serão divulgadas previamente. Em paralelo, realizaremos ações de *advocacy*, envolvendo os atores políticos e representantes da sociedade, para a discussão de políticas públicas que garantam o acesso da paciente ao diagnóstico precoce e tratamento e à mudança de paradigma, focando as ações na saúde e não na doença.

Para esta nova fase do projeto estima-se um público de 40 pessoas por oficina nas oficinas de percussão; 20 pessoas por oficina nas de produção de adereços, automaquiagem e customização. O público esperado no evento de rua é de 600 pessoas e o público esperado no desfile de carnaval é de 15.000 pessoas.

No contexto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis da ONU (ODS), o Projeto do *Bloco Mamamiga Folia* está alinhado com as proposições destacadas a seguir:

- * ODS3 – *Saúde e Bem-estar*
- * Meta 3.4: Implementações que busquem a redução da “mortalidade prematura por doenças não transmissíveis”, via **prevenção, diagnóstico precoce e tratamento**, e que ofereçam ações para a “promoção da saúde mental e o bem-estar”.
- * ODS16 – *Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis*
- * Meta 16.10: Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais.
- * ODS17 – *Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável*
- * Meta 17.17: Incentivar e promover parcerias públicas, público-privadas e com a sociedade civil eficazes, a partir da experiência das estratégias de mobilização de recursos dessas parcerias.



Entidade ou grupo responsável

Associação de Prevenção do Câncer na Mulher (ASPRECAM)

Outros parceiros envolvidos na ação

Bloco Com Sagrados; 22 Graus Comunicação; Fábio Ortolan – fotógrafo; Odette Castro – design; Make More

Local onde a ação foi desenvolvida

Belo Horizonte/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

**monicabessa@hotmail.com
(31) 998132515**

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@mamamigaelavida; facebook/mamamiga

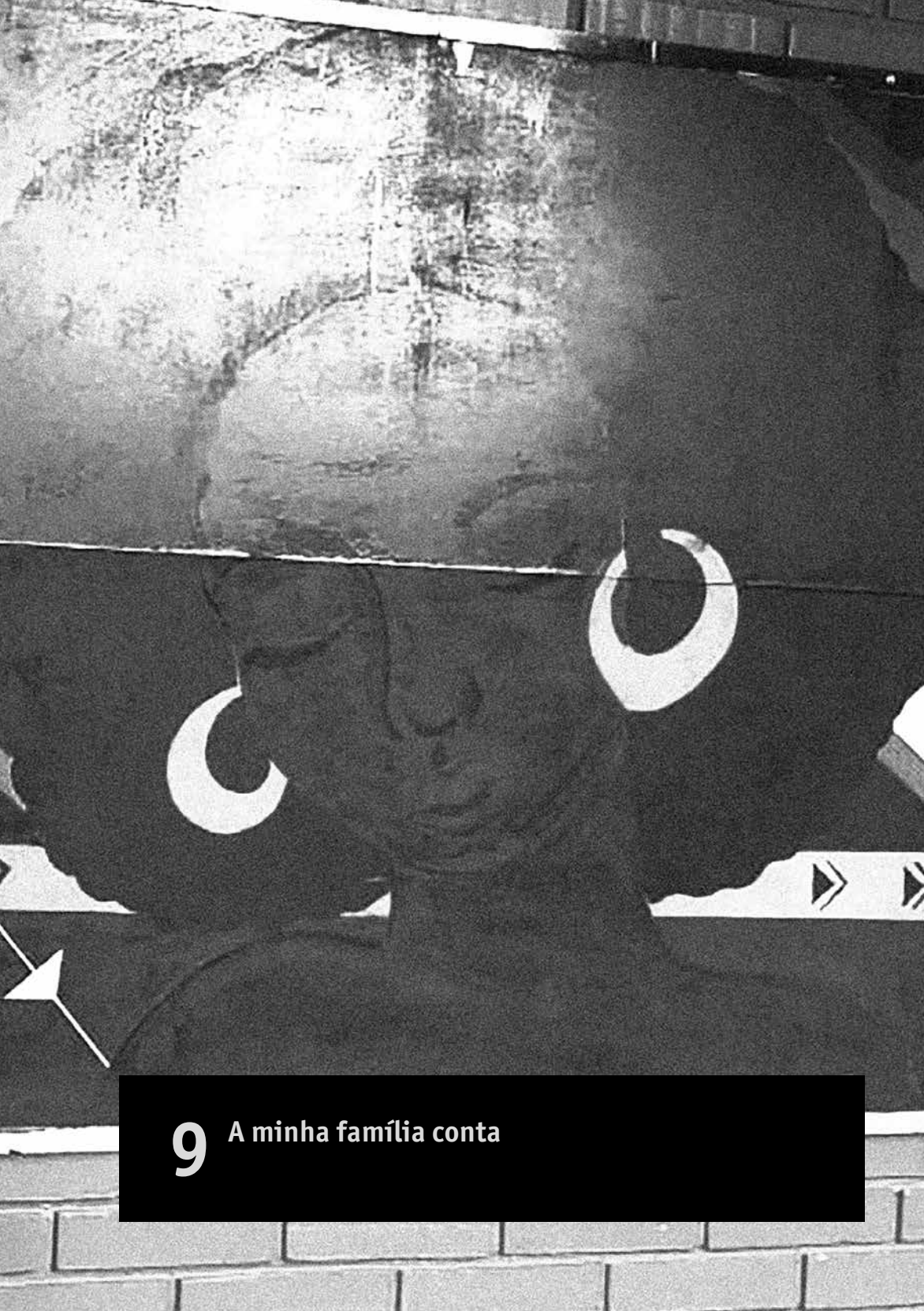
Responsável pelo texto

Mônica Maria Câmara de Bessa Reis

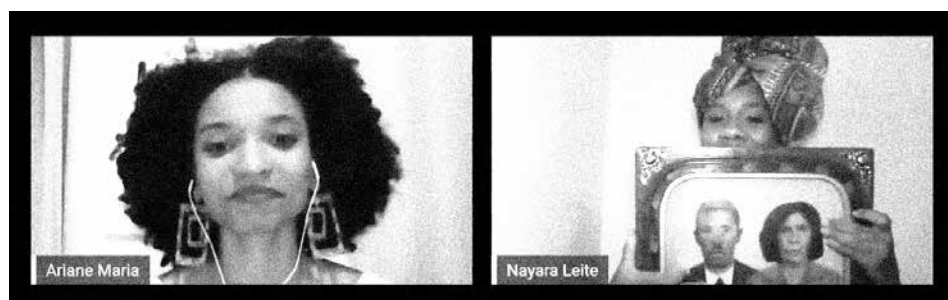
Fotos

Fábio Ortolan





9 A minha família conta



O projeto *A minha família conta* surge em 2019, a partir da inquietação das atrizes e contadoras de histórias Ariane Maria, filha de Angelina Lopes, nascida no Vale do Mucuri, nordeste mineiro e Nayara Leite, filha de Joana Fernandes, nascida em Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. Ambas as artistas são graduandas em Licenciatura em Teatro e bolsistas do projeto de extensão *Literatura Afro-brasileira em Foco*, pela Universidade Federal de Minas Gerais, e há três anos refletem sobre a tradição da oralidade como método de ensino, trazendo um olhar para relações matrizes-toras negras, suas histórias e modos de aprendizagem.

Nossa história começa observando as falas de nossas mais velhas, ouvindo as histórias que são contadas nas transmissões dos saberes e recontos de nossa ascendência. Quando chegamos na universidade, em 2017, começamos a repensar os nossos corpos naquele espaço, a partir das referências em sua maioria estrangeira e branca. Em 2018 entramos para a equipe de estagiárias do projeto *Literatura Afro-Brasileira em Foco* e este espaço nos apresentou o corpo negro na arte como sujeito de sua própria história, com suas ações no âmbito da arte-educação e na contribuição de uma educação antirracista, dentro do ambiente escolar, com a orientação do professor Marcos Antônio Alexandre, nos dando o impulso para a criação do projeto *A minha família Conta*.

O projeto nasce com o objetivo de realizar ações presenciais em escolas públicas das nossas regiões, mas com o surgimento da pandemia e o distanciamento social tivemos que adaptar as nossas ações para o modo virtual, provocando a necessidade de investigar a contação de histórias através da tela e experimentar metodologias de ensino para esta nova plataforma. Assim, decidimos começar as nossas ações com o que tínhamos, nossas casas e a vivência familiar.

Na tentativa de descentralizar nossas produções da capital para as nossas próprias comunidades, nos deparamos com o grande desafio de lidar com a invisibilização das histórias e memórias negras do território contadas por quem vive. A realidade das localidades em que o projeto se insere apresenta a descontinuidade da transmissão da oralidade, a falta de trocas intergeracionais, despertencimento do próprio território, baixa autoestima e várias outras problemáticas. Em contraponto a esses fatos, as contações de histórias familiares negras, periféricas e de interior praticam o ato de contar, a valorização e transmissão dos saberes e o conhecimento de uma nova história influenciada pelo olhar de quem vivencia as cidades, causando pertencimento e a identificação da contribuição negra para a construção do saber.

Após um ano de pesquisa, o projeto *A minha família conta* iniciou suas ações em 2020, com o objetivo de contribuir para a continuidade da tradição da oralidade. A partir das problemáticas apontadas consideramos como foco a visibilização das histórias, memórias e saberes negros de periferia e regiões do interior, através da contação de histórias. Todas as ações são geridas pelas criadoras do projeto e perpassam pelo ato de colher as histórias através da escuta da oralidade, registrar em foto, vídeo, áudio e corpo. Com as contações disponíveis para troca se inicia o processo de procura de ambientes, até então virtuais, para compartilhar, como: seminários, festivais, mostras artísticas, lives, aulas virtuais e oficinas.

A fim de monitorar a realização dos nossos objetivos, temos utilizado como indicadores o número de atividades por ano e consequentemente o número de participantes/visualizações em cada atividade. Com a contabilização destes dados chegamos ao total de oito ações no ano de 2020, divididas entre texto publicado em blog, cinco contações de histórias em festivais e mostras, e mais duas apresentações do processo de pesquisa do projeto em fórum e entrevista. Ao todo, as oito atividades juntas conseguiram alcançar aproximadamente 1.710 visualizações em plataformas como YouTube, Facebook, Instagram e Google Meet.

Em 2021 já realizamos mais três ações, a primeira foi a Oficina de Contação de Histórias: Recontando memórias, com a presença de 18 participantes; a segunda foi a apresentação de um vídeo solo de contação de história em um festival teatral; e logo em seguida a apresentação dos processos de pesquisa



no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), contabilizando até o momento 120 visualizações. Refletindo sobre o público atendido pelo projeto, o formato *online* não nos permitiu ter detalhes de quem são as pessoas que acessam os nossos conteúdos, até o momento a nossa principal ação que pretende ter o controle destes dados é a nossa oficina.

Como mencionado anteriormente, somos um projeto novo, com muitos sonhos, desejos e anseios de crescimento, mesmo com um ano de ações já temos muitas histórias para serem contadas. O desejo de desenvolver o projeto de uma oficina fez parte dos nossos objetivos desde a criação do projeto, e se intensificou ainda mais quando fomos experimentando a contação de histórias no ambiente virtual. Em 2020 enviamos o projeto para um edital da Escola de Belas Artes da UFMG e fomos aprovadas, em seguida surgiu a necessidade de criar a nossa própria rede social e criamos o nosso perfil no Instagram @aminhafamiliaconta, onde é possível encontrar mais informações dos trabalhos que realizamos.

Após lançar a divulgação em nossas redes estipulamos o prazo de 12 dias para divulgar e receber as inscrições, a princípio não sugerimos um recorte específico de público-alvo, porque queríamos entender quem estava tendo acesso às nossas atividades. O plano de divulgação foi feito através das redes sociais, entrando em contato com várias páginas de grupos e coletivos voltados à cultura de Ribeirão das Neves e Teófilo Otoni, com o objetivo de conseguir inscrições

de moradores das cidades. O resultado foi que no mesmo dia de lançamento a oficina ultrapassou o número de 20 vagas estabelecidas, e no final do prazo chegou ao total de 36 inscrições, tornando necessário o desenvolvimento de critérios de seleção.

Tivemos uma inscrição sem endereço, quatro inscrições de Ribeirão das Neves, nenhuma de Teófilo Otoni, cinco inscrições de regiões do interior de Minas Gerais, 15 de Belo Horizonte e 11 de outros estados. Este registro é muito importante, pois demonstra a nossa dificuldade de atingir as regiões que são o foco do projeto. Nossa oficina aconteceu no dia 16 de janeiro de 2021 e alguns dos indicadores utilizados foram: o compartilhamento de memórias das participantes durante a oficina e o número de participantes que relatam ter aproximado da temática, contando com a verificação através de depoimentos e do questionário de avaliação entregue após a atividade, formado por perguntas qualitativas e quantitativas.

Um dos nossos resultados é o trabalho de recontar as histórias através do vídeo. As trocas com as nossas fontes têm causado nessas pessoas o desejo de contar mais histórias, uma narrativa que muitas vezes era vista como algo menor, agora recebe valor e desperta o desejo de memorar. Do nosso público também temos recebido retornos de pessoas que conhecem a mesma história transmitida por seus mais velhos, ou uma história parecida em seu território.

Um exemplo interessante a ser compartilhado foi o recontar da história da mãe de Nayara Leite, Joana Fernandes, através da apresentação *Sorte D'água*, realizada na *Mostra Tu*. Após o trabalho de escuta começamos a organizar um roteiro para o reconto, criamos a contação e apresentamos em formato de *live* no festival, disponibilizando o *link* para que a Dona Joana também tivesse acesso a sua memória sendo recontada.

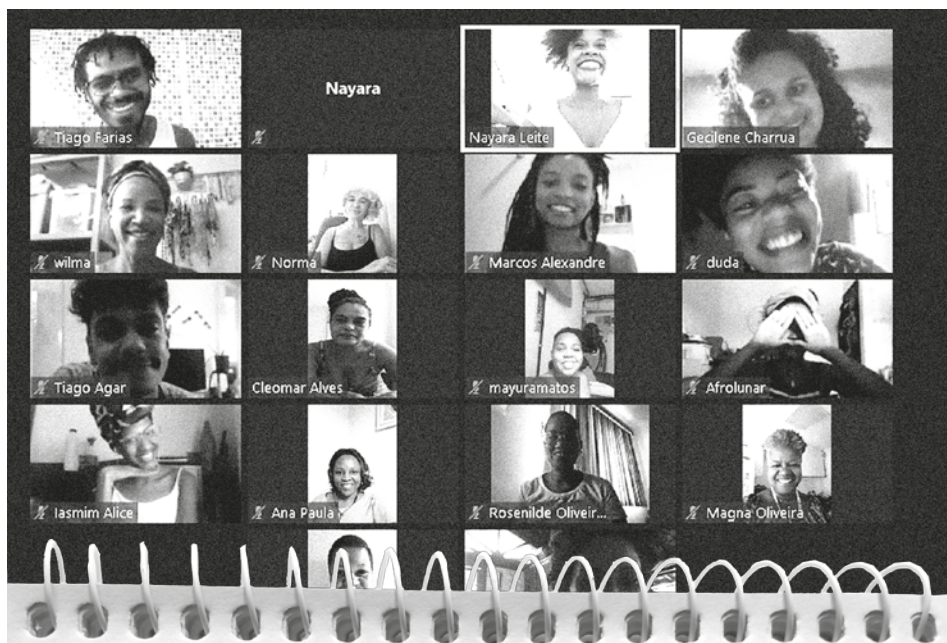
Ao fim da apresentação fomos até Dona Joana perguntar o que ela achou, tendo o cuidado de explicar o trabalho e lendo os comentários feitos pelo público do festival. O resultado além dos retornos positivos foi ato de lembrar a narrativa, ela completou dizendo que se recordou de uma série de detalhes que ainda não tinham sido contados e disse que na próxima vez ela mesma gostaria de contar a sua própria história em um festival. As contações também contribuem para a construção de um novo imaginário a partir da memória, assim, o público que acessa nossas apresentações conhece Ribeirão das Neves e Teófilo

Otoni a partir de um olhar negroreferenciado visto serem cidades formadas por uma população preta, resiliente, afetuosa, com valor e muitas histórias para contar.

Estamos desenvolvendo também um acervo até então interno de histórias, composto por todos os materiais desenvolvidos em nossas ações. A criação de um acervo *online* sempre fez parte dos meios de verificação do nosso projeto e por mais que ainda não esteja organizado em somente uma plataforma nossa virtual, já colecionamos uma série de histórias disponíveis em diferentes redes de acesso.

A experiência da participação do curso Capacitação para avaliação de impactos de projetos socioculturais, módulo 1 e 2 proporcionou ao projeto a revisão de todas as suas atividades, e com isso conseguimos observar que o nosso trabalho tem etapas essenciais e complexas de realização. Estabelecer um projeto que consiga contribuir para o registro da memória em nossas cidades de origem é um objetivo a longo prazo e estamos em sua fase inicial. Ainda que nossas ações referenciem nossas cidades, é objetivo do nosso projeto conseguir atender cada vez mais pessoas de nossas comunidades. Para isso é muito importante para nós ocuparmos festivais, mesas de debate e demais espaços, mas com os exercícios do curso compreendemos que o nosso público-alvo muitas vezes não tem acesso.

O espaço de discussão proporcionado nos fez refletir juntas que precisamos traçar novas estratégias de expansão para estreitar a relação com as nossas comunidades. A ajuda da monitora Sílvia foi essencial para este processo e guiou a realização das mesmas com muito cuidado e afeto. Contudo, compreendemos juntas que a próxima etapa do nosso trabalho deve envolver não só a criação de uma nova metodologia de aferição dos impactos a longo prazo, mas também a construção de um mapa de atuantes em Teatro e Contação de Histórias das nossas regiões foco do projeto, para estabelecermos contato e traçarmos novas formas de interagir com as comunidades.



Responsáveis pelo projeto

Nayara Fernandes da Silva Leite e Ariane Maria Lopes dos Santos

Outros parceiros envolvidos na ação

Literatura Afro-Brasileira em Foco - UFMG

Local onde a ação foi desenvolvida

As ações do projeto se voltam aos municípios de Teófilo Otoni e Ribeirão das Neves/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

nayarafernandes@gmail.com

arianemaria724@gmail.com

aminhafamiliaconta@gmail.com

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

<https://www.instagram.com/aminhafamiliaconta/>

@aminhafamiliaconta

Responsáveis pelo texto

Nayara Fernandes da Silva Leite e Ariane Maria Lopes dos Santos

Fotos

Acervo do projeto





10 MudaMundo



O *MudaMundo* começou a ser idealizado, em 2004, a partir da constatação de um grupo de colegas jornalistas de que vivíamos (e vivemos) uma crise de valores. Por motivos complexos, as famílias não eram mais as responsáveis pela disseminação de valores e, por isso, essa tarefa acabaria sendo das escolas e, especialmente, dos professores. Para contribuir com o resgate de valores em sala de aula, criamos histórias infantis a partir de uma personagem principal, o menino negro chamado João, protagonista das mudanças em seus ambientes de interação – a família, a escola, o bairro e o meio ambiente.

Além das histórias, elaboramos, com a ajuda de pedagogas, um caderno de sugestões de atividades para os professores. Desde o início, para engajar e, mais do que tudo, para sensibilizar os educadores para importância do seu trabalho, realizamos oficinas presenciais nas quais distribuímos os materiais e lembramos o quanto, muitas vezes, a única referência de ética, de respeito, de dignidade e de cuidado daquele aluno é o seu professor.



Também apostamos no acesso à cultura como ferramenta de transformação social e de resgate de valores. Por isso, além dos livros, distribuídos aos professores e às bibliotecas escolares, oferecemos espetáculos teatrais, baseados nas histórias do João, para as crianças dos municípios envolvidos no projeto.

Nosso principal objetivo é auxiliar professores de escolas públicas de Ensino Fundamental I a resgatar valores. Por meio da distribuição de literatura infantil, com histórias em que as crianças protagonizam a mudança; do compartilhamento de sugestões que possam inspirar os professores a tratar do tema e, mais do que isso, ser exemplo, viver os valores; e pelo acesso ao teatro oferecido às crianças, apostamos na criação de um ambiente mais harmonioso em sala de aula, em práticas que constroem cidadania e, consequentemente, na disseminação desses valores para além dos muros das escolas. Esse é o nosso sonho, apostar no trabalho de formiguinha dos professores na construção de um mundo melhor.



Um mundo mais justo, com menos desigualdade, é um sonho muito grande, mas entendemos que podemos contribuir com uma parte e, assim como os professores, nosso trabalho também é de formiguinha.

O primeiro ano de realização do projeto foi 2006. Com recursos próprios, convidamos amigos e familiares e fizemos os “bonecos” dos primeiros quatro livros: Tudo Começa em Casa; Que lixo é esse?; Todo mundo é igual?; e Quer brincar comigo?, escritos por Cristiane Ostermann, Karen Mendes Santos, Susana Guimarães e Lisiane Nunes. O João e sua turma nasceram, e as primeiras ilustrações foram da Vânia Andrade de Oliveira, apaixonada por desenho, psicóloga e tia da Carla de Andrade, nossa assessora de imprensa até hoje.

Com esforço e acreditando no projeto, conseguimos nosso primeiro patrocinador, o que nos possibilitou realizá-lo em algumas cidades do Rio Grande do Sul. Logo entendemos que precisaríamos buscar o apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura para ampliar a possibilidade de captar recursos e realizar o projeto totalmente sem custos para os municípios. Em 2007, além de termos o

primeiro projeto aprovado pelo Ministério da Cultura, realizamos as primeiras apresentações teatrais, baseadas nas histórias dos livros, encenadas pelo grupo teatral gaúcho Cuidado Que Mancha.

O projeto foi crescendo e os desafios aumentando na mesma proporção. Já não estávamos restritos ao estado do Rio Grande do Sul, e as ações em vários estados exigiam, mais do que qualificação da equipe, muita dedicação. A partir de 2010, do grupo inicial de jornalistas, ficaram Cristiane Ostermann, coordenadora do projeto, e Carla de Andrade, assessora de imprensa. Em 2011, em parceria com a diretora do grupo teatral Cuidado Que Mancha, Raquel Grabauska, Cristiane escreve a segunda edição de histórias do João – uma nova versão para Tudo Começa em Casa; Tedê o quê?; Ai, que nojo?; e Será que é uma bruxa? Eram novas histórias, mas sempre com o João tendo ideias para as crianças implementarem as mudanças para construir um mundo mais bacana para todos. Para as ilustrações, contamos com o talento da artista plástica Laura Castilhos. A partir do novo livro, elaboramos, com orientação das pedagogas Sariane da Silva Pecoits e Dorana Wainer Fernandez, novas versões para o caderno do professor.

Em 2016, para comemorar 10 anos de projeto, nova reformulação e novas parcerias. Provocamos o escritor Caio Riter a criar novas aventuras para nossos personagens e, assim, editamos os livros Vamos brincar?; Uma ideia puxa a outra; Um dedinho de prosa; Pequenas ações, grandes mudanças; Hoje é dia do abraço; e Uma mão lava a outra. Laura Castilhos criou novas ilustrações para os seis livros. Para dar vida às personagens, no teatro, convidamos o grupo teatral mineiro Real Fantasia. Com direção de Érica Lima e Marcelo Xavier, os atores Érica Buzelin, Marcus Vinícius e Sérgio Cesário mesclam a manipulação de bonecos com a própria atuação, marcando com maturidade e excelência uma nova fase do *MudaMundo*.

O trabalho de formiguinha exige muita gente. Nestes anos de execução do projeto muitos parceiros foram envolvidos: de design, gráficas, revisores, produtores, técnicos de som, contadores, captadores de recursos, motoristas, tradutores de libras, além da articulação com secretários de educação, coordenadores pedagógicos e professores em 125 municípios no Brasil. E, claro, dezenas de empresas apostaram na cultura e na educação e viabilizaram a distribuição gratuita de livros, oficinas e apresentações teatrais. Foram, até hoje, distribuídos 338.800 livros para 4.839 escolas, atingindo, diretamente, 15.932 professores e 92.979 crianças.



Ao longo desse tempo de execução, fomos amadurecendo o projeto e buscando, cada vez mais, coerência entre o discurso e a prática. Hoje, março de 2021, a equipe construiu uma sintonia e um alinhamento que evidenciam o esforço conjunto para atingir os resultados. Há um ano com as atividades presenciais paradas em função da pandemia, além de Cristiane, Carla e sua filha Carolina Fernandes Silva, Éricas, Marcelo, Marcus e Sérgio, a jornalista Juliana Loureiro, a designer Tavane Reichert e a jovem estudante de audiovisual Stéfany Roloff Krick se responsabilizam pelo desafio de manter o projeto vivo e atuante.

Para manter o vínculo com os professores e com os municípios para os quais tínhamos ações planejadas, criamos a série de entrevistas *MudaMundo Tamo-Junto*. Até o momento foram 32 entrevistas realizadas e publicadas nas redes sociais do Projeto e enviadas, por e-mail e por Whatsapp, para educadores e diretores de escola. A ideia das entrevistas é oferecer acolhimento ao professor neste momento desafiador da pandemia, compartilhar práticas inovadoras e estratégias para manutenção do vínculo do aluno com a escola, além de propor reflexões relevantes como práticas antirracistas, uso da tecnologia e fomento do protagonismo.

Após a captação de recursos, a primeira etapa do projeto é a mobilização do público para os espetáculos teatrais e para as oficinas para professores, que é feita por meio de parceria com as secretarias de educação dos municípios. A partir do primeiro contato e da definição de um interlocutor local para o projeto, construímos o envolvimento dos professores antes da realização das atividades presenciais. Além de apresentações virtuais do projeto, enviamos material complementar por e-mail, Whatsapp e estabelecemos contato pelas redes sociais do projeto. Nas semanas que antecedem as atividades presenciais, enviamos todos os materiais para as secretarias.

As oficinas para professores são atividades bem dinâmicas, nas quais nosso principal objetivo é elevar a autoestima do professor e lembrá-lo de que exerce a atividade mais importante do mundo. Para isso, além de vídeos, realizamos trocas de experiências que valorizam a atividade docente. Nesses encontros presenciais, os professores recebem os seis livros da série e o caderno do professor com sugestões de atividades. Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, os livros restantes da tiragem destinada à cidade são distribuídos às bibliotecas das escolas que mobilizaram professores para os encontros.

Além da oficina de sensibilização, que chamamos de módulo I, oferecemos, aos municípios onde o projeto já foi realizado em anos anteriores, dois outros módulos de trabalho. No módulo II convidamos professores a apresentar os trabalhos que foram realizados a partir do projeto. Nesse módulo, o mais gratificante, além da quantidade significativa de professores que se inspiram por meio de nossas atividades, é o número de educadores que criam ações próprias e transcendem a sala de aula, envolvendo as famílias e, muitas vezes, várias turmas da escola. No módulo III desenvolvemos uma oficina prática de Educomunicação, na qual trazemos os principais conceitos desse campo de conhecimento e material complementar para o professor propor atividades que envolvem o uso das tecnologias de comunicação para ampliar a expressividade e fomentar o protagonismo dos alunos.

Sempre que possível construímos, com os patrocinadores, a ideia de que o projeto seja realizado em municípios pequenos e distantes de grandes centros urbanos e estimulamos que, além das crianças, as famílias sejam convidadas a participar das apresentações teatrais. E isso tem acontecido em muitas cidades, em que temos na plateia muitos adultos, além dos professores. Em algumas localidades, o melhor espaço para apresentação teatral é a praça pública, onde, além da ampla participação dos estudantes, contamos com muitos

moradores como público, sendo que grande parte está tendo a primeira vivência de um teatro profissional.

No *MudaMundo*, as apresentações teatrais realizadas para as crianças são bastante envolventes e interativas. As crianças têm contato direto com os atores e, após as apresentações, realizamos rodas de conversa com professores e alunos sobre a linguagem teatral e encenamos, com as crianças, histórias improvisadas pelo grupo. A ideia é oferecer mais informações sobre os elementos envolvidos nas artes cênicas e incentivar que os professores sigam com atividades lúdicas em sala de aula. Nas escolas em que existem grupos de teatro e projetos de iniciação teatral, promovemos troca de experiências entre os atores e os alunos/professores interessados.

Temos o cuidado de documentar todas as etapas do projeto e colher evidências de sua realização, que reunimos em relatórios apresentados aos patrocinadores e à Secretaria Especial da Cultura. Entretanto, apesar de termos vários indicadores quantitativos – como número de oficinas, número de professores envolvidos, número de apresentações teatrais e número de livros distribuídos – temos poucos dados sistematizados sobre os resultados qualitativos de nossas atividades.

Nas oportunidades em que voltamos ao mesmo município, conseguimos perceber que há um grande número de professores que realizaram atividades e que colheram resultados de transformação relevantes, como aderência dos alunos a determinado tema e, até, mudanças de comportamento em relação a questões ambientais, por exemplo. Mas não temos isso sistematizado e documentado. Ao final das oficinas, aplicamos um questionário, o qual tabulamos e, a partir dele, conseguimos saber o percentual de professores que pretende realizar atividades, o percentual que se sentiu motivado, mas não temos, ainda, uma metodologia para monitoramento e acompanhamento dos professores após a realização das atividades presenciais.

Quantos professores realmente realizaram atividades e qual foi, efetivamente, o resultado conquistado? Melhorou a relação professor/aluno? Valores foram disseminados e, mais do que isso, vivenciados? Enfim, qual a contribuição do *MudaMundo* para mudar o mundo? Essa pergunta nos levou ao Curso de Avaliação de Impactos de Projetos Socioculturais.



Entidade ou grupo responsável

Milani&Ostermann Ltda

Outros parceiros envolvidos na ação

Grupo teatral Real Fantasia

Local onde a ação foi desenvolvida

O projeto já foi desenvolvido em 125 municípios brasileiros, de diversos estados

Contatos dos responsáveis pela ação

Cristiane Ostermann (51) 991532164

cristiane@mudamundo.com.br

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

www.mudamundo.com.br

Facebook: ProjetoMudaMundo

Instagram: @projeto_mudamundo

Responsável pelo texto

Cristiane Ostermann

Fotos

Divulgação Projeto MudaMundo





11 Orquestra Parque Escola Sagrada Geração



O *Projeto Orquestra Parque Escola* foi idealizado com o intuito de permitir o acesso de crianças e jovens à linguagem musical, e através desta linguagem, divulgar a educação ambiental, buscando promover a democratização dos espaços públicos.

A região Oeste de Belo Horizonte destaca-se em relatórios do executivo municipal como a região com menor oferta de espaços e atividades culturais na cidade, logo, o público espectador também é menor que em todas as outras regiões de Belo Horizonte. Há locais, como parques e escolas, que possuem espaços que poderiam receber atividades culturais, mas estão ociosos.

Belo Horizonte tem mais de 50 parques. Muitos deles, como o Parque Jacques Cousteau, possuem estrutura de Teatro de Arena com arquibancadas, que se encontram subutilizadas. Além disso, a área do parque oferece possibilidades de lazer. O parque foi criado sobre um lixão e hoje é uma importante área verde de contemplação. Oferecer o acesso à arte e a consciência cidadã nestes espaços é um de nossos objetivos, através da formação da primeira orquestra de parques em Belo Horizonte.



O projeto nasceu com a característica social de oferecer aulas de teoria e método de instrumento, gratuitamente, direcionado às crianças e jovens, porém, com abertura a qualquer pessoa que se interesse por esta ideia.

A partir do ano 2010, o músico Hércules Azevedo e o Professor Rodrigo Bolívar investiram na ideia de formar um grupo musical no bairro Palmeiras, região oeste, em Belo Horizonte, e se apresentar no Parque Jacques Cousteau. Houve, em 2013, uma tentativa de busca de recursos como forma de impulsionar a ideia, sem êxito. No ano de 2019 fomos contemplados pelo Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte. Desde 2020, devido à pandemia, nossas atividades concentram-se no formato virtual.

No ano de 2014 buscou-se oferecer um trabalho de formação de grupos musicais nas escolas da região, favorecendo, ao mesmo tempo, local para os ensaios dos grupos e as aulas gratuitas de música. Importante neste período foi a parceria com a Escola Municipal Mestre Ataíde e o Parque Jacques Cousteau, que permitiram a realização, amadurecimento do projeto e sua ampliação. Agradecemos aos grupos gestores destes espaços pela confiança.



A *Orquestra Parque Escola Sagrada Geração* é composta atualmente por 11 músicos profissionais voluntários que ministram aulas no projeto, sendo duas professoras exclusivas para musicalização infantil e um maestro e contra mestre. Na parte técnica administrativa somos mais 10 profissionais voluntários distribuídos nas áreas de direito, contabilidade, assistência social, psicologia, comunicação e metodologia educacional.

No ano de 2020 muitas possibilidades e desafios surgiram. Reivindicamos junto à Prefeitura a permissão de uso de imóvel público, dentro da área do parque, para nossa sede. Ali desejamos que funcione um centro de cultura viva, onde projetos culturais da região oeste também pudessem atuar. Os desafios causados pela pandemia do Covid-19 nos mostraram fragilidades e possibilidades. Aulas virtuais para os 263 inscritos no edital do início de 2020, foram oferecidas. Obtivemos cursos de capacitação como o oferecido pelo Favela é Isso Aí.

Devido às características socioeconômicas diversas da região oeste, nosso foco é alcançar as crianças e jovens das escolas do entorno do parque, além de pessoas que estão nos agrupamentos sociais de baixo alcance da cidadania ou vulneráveis. Entendemos que crianças e jovens com acesso à cultura são mais bem instrumentalizadas para a convivência cidadã. Entendemos que a cultura deva perpassar o agrupamento familiar, promovendo tempo e espaços para a convivência coletiva familiar. Por isso não estabelecemos limite de idade.



Semestralmente, divulgamos edital de inscrições para crianças a partir de seis meses. Não há limite de idade para inscrição. Temos atendido em média 250 pessoas por semestre. Uma sede própria para atendimento durante a semana poderia aumentar muito este número de alunos, com horários alternativos, promovendo a oportunidade de estudos complementares e monitoria dos alunos. Semestralmente conseguimos certificar em média 50 alunos que se mantêm nos estudos e continuam nos próximos semestres. Orgulhamos por ter em nosso quadro de professores voluntários quatro destes alunos, que iniciaram conosco seus estudos e encontram-se em curso superior em música, são spalla na orquestra e professores de música do projeto.

Na região do entorno do parque já se percebe um maior conhecimento e expectativa por parte da comunidade por nossas atividades. O processo de acesso à educação, formação e difusão da linguagem musical ofertada pelo projeto se reflete no aumento da procura de aulas e por pessoas querendo se doar pela proposta. Isto mostra um engajamento comunitário em torno de uma proposta coletiva. Existem manifestações em nossas redes sociais. Até o teatro de arena que se encontra no parque Jacques Cousteau está sendo revitalizado a partir do momento que nos manifestamos pela necessidade junto à administração pública, fato este comprovado em nosso site.

Muitas dificuldades ainda estão presentes em nossas atividades: a falta de espaço próprio para lecionar, ensaiar ou guardar os instrumentos; a necessidade de recursos econômicos mínimos que mantenham o voluntário disponível para as atividades; materiais pedagógicos e instrumentos musicais para monitoria dos alunos; a logística necessária para as apresentações; entre outras dificuldades que enfrentamos e precisamos resolver em nosso percurso.

Atualmente, devido à continuidade da pandemia, nossas aulas terão que retornar em formato virtual se preparando para o momento presencial. Nossos projetos paralelos, como a formação da *Orquestra Reciclada*, aguardam este momento presencial, onde continuaremos com o calendário de apresentações no parque denominada *4 Estações*. Incluiremos, junto a instrumentos convencionais, três instrumentos produzidos a partir de sucata. Nossa meta é incluir na orquestra um violino, viola e violoncelo produzidos com material reciclados.

Paralelo a isso, a partir deste semestre, precisamos desenvolver as metodologias de aferição e impacto mais sensíveis, eficazes e reais e atualizar nosso planejamento estratégico. Como ferramentas atuais consolidadas, contamos com o questionário socioeconômico e cultural e o processo de certificação dos alunos. Estes processos nos auxiliam a planejar o atendimento e mensurar o desenvolvimento da formação da orquestra e as apresentações.

Após nossa participação no curso Capacitação para Avaliação de impactos de Projetos Socioculturais percebemos que havia necessidade de melhorar nossas metodologias de aferição dos impactos e execução. Além disso, o atendimento e instrução promovidos durante o curso propiciaram enxergar possibilidades de crescimento da metodologia e atendimento.

Entidade ou grupo responsável

Associação Orquestra Parque Escola Sagrada Geração (AOPESG)

Outros parceiros envolvidos na ação

**Escolas Públicas da região oeste de Belo Horizonte; Parque Jacques Cousteau;
Colaboradores voluntários em diversas áreas**

Local onde a ação foi desenvolvida

Bairro Palmeiras, Belo Horizonte/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

**contato@orquestrasagradageracao.org
diretoria@orquestrasagradageracao.org
(31) 998079149**

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

**www.orquestrasagradageracao.org
Instagram @sagradageracao
Facebook orquestrasagradageracao
YouTube orquestrasagradageracao**

Responsável pelo texto

Rodrigo Bolivar dos Santos

Fotos

Elmo Sebastião Gomes e Guilherme Pivoto Porto

Membros Voluntários do Projeto

Daniel Fernandes Gomes Batista (T.I designer de sites); Vanúbia Firmino (Contadora); (Professora); Elmo Sebastião de Paula Gomes (Comunicação e Jornalismo); Guilherme Pivoto Porto (Comunicação e Jornalismo); Guilherme Andrade Gurgel (Comunicação e Marketing); Hércules de Azevedo Nonato -Stinng - (Contra Mestre); Jonathan Fernandes Santos (Psicólogo); Leonardo Neres Basílio (Maestro); Luiza de Paula Lima (Secretária); Paulo Henrique Assumpção e Silva (Conselho Fiscal) e os professores: Alice Duarte Torres; André Azevedo Abi-Saber; Ariany Cristina Moreira Bispo; Daphne Fortes Marçal; Lucian Brandão Braz; Maic Gouveia de Freitas; Thaís Cardoso Ferreira e Silva e Weider Alef Gomes Cardoso





12 Palhaceando com a banda



A proposta da ação foi fundamentada na diversidade do cenário artístico de Belo Horizonte. O projeto foi pensado e proposto com base no histórico da banda Carlos Gomes, que no passado já realizou trabalhos de execução de trilha sonora ao vivo com artes cênicas, mas que atualmente estava parada com esse tipo de atividade.

A motivação para a criação do projeto foi a carência de espetáculos de circo-teatro com banda de música ao vivo. O que se vê é que muitas vezes se limita os espetáculos ao uso de som mecânico, e, no caso da Banda, muitas vezes se limita as atividades apenas às procissões. Com isso, a banda não forma público e corre o risco de extinção, assim como outras bandas de música em Belo Horizonte.

Outras questões são a falta criação de conteúdo inédito; pouca inovação; o desconhecimento da existência da banda na capital e o desconhecimento de reprises e entradas clourescas.

Assim, o projeto colocou como objetivos: fazer espetáculo em espaços públicos; divulgar o espetáculo e seu conteúdo, ampliando o alcance através das redes sociais; realizar espetáculos em várias regionais de BH.



Os resultados buscados eram a disseminação da arte/espetáculos de circo-teatro e banda de música ao vivo; fomentar a cena; incentivo à cultura; formação de público; alcance de plateia; fortalecer a cultura de circo-teatro e banda; promover reflexões sobre a peça na vida de quem assiste; despertar interesse no público em conhecer mais o trabalho; liberdade de reflexão e crítica do espetáculo; garantir o entretenimento ao público e fazer apresentação também em regiões mais carentes.

A Sociedade Musical Carlos Gomes e o Grupo Maria Cutia foram os realizadores do projeto, que teve como público atendido cerca de 90 pessoas, com perfil diversificado. As comunidades próximas aos centros culturais e praças e parques da região oeste abrigam um público carente de atividades culturais.

O projeto é uma tentativa de dar visibilidade à cena de banda de música e circo teatro, no intuito de perpetuar o trabalho artístico e formar plateia. As principais atividades e etapas são escolha de repertório, elaboração dos arranjos, ensaios com os músicos, elaboração da peça clownesca, ensaios com os palhaços, ensaios com a banda e os palhaços juntos e apresentações.

Como resultados efetivamente obtidos cita-se o envolvimento da comunidade, a ampliação do público presente às atividades ofertadas, o aumento do



número de pessoas presentes a cada atividade do programa (absoluto e evolução no tempo), o atendimento a escolas e a alunos que se inscreveram no curso de música.

As principais dificuldades enfrentadas na realização do projeto foram a evasão, com dificuldade de permanência das pessoas até a conclusão do curso de música; a permanência das pessoas até o fim do espetáculo; a licença do órgão público para a realização do espetáculo em praças, especialmente a praça do Calafate; e a disponibilidade das pessoas para a pesquisa local.

A proposta agora é dar continuidade ao espetáculo, através da venda para municípios próximos à capital mineira e a buscar alcançar outros estados brasileiros.

Até o presente momento o projeto não utiliza metodologias para aferição dos impactos de sua execução. Porém depois de fazer o curso de avaliação dos impactos sociais vamos fazer uma readequação na planilha orçamentária para acrescentar pesquisa de campo para a obtenção de indicadores. O curso contribuiu e vai contribuir muito para meus próximos projetos no quesito de avaliação, desdobramentos e permanência das atividades propostas, novas e já existentes.



Entidade ou grupo responsável

Sociedade Musical Carlos Gomes

Outros parceiros envolvidos na ação

Grupo Maria Cutia

Local onde a ação foi desenvolvida

Belo Horizonte/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(31) 996091189

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

https://instagram.com/banda_carlos_gomes_bh?igshid=1uzu4rp5s0lma

Responsável pelo texto

Marcus Henrique

Fotos

Bia Nicolai



RPreplay_Final16...



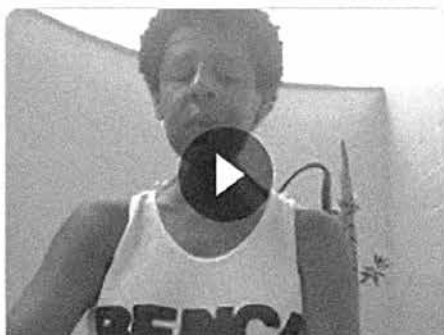
Lucas.mp4



cruz e



video 8.mp4



20210211_17171...



Soraya



vídeo NOVAS EPIS...



transição - cidade...



cruz e



sousa.mp4



vertical - antonieta...



Renata Paz



Martins Fit...



Sarah Vá.mp4



Amanda Freire.MO...



sousa 2.mp...



IMG_3824.MOV



Andeson Feliciano...

13 Pensar novas epistemologias para o ensino do Teatro a partir da lei 10639/2003



20210212_15280...



VID_20210314_16...



VID_20

Pensar novas epistemologias para se trabalhar com teatro a partir da Lei 10.639/2003 é um projeto de ensino realizado por meio da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através do Programa de Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDEG). Está também vinculado à pesquisa de mestrado profissional da atriz e educadora Anair Patrícia dos Santos.

O Projeto surge após o tensionamento entre estudantes do curso de Teatro da Escola de Belas Artes e a instituição, pois o corpo discente questiona a ausência de repertório, materiais e referências já produzidas na cena dos teatros negros durante a formação nas modalidades Licenciatura e Bacharelado, mesmo com advento da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nas instituições de ensino brasileiras.

Neste trabalho contamos com a consultoria da especialista em teatros negros Julianna Rosa de Souza, além da participação de quatro bolsistas: Anair Patrícia dos Santos; Kelly Cristina Spínola; Sarah Vah; e Guilherme Luz. Temos, ainda, a participação da discente Mariana Nolaço e da professora Heloisa Marina, do Colegiado de Teatro, coordenadora do projeto. Por fim, Renca Produções (produtora de conteúdo audiovisual e de interações culturais inclusivas e representativas), assina o trabalho de edição e roteirização da série que estamos produzindo².

² Julianna Rosa de Souza possui doutorado na área pela UDESC e é fundadora do site rede quilombo (@julianna_rosadesouza); Anair Patrícia dos Santos é bolsista de mestrado - Programa de Mestra-



2010314_16...



VID_20210216_17...



Marcos Alexandre...

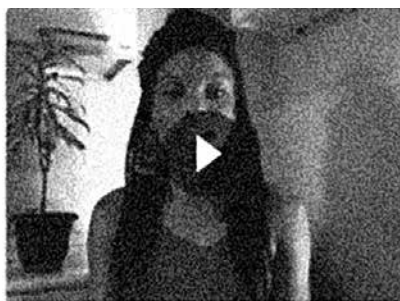
O Projeto tem por objetivo analisar como os/as futuros/as professores/as de teatro estão sendo formados/as para implementar a Lei 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino brasileiras, tanto no âmbito da licenciatura, quanto do bacharelado. Além de ter como propósito que os 240 estudantes do curso tenham conhecimento da referida Lei, valorizar e dar visibilidade às produções teatrais negras contemporâneas dos discentes do curso, dos coletivos de BH e do Brasil, intencionamos des-hierarquizar saberes, gerar representatividade institucional (negra) e contribuir à erradicação do racismo institucional.

A primeira atividade desenvolvida por nós foi a aplicação de um questionário que visa aferir o grau de conhecimento que estudantes do curso de Teatro da EBA/UFGM possuem em relação à já mencionada lei. Além disso, em diálogo com a disciplina optativa *Perspectivas Afro Diaspóricas para o Teatro*, ministrada pela coordenadora deste projeto, temos realizado levantamento de conteúdos a respeito dos teatros negros em todo território nacional. A partir do levantamento deste material, que inclui entrevistas com artistas teatrais

do Profissional Educação e Docência (Promestre) da Faculdade de Educação da UFGM, atriz, professora e contadora de histórias, integrante da Cia Espaço Preto e da Breve Cia (@anair_patricia); Kelly Cristina Spínola é bolsista de graduação Teatro UFGM, produtora do Teatro Negro Atitude, atriz da Cia. Preta de Teatro (@kellycristinaspinola); Sarah Vah é bolsista de graduação Teatro UFGM, atriz performer, contadora de história (@sarah_va_moreira); Guilherme Luz é bolsista de graduação Teatro UFGM, ator, T.U e Lic teatro /UFGM, produtor, palhaço bonequeiro, professor (@guilhermeluzmesmo); Mariana Nolaço realiza estágio docência na disciplina Perspectivas afro-diaspóricas nas artes da cena, atriz (@porta.mundo). A professora Heloisa Marina, do Colegiado de Teatro, responde pela coordenação do projeto (@helomarina).



Vídeo - Ariane Mar...



projeto a minha fa...



VID_20

negres, realizadas por alunes do curso, estamos produzindo uma série-docu-mental. Essa ação conta com a parceria da Renca Produções, responsável pela edição do audiovisual. Outra ação do projeto é a realização de um *blog*, que funcionará como repositório ou biblioteca virtual, com conteúdos variados a respeito de teatros negros. No momento, para alimentar este *blog*, realizamos o levantamento de TCCS, mestrados e doutorados que tratam do assunto, em especial os produzidos por estudantes da UFMG.

O projeto teve início em novembro de 2020, de forma que sua existência é bastante recente. Os resultados ainda são preliminares, mas incluem a elaboração da série documental e do blog-biblioteca anteriormente mencionados. O projeto, ao ter ligação com uma disciplina optativa do curso, tem proposto discussões, estudos e pesquisas sobre os teatros negros, suas possíveis conceituações e desenvolvimento, almejando como principal impacto a aplicação da lei com vistas que esta seja replicada por estudantes do curso que, se já não são, futuramente se tornarão professoras/es e artistas da cena.

Uma vez que está vinculado a ações do Colegiado de Teatro da UFMG, o principal público atendido pelo projeto são estudantes do curso (licenciatura e bacharelado), contabilizando 240 pessoas até o momento.

Miramos, igualmente, a conquista de uma disciplina obrigatória dentro do currículo do curso, pautada em perspectivas não brancas, bem como o avanço nas discussões acerca de racialidade e hegemonia dos tipos de conhecimento reproduzidos em instituições de ensino, dando o devido reconhecimento a



0210210_16...



Kelly Spínola.mp4



Coletivo EnegreSe...

epistemologias negras dentro das artes de forma geral, e do teatro de forma específica. Acreditamos que os principais benefícios que o projeto trará à comunidade estudantil do curso e, em extensão, à comunidade em geral, será o reconhecimento da arte negra dentro da academia, a valorização das pesquisas com temáticas negras e o engajamento dessas pautas no corpo docente, discente e o combate às estruturas racistas.

Para executarmos a websérie entramos em contato com artistas e grupos teatrais que têm uma profunda relevância no cenário artístico belorizontino e que se dedicam a pesquisar os teatros negros, suas culturas e o enfrentamento do racismo no Brasil. Uma das maiores dificuldades para produzi-la advém do momento de pandemia que estamos vivendo. Uma vez que não podemos ir pessoalmente captar imagens, encontramos dificuldades em receber os vídeos solicitados nos prazos estipulados, entendendo que estamos em tempos difíceis para uma grande parcela da classe artística, que tem sofrido direta e indiretamente com a pandemia. No entanto, também tivemos vários artistas que contribuíram prontamente com os materiais solicitados.

Outro obstáculo que encontramos foi com relação ao número de respostas ao questionário que fizemos para os alunos ingressos e egressos, sobre a Lei 10.639/03. Neste quesito, observamos uma adesão muito baixa: até o momento contamos com um retorno de aproximadamente um quarto dos estudantes matriculados no curso, o que nos leva a repensar a metodologia de abordagem de nossa pesquisa.

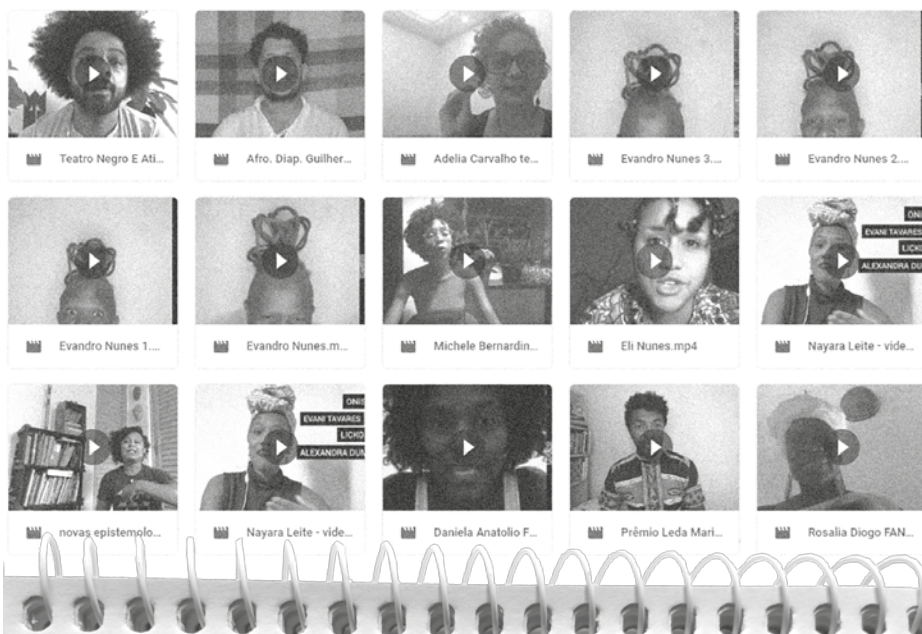
No momento estamos pleiteando junto à PROGRAD uma extensão do projeto, o que nos dará a possibilidade de conferir maior profundidade à proposta de construção do blog e da websérie. Com vistas a alcançar, primeiramente a comunidade acadêmica, mas, também um público externo que se interesse pelo tema que estamos tratando.

Por possuir somente cinco meses de realização, o projeto ainda não se encontra com um diagnóstico pronto para aferição dos impactos que ele causou, mas dentro do curso fizemos uma projeção de como isso pode ser medido. O pensamento em grupo projetou possibilidades para essa ação e chegou à conclusão que podemos medir da seguinte forma:

- * Alunos/as saindo do curso de teatro versando o conhecimento sobre a Lei 10.639/03;
- * Professores/as do curso que tenham conhecimento sobre a Lei 10.639/03 e possíveis conteúdos que contemplem;
- * Alunos/as do curso de teatro realizando TCCs, mestrados e doutorados com referencias de autores e estudos sobre o teatro negro;
- * A criação de uma disciplina obrigatória sobre a esta lei.

Nesse sentido, a participação no curso Avaliação de Impactos de projetos socioculturais, foi de suma importância. Nos engajamos neste curso no momento em que nosso projeto possuía menos de três meses de existência. Através do curso entendemos que o questionário, por exemplo, pode funcionar como o nosso marco zero e, conseqüentemente, no futuro poderá nos apresentar informações e dados importantes acerca do impacto do projeto no que diz respeito ao nosso propósito de diminuir os traços do racismo institucional.

Ao elaborarmos as árvores dos problemas e objetivos, tivemos a oportunidade de trazer mais assertividade às ações do projeto, no intuito de alcançarmos nossos propósitos. E, da mesma forma, a elaboração do marco lógico (que fez fritar nosso cérebro, é preciso dizer), foi fundamental para repensarmos as ações que estamos desenvolvendo, as formas de gerar indicadores para que, ao final do mesmo, nossa prestação de contas junto aos órgãos competentes (Colegiado e PROGRAD), seja profissional, isto é, embasada em dados e informações sólidas que poderão nos levar a ter novas oportunidades de desenvolver trabalhos e projetos com temáticas atuais e relevantes!



Entidade ou grupo responsável:

Projeto do Colegiado de Teatro desenvolvido no âmbito do Programa de Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDGE) - PROGRAD - UFMG

Local onde a ação foi desenvolvida

Belo Horizonte/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

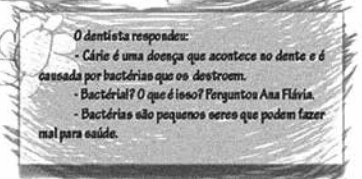
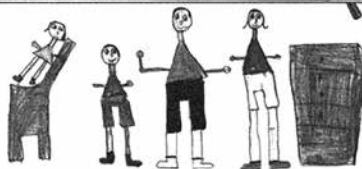
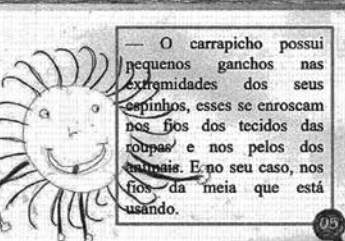
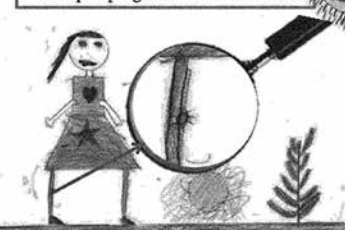
heloisa_marina@hotmail.com

Responsáveis pelo texto

Anair Patrícia dos Santos, Heloisa Marina, Kelly Cristina Spínola, Sarah Vah e Guilherme Luz

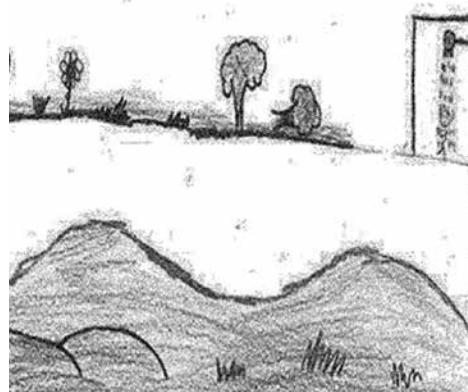


— Mas por que grudou em minha meia?





...você pequeno curioso o que fará a partir de
agora para economizar água?



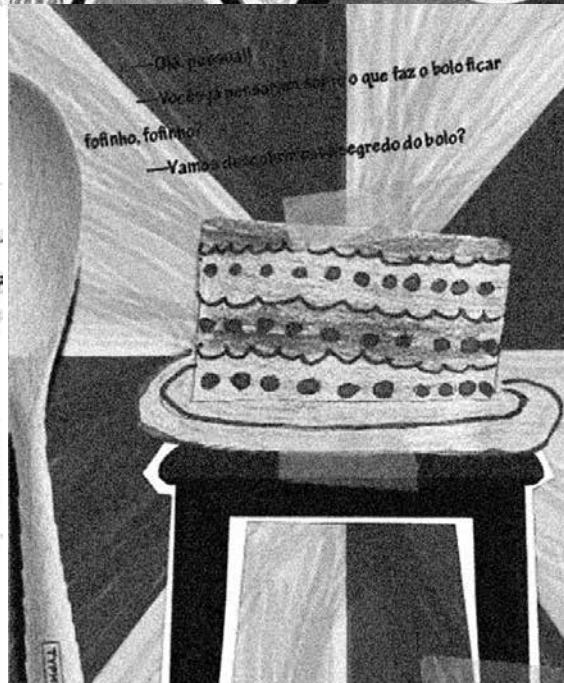
— Como faziam para guardar todos os nomes e formas das
constelações? — Quis saber Aninha.

— Isso era algo bem difícil, pois existem muitas
constelações. Para guardar a forma e a localização, os povos
criavam mitos e histórias sobre elas. — Explicou o pai.

— Que legal! — Disse Aninha.



...princiar de fazer bolinha de sabão? Pergunta Alexandre.
— Ébaza! Vamos sim! Concorde Ana Flávia



— Ah pessoal!

— Vocês já pensaram sobre o que faz o bolo ficar
fofinho, fofinho?

— Vamos descobrir o segredo do bolo?

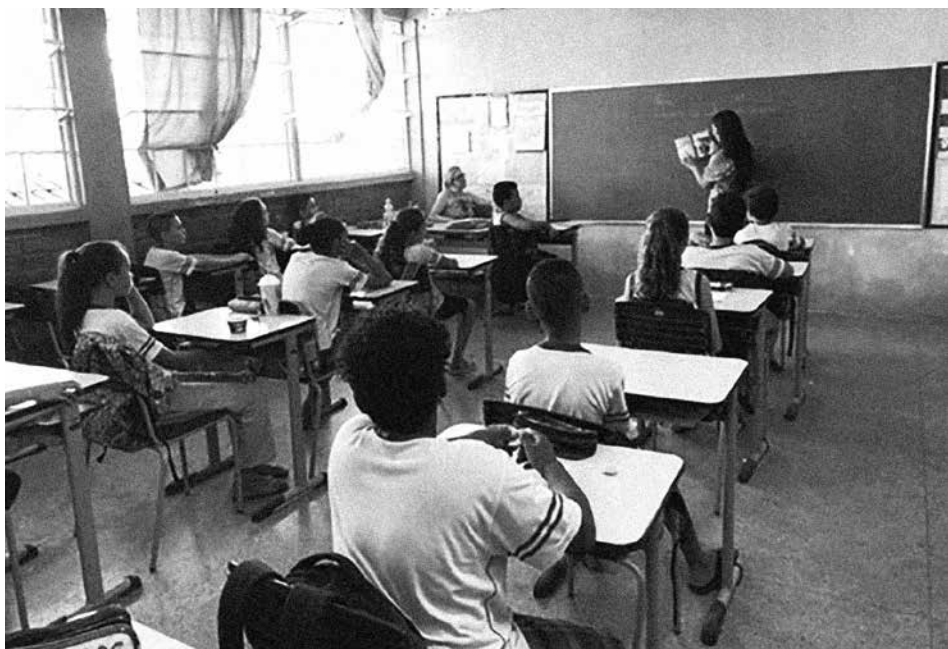


Pra começo de conversa, vamos nos apresentar contando uma pequena história.

Tudo começou há algum tempo atrás, em 2010, quando uma jovem mãe contava histórias para seus dois filhos pequenos dormirem. Esta mãe era uma professora e não se furtava em contar histórias noturnas a seus filhos antes de dormirem. Todas as noites eram abrilhantadas por histórias. Estas sempre despertavam o interesse dos pequenos. Foi indo assim até que seu repertório findou-se e ela resolveu criar histórias envolvendo fatos científicos, explicando-os de maneira simplificada para seus descendentes.

As histórias relatavam as descobertas e invenções dos seres humanos. Descobertas que ajudaram na melhoria da qualidade de vida, bem como a tornava mais agradável. Verificou que seus pequenos tinham o mesmo, ou maior, interesse nesses temas. E sempre interagiam com eles, questionando mais e mais, para entenderem melhor o assunto.

Essa mãe era professora em uma universidade federal. E, atenta aos editais de financiamento de projetos que eram divulgados, observou que havia sido lançado um edital com o propósito de popularizar a ciência. Ela enxergou uma



grande oportunidade de contribuir um pouco mais com a região que estava. Logo, elaborou sua proposta baseando-se nesta prática de contação de histórias sobre fatos e descobertas científicas, que havia iniciado com seus filhos, para que pudesse ser replicada a outras crianças também.

Foi possível perceber que muitas pessoas na região não tinham acesso ao conhecimento científico de forma simplificada e de fácil entendimento. Para contribuir na amenização dessa situação, o projeto se propôs a desenvolver histórias com temas levantados pelas crianças de 6 a 12 anos do ensino fundamental de escolas de municípios do Vale do Jequitinhonha.

A proposta foi aceita e o projeto contemplado. E aí se iniciou uma trajetória que se estende aos dias de hoje.

A identidade visual do projeto foi pensada, elaborada e criada para representar as crianças participantes do projeto, seja como ilustradoras ou leitoras. Pensando em contemplar essa fase da vida, alegre, de bastante energia e muita curiosidade, optou-se por representá-las com estrelas e lupa. Estrelas coloridas, diferentes, cada uma com seu tamanho, sua cor e seu brilho, da forma como muitas pessoas veem esses pequenos, chamados pela equipe do projeto de Pequenos Curiosos.

O principal objetivo é popularizar a ciência junto às crianças.

As ações ocorrem por meio do desenvolvimento de histórias com conteúdos temáticos vindo de curiosidades das crianças, que é muito importante neste público-alvo. Elas sempre procuram entender como as coisas funcionam e indagam:

“O que é isso?”;

“Para que serve isso?”;

“De que é feito?”;

“Como isso funciona?”;

“Por que é assim?”;

“Por que não é de outro jeito?”;

“Por que isso é difícil?”;

“Por quê... por quê... e por quê...?”. São inúmeros os porquês.

Observando esta curiosidade desenvolveu-se a seguinte metodologia, descrita aqui de forma simplificada:

- * Etapa 1: Conhecer o interesse das crianças sobre os temas a serem esclarecidos usando a ciência;
- * Etapa 2: Estabelecer uma ordem de interesse, junto com as crianças, em relação aos temas levantados, priorizando o mais votado;
- * Etapa 3: Realizar pesquisas bibliográficas sobre os temas mais apontados pelas crianças, com a finalidade de esclarecimento baseado na ciência;
- * Etapa 4: Elaborar textos com linguagem correta e adequada para esse público-alvo;
- * Etapa 5: Convidar turmas de crianças para participarem como ilustradoras dos textos após apresentação do projeto e aceite da direção da escola;
- * Etapa 6: Selecionar os desenhos feitos pelas crianças que mais representam o texto e escaneá-los para composição do livro;
- * Etapa 7: Reunir desenhos e texto, intercalando este com as ilustrações pertinentes;
- * Etapa 8: Fazer a revisão de texto, ortográfica e gramatical. Fazem-se as alterações necessárias;
- * Etapa 9: Editar o texto no formato de um livro;

- * Etapa 10: Solicitar ficha catalográfica. Registrar no ISBN;
- * Etapa 11: Imprimir os exemplares;
- * Etapa 12: Lançar o livro com a apresentação às crianças, seus familiares, com uma tarde de autógrafos;
- * Etapa 13: Distribuir gratuitamente os exemplares para as escolas públicas dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Logo após o aceite das crianças para participarem do projeto, o dia da contação de histórias era agendado e então contadas a elas. Depois de sanados os “por quês”, as crianças eram convidadas a ilustrarem a história. Com papel e lápis de cor os desenhos iram surgindo e expressando o entendimento dos pequenos. Desse momento para frente eles passaram a ser chamados de “Ilustres Ilustradores”. Ao terminarem as ilustrações estas eram colocadas junto ao texto e seguia-se para a edição no formato de um pequeno livro.

Após o livro pronto, registrado e impresso agendava-se o lançamento do mesmo. Os Ilustres Ilustradores, convidados de honra, convidavam suas famílias, ou seus colegas de escolas para participação do momento.

As crianças que participaram do projeto recebiam os livros com seus nomes gravados e as suas ilustrações, bem como as escolas públicas recebiam exemplares para suas bibliotecas.

Estas crianças relatam que ao levarem o livro e o mostrarem aos pais e amigos, sempre despertava a curiosidade dos adultos. Estes sempre elogiavam a participação da criança na elaboração do livro. E, de uma forma leve e tranquila, a criança ia fazendo a divulgação e o esclarecimento daquele tema junto aos seus familiares e amigos, participando e popularizando a ciência em seu meio.

O projeto *Pequenos Curiosos* contou com vários parceiros nestes seus pouco mais de 10 anos. Parceiros como diversos universitários de várias áreas que se dispuseram a auxiliar a contação de histórias bem como a diagramação dos livros, parceiros que contribuíram financeiramente com a proposta, como a Fapemig, a Proexc-UFVJM e a ArcelorMittal.

O público-alvo direto do projeto sempre foram as crianças, porém, de forma indireta, sempre alcançou grande número dos pais, familiares e amigos destas.

A produção chegou a todas as bibliotecas das escolas públicas do Vale do Jequitinhonha e do Vale do Mucuri.

No total, 650 crianças participaram como ilustradoras dos livros produzidos no projeto. Todas elas têm seus nomes gravados nestas obras. Todas elas contribuíram ativamente para alcance do objetivo principal. Foram 36 livros publicados; 22 escolas participantes; 54 municípios do Vale do Jequitinhonha e 23 municípios do Vale do Mucuri a receberem as coleções de livros.

Os primeiros 10 livros foram transpostos para áudio a fim de divulgar a ciência para pessoas com dificuldade em enxergar ou dificuldade em leitura. Também foram transcritos em linguagem brasileira de sinais – LIBRAS, a fim de alcançar pessoas surdas também.

De pouco a pouco o projeto vai incentivando o interesse pelos estudos nos pequenos curiosos e despertando ainda mais a vontade de aprender e compartilhar o conhecimento com seus familiares e amigos. Compartilhando o conhecimento científico estar-se-á contribuindo para o melhor e mais amplo desenvolvimento das crianças, bem como do nosso país.

As principais dificuldades enfrentadas na realização do projeto giraram em torno da questão financeira para alcance de um maior número de envolvimento de crianças e alcance das temáticas.

O *Pequenos Curiosos* desenvolve suas atividades de forma presencial, junto às escolas e às crianças, porém, precisou suspender as ações em função da pandemia causada pelo Covid-19. Logo que a situação for normalizada, as atividades voltarão a ser desenvolvidas, enquanto isso estamos repensando a expansão e o alcance, bem como o impacto junto com a equipe do curso.

O projeto sempre se utilizou da mensuração dos resultados por meio dos números. Levando em consideração o número de livros publicados, número de pessoas participantes, número de escolas onde foi apresentado e desenvolvido, número de municípios e de escolas públicas que receberam as publicações.



Entidade ou grupo responsável

Flaviana Tavares Vieira Teixeira

Outros parceiros envolvidos na ação

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Proex, Fapemig

Local onde a ação foi desenvolvida

Municípios de Diamantina, Gouveia e Carbonita/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

flaviana.tavares@ict.ufvjm.edu.br

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

<http://site.ufvjm.edu.br/pequenoscurosos/>

Responsável pelo texto

Flaviana Tavares Vieira Teixeira

Fotos

Acervo do projeto





15 Pesquisa de campo para formação de rede
com atores culturais no município



O projeto, realizado em Governador Valadares/MG, surgiu através de muitas reflexões sobre a conjuntura da realidade cultural do município. Após a realização de algumas ações diretas, abertas e direcionadas aos artistas locais no sentido de dar visibilidade e movimentar a cena cultural local percebemos que faltava alguma coisa. Neste processo ficou óbvia a ausência do Estado e a importância dos impactos que estávamos gerando. Ao perceber o florescimento a partir das ações dos eventos, íamos encontrando forças para fazer mais um e assim foi por um tempo. Até que todos acumularam desgastes pela falta de remuneração e até dívidas pessoais que foram contraídas por alguns militantes para a produção de eventos autônomos, mas gratuitos. Percebemos que a nossa autonomia não era suficiente.

Fomos nos organizando cada vez mais e enfim conseguimos captar recursos para fazer nosso primeiro evento, conseguindo pagar o trabalho e dedicação das pessoas envolvidas. Isso foi o que fez a gente levantar os ânimos e estamos estruturando um evento virtual. A pandemia trouxe em evidência a comunicação, as redes e o audiovisual como chaves nos processos sociais.

Percebemos que precisávamos conectar as pessoas e unir forças para lutar por nossos direitos. O projeto surge com esse intuito. Encontrar as pessoas que formam essa cena cultural, que pode ser uma teia se as pessoas quiserem se unir. Criar pontes. Redes de comunicação, informação e apoio mútuo.

Seus principais objetivos são: promover a organização e articulação dos artistas e produtores locais para aumento da produção artística; e criar um canal de comunicação para articular e empoderar o artístico cultural local.

Quanto a seus propósitos e resultados desejáveis destacam-se:

- * Pesquisas de campo na área da cultura consolidadas que visam fortalecer a identidade com o resgate histórico da cena cultural;
- * Recursos captados através de editais aplicados na cadeia produtiva da cultura;
- * Canal do YouTube com entrevistas e apresentação dos artistas locais;
- * Projeto para viabilizar um espaço físico estruturado para o apoio, formação e integração dos artistas e produtores locais.

A realização do projeto envolve pesquisadores, produtores e atores culturais. Pretende buscar apoio de algumas instituições, mas no momento ainda é uma ação dos coletivos *Brotas* e *Virada Cultural GV*.

O projeto pretende, inicialmente, entrevistar 50 artistas e produtores culturais do município e envolvê-los através de uma rede. Estes artistas estão espalhados pela cidade e muitos a gente nem conhece ainda. O projeto busca romper as bolhas e integrar os artistas de Governador Valadares, que tem um perfil muito desarticulado.

A proposta está estruturada da seguinte forma e fases:

- * Estruturação de pesquisa de campo com os artistas e produtores locais para a formação de um banco de dados disponível para diagnóstico da cena cultural local e também para catálogo de interação entre o grupo;
- * Captação de recursos através de parcerias, editais e leis de incentivo para manutenção, apoio e geração de renda através do projeto aos parceiros locais;
- * Criação e manutenção de um canal no YouTube para divulgação e apresentação dos artistas e produtores culturais e também manutenção do acervo histórico da cena cultural local;
- * Viabilização de espaço físico para integração e troca de saberes dos artistas e produtores culturais através de oficinas e compartilhamento de recursos.

A principal dificuldade para a realização do projeto é a falta de recursos financeiros. Mas também a falta de apoio institucional e articulação dos atores culturais locais devido aos poucos espaços e equipamentos culturais disponíveis.

A proposta é que após a primeira etapa da pesquisa a gente consiga captar recursos para ampliar até atingir 150 artistas.

O projeto está estruturado a partir da metodologia da Matriz Marco Lógico, onde estabelecemos objetivos, ações e formas de avaliação das atividades para medir os impactos. Os meios de verificação serão relatórios, redes sociais e registros audiovisuais. Os indicadores serão: número de atores envolvidos a partir do projeto e o engajamento dos mesmos nas atividades propostas.

O curso de Avaliação e Monitoramento de impactos de projetos socioculturais oferecido pela ONG Favela é isso aí foi extremamente importante para estruturar e organizar as diretrizes do projeto de maneira a colocar no papel um sonho que estava na cabeça de uma maneira que demonstra viabilidade de realização. Esse processo foi animador e gratificante.



Entidade ou grupo responsável

Observatório Criativo GV

Outros parceiros envolvidos na ação

Coletivo Virada Cultural GV, Coletivo Brotas

Local onde a ação foi desenvolvida

Governador Valadares/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

Letícia Firmato - leticiafirmato@gmail.com

Dafny Raposo - dafnyraposo@gmail.com

Getulio Foca - foca.pedranegra@gmail.com

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

@criativogv

Responsável pelo texto

Letícia Firmato Esteves Menta

Fotos

Autores desconhecidos (encontradas no arquivo de redes sociais) e outras de

Letícia Firmato







Criado em 2018, o projeto *Poesia sim violência não* já alcançou 10 mil estudantes. O projeto nasceu após o poeta Marcelo Rocha se deparar com um cenário em que jovens estão cada vez mais inseridos em práticas violentas, mas, por outro lado, esses mesmos jovens apresentavam um grande potencial para serem protagonistas na construção da paz em suas comunidades.

Diante desse cenário foi sistematizada uma abordagem poética que utiliza a poesia declamada como instrumento para convidar jovens aos caminhos da paz e despertar estudantes de escolas públicas para práticas não violentas.

A poesia como instrumento para contribuir com a criação da cultura de paz e com o protagonismo de jovens na construção de uma sociedade mais pacífica. Com essa proposta são realizadas visitas semanais a escolas públicas de Governador Valadares/MG e, através de uma metodologia composta de declamações de poemas e abordagens poéticas, se sensibiliza, motiva e mobiliza jovens estudantes a terem atitudes que contribuam para adoção de práticas não violentas.

Utilizando poemas de autoria de Marcelo Rocha e de diversos outros poetas da literatura brasileira, são abordados temas como amor, respeito, esperança, sonho, educação, paz, sabedoria, perseverança, drogas e assédio, convidando a juventude a dizer não a diversas práticas que contribuem para a violência no dia a dia.

O projeto é um parceiro da escola nesse imenso desafio de sensibilizar corações e mentes a dizer não ao ódio e sim ao amor, a dizer não à violência e sim à paz. Através da poesia, busca contribuir para evitar que esses jovens se tornem violentadores. Tendo como maior desafio povoar de paz uma sociedade povoada pela violência, o projeto vê nessa característica da sociedade a maior dificuldade a ser enfrentada para mostrar aos jovens que a paz é um caminho possível.

A cada escola visitada, além da intervenção poética, são disponibilizadas cinco opções de tecnologias sociais de uso da poesia para a escola e alunos escolherem para implementar e promover a paz na escola e comunidade.

Para João Bosco Pereira Alves, Mestre em Educação e professor da Escola Estadual Sagrada Família, primeira escola a receber o projeto em 2017, “recebemos o Poesia sim violência não por acreditar que, onde a poesia entra a violência não chega. Houve participação de mais de 300 alunos aplaudindo e declarando abertamente que a poesia é uma poderosa arma para atingir o coração com mais amor”.

Dados mostram que a violência nas escolas tem aumentado significativamente nas cidades brasileiras. O Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), do UNICEF, aponta Governador Valadares como o terceiro município de Minas Gerais com a maior taxa de assassinatos de jovens com idade entre 12 e 18 anos dentre as cidades com mais de 100 mil habitantes. Ao mesmo tempo, Minas é o 15º

estado em que os adolescentes mais correm o risco de serem assassinados antes de completar os 19 anos, e se nada for feito para frear a violência o número de jovens assassinados aumentará.

Dos quatro pilares da Educação apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) este projeto é parceiro da escola em dois deles: Aprender a Viver com os Outros e Aprender a Ser, uma vez que atua em prol da educação das atitudes e valores.

Sobre a importância do *Poesia sim violência não* na vida dos jovens que tiveram contato com o projeto, Ana Paula Chaves, aluna da Escola Marcos Geber Sório, afirma que “usar a poesia para promover a paz e levar isso para centenas de jovens é uma grande iniciativa e tem dado muito certo. Pude ver de perto a eficiência desse projeto e posso afirmar que fez toda a diferença na vida de quem já presenciou”.

Com os conhecimentos adquiridos no curso Avaliação de Projetos Socioculturais, o projeto foi reformulado e, em 2021, será realizado de forma virtual (através de *lives*) em edital a ser publicado e aberto para a adesão de escolas de todas as cidades de Minas Gerais. Além das intervenções poéticas e sugestões de projetos para as escolas implementarem, serão criados núcleos da paz, protagonizados e liderados pelos jovens, bem como será ministrada uma capacitação para educadores com o foco na Construção da Cultura de Paz.

Para avaliar o projeto são usados instrumentos como depoimentos de educadores, verificação de mensagens enviadas e recebidas na lista de transmissão do projeto e registro de lista de presença e fotográfico durante as atividades. Através destes meios tem-se que o projeto já alcançou 10 mil jovens de escolas públicas; 1.003 jovens participaram da ação Poema Sem Bla Blá Blá No Seu Celular; uma escola implementou um dos projetos sugeridos, o Declamadores da Paz; e nove escolas passaram a realizar saraus de poesia com mais frequência após o contato com o *Poesia Sim Violência Não*.



Entidade ou grupo responsável

Marcelo Rocha/Instituto Psia

Outros parceiros envolvidos na ação

Escolas Públicas de Governador Valadares

Local onde a ação foi desenvolvida

Governador Valadares/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(33) 988090229 (Whatsapp); (33) 999897588

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

www.institutopsia.com.br

www.instagram.com/poesiasimviolenciano

Responsável pelo texto

Marcelo Rocha

Fotos

Arquivo Instituto Psia





17 Programa Fica Vivo! Ressaca



O *Programa Fica Vivo!* surge de uma inquietação e de uma resposta que se deu diante de uma realidade em que a vida de adolescentes e jovens moradores de vilas e favelas parecia não ter importância. São vidas que se encontram à deriva diante de uma realidade que se revela mortífera, resultante de conflitos entre jovens que moravam em regiões próximas e que acabam se tornando rivais. Uma rivalidade inscrita na formação de gangues, na delimitação de territórios e em pontos de encontro e desencontro, que se tornaram o cenário de trocas de tiros e de mortes.

Como resposta a essa realidade, no ano de 2002 o aglomerado Morro das Pedras, situado na região oeste de Belo Horizonte, foi escolhido para a implantação do Projeto Piloto do que hoje conhecemos como *Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo!* Naquele ano, o Morro das Pedras contabilizara 32 homicídios, o que correspondia a uma taxa de 202,2 homicídios por 100.000 habitantes, número muito alto quando comparado com a taxa de 37,8 registrada para a capital como um todo (BEATO, 2003).

A demonstração da viabilidade do projeto piloto com o envolvimento e participação da comunidade local e os resultados iniciais, como a redução de 45,5% dos homicídios (BEATO, 2006), possibilitaram a institucionalização do Programa pelo Decreto no 43.334 de 20/05/2003, e ao longo dos anos, sua ampliação para outros nove municípios em Minas Gerais (Contagem, Ribeirão das Neves, Betim, Vespasiano, Santa Luzia, Montes Claros, Uberlândia, Governador Valadares, Ipatinga e Juiz de Fora) com mais de 26 unidades de Prevenção à Criminalidade de Base Local implantados.

O objetivo central do *Programa Fica Vivo!* é reduzir os homicídios dolosos entre adolescentes e jovens de 12 a 24 anos. Os objetivos específicos são: a) prevenir e reduzir conflitos e rivalidades violentas envolvendo adolescentes e jovens; b) ampliar a sensação de segurança nas áreas de abrangência do Programa; c) ampliar e fortalecer a rede de proteção sociocomunitária dos adolescentes e jovens atendidos.

As ações e atividades do programa são articuladas em dois eixos de atuação – Proteção Social e Intervenção Estratégica – com a seguinte estrutura:

- 1) análise da dinâmica social das violências e da criminalidade;
- 2) oficinas de esporte, cultura e arte;
- 3) projetos locais; 4) projetos de circulação;
- 5) projetos interinstitucionais;
- 6) atendimentos individuais;
- 7) discussão sobre a letalidade juvenil.

No ano de 2019, por meio da Lei 23.450, o *Programa Fica Vivo!*, junto com os demais programas que compõem a política de prevenção à criminalidade, torna-se política de Estado e pauta na agenda pública a gravidade do problema dos homicídios dolosos de adolescentes e jovens; a defesa da dignidade da pessoa humana; o respeito à vida e valorização da cidadania; a garantia de acesso aos direitos individuais, coletivos e sociais; a concepção de segurança pública como direito fundamental; e a valorização da cultura da paz.

Em 2013 é implantada a Unidade de Prevenção à Criminalidade Ressaca, Contagem, com o *Programa Fica Vivo!* Ressaca com os mesmos desafios identificados em 2002 para reduzir os homicídios entre adolescentes e jovens moradores da área de abrangência composta pela Vila União, Vila Pérola, Ocupação Guarani Kaiowá, Jardim Balneário e Balneário do Ressaca.

Naquele ano, a partir da articulação com a Rede de Serviços e Sociocomunitária, foram identificados espaços e equipamentos públicos, além de parceiros na prevenção e proteção social, e em especialicineiros para a execução das oficinas de cultura, esporte e arte. Um dos critérios para a seleção dosicineiros é ser preferencialmente morador da área de abrangência. Apesar disso, somente em 2018, com a legitimidade que o Programa conquistou no território, vários moradores e referências para a juventude se apresentaram e



tiveram projetos de grafite, dança, percussão, futebol, fotografia, artesanato e temáticas aprovadas, totalizando 10 oficinas executadas e distribuídas pelo território.

Nesse sentido, desde sua implantação, o *Programa Fica Vivo! Ressaca* contribui para a diminuição da letalidade juvenil no território de abrangência, redução dos índices de criminalidade violenta, estabelece vínculos entre os adolescentes e jovens, comunitários e institucionais, além de promover reflexões sobre a própria trajetória de vida e conduta de risco, por meio de ações e atividades voltadas para a organização comunitária, ampliação do acesso à cidade e à Rede de Serviços.

Para ilustrar, no ano de 2018 foi executado, junto ao *Programa Mediação de Conflitos*, o *Projeto Conexão Ressaca*, cujo objetivo foi favorecer o diálogo comunitário e construir um planejamento do trabalho alinhado às demandas locais. O trabalho culminou na realização do Conselho de Segurança Pública Itinerante na Vila União, durante aquele ano. A missão do projeto foi identificar as demandas junto aos moradores e moradoras do território, para a construção com a Rede de estratégias para a resolução dos problemas e/ou conflitos. Representantes de diversas políticas públicas participaram: saúde, educação, assistência social, prevenção à criminalidade e o Grupo Especializado em Policiamento de Área de Risco (GEPAR).

Algumas melhorias puderam ser observadas com a finalização do projeto, desde a pavimentação de uma rua, o fortalecimento da rede comunitária, ampliação do controle social e acesso aos direitos. Cabe ressaltar ainda outro projeto

realizado pelo *Programa Fica Vivo!* no território, chamado *Ocupa Guerreiras!*, cujo objetivo foi fomentar o fortalecimento das adolescentes e jovens e discutir estratégias de prevenção à violência contra a mulher na Ocupação Guarani Kaiowá. A avaliação desses projetos e outras ações do Programa aponta que o público atendido considera o Programa um espaço dialógico e de Proteção Social, além da possibilidade de construção de projeto de vida.

No tocante à execução das atividades, alguns desafios podem ser destacados. O território de abrangência possui poucos espaços e equipamentos públicos para a realização das oficinas. O ideal seria que as oficinas fossem distribuídas, estrategicamente, em locais específicos do território em que há maior incidência de criminalidade violenta, mas na falta desses espaços construímos outras estratégias de atendimento ao público da região que não alcança as oficinas. Contudo, o público que não circula livremente na comunidade, seja por restrições impostas pela criminalidade local aos moradores ou devido ao envolvimento direto com a criminalidade, também não acessa nossas atividades se não as descentralizarmos no território.

Outro ponto que cabe destacar é sobre a suspensão intermitente das oficinas no Programa, conforme recomendações para evitar a propagação da Covid-19. Seguindo as normas de biossegurança e os decretos municipais e o *Plano Minas Consciente – retomando a economia do jeito certo*, o atendimento presencial das oficinas foi interrompido durante aproximadamente oito meses no ano de 2020, sendo retomadas gradualmente em 2020, e interrompido, mais uma vez, em março de 2021, pelo agravamento da pandemia. Nos momentos críticos da pandemia as equipes técnicas prestaram serviço na modalidade de teletrabalho.

Alguns impactos podem ser percebidos, como: fragilização do vínculo com o público atendido (muitos não dispõem de recurso telefônico ou virtual para a comunicação), aumento da incidência das violências, dificuldade de acesso à Rede de Serviços (em sua grande maioria, está funcionando totalmente ou parcialmente, de modo remoto), agravamento da vulnerabilidade social. Especialmente, neste ano de pandemia, pelas questões citadas, tem sido desafiador o contato direto com os adolescentes e jovens e, por conseguinte, as intervenções no fenômeno da criminalidade de modo mais célere.

Em relação aos próximos passos, durante o ano de 2021 e diante do cenário de pandemia, as ações previstas estão focalizadas na execução do planejamento:

fortalecimento dos vínculos com os jovens atendidos e residentes da Vila União e Ocupação Guarani Kaiowá; qualificação dos instrumentais; favorecer a participação social de adolescentes e jovens; e realizar ações de prevenção ao fenômeno da violência contra a mulher no território em parceria com a Rede de Serviços.

Aferir os impactos de execução e avaliação de impacto, de desempenho e efetividade em uma política pública é um desafio, tendo em vista que as ações de uma política não atinge todo o seu público-alvo de maneira igualitária. Percebemos as transformações sociais e comunitárias dos adolescentes e jovens em sua particularidade, isto é, na forma como o indivíduo responde às intervenções realizadas.

Essa avaliação ocorre por meio dos acompanhamentos das oficinas de cultura, esporte e arte; nos atendimentos individuais; encaminhamentos e resoluções das demandas apresentadas; da ampliação da sensação de segurança; na diminuição da criminalidade violenta; e do número de homicídios no território. Todas essas ações são registradas por meio dos instrumentais: cadastro de jovens, lista de presença nas oficinas e projetos, relatório de atendimentos individuais e relatório unificado (quantitativo e qualitativo). Essas são ferramentas que dão subsídios para os indicadores operacionais do *Programa Fica Vivo!*: a) Média de jovens atendidos; b) Número de atendimentos realizados; e c) Número de encontros de oficinas realizadas.

Agradecemos a equipe do Favela é Isso Aí e toda equipe envolvida na capacitação de avaliação de impacto de projetos socioculturais. Na maioria das vezes, os efeitos subjetivos decorrentes das intervenções não podem ser mensurados. Efeitos que influenciam diretamente no atingimento dos objetivos do Programa. Como trabalhadores de uma política pública que realiza o trabalho na ponta, diretamente com o público atendido, percebe-se a grandeza da ferramenta do Marco Lógico e como se faz necessário visitar, aferir e propor melhorias contínuas dessa ferramenta e dos outros instrumentais.

A gestão de projetos sociais é um campo que nos motiva, por ser um trabalho que demanda criatividade, alteridade e desafios. Temos a certeza de que os aprendizados e questionamentos provocados nessa capacitação serão aplicados no cotidiano do trabalho no *Programa Fica Vivo!* Ressaca e demais projetos ou programas futuros nos quais trabalharemos.



Entidade ou grupo responsável

SUPEC/SEJUSP e Instituto Elo (OSCIIP parceira na Cogestão do Programa)

Outros parceiros envolvidos na ação

Programa Mediação de Conflitos

Moradores da área de abrangência Unidade de Prevenção à Criminalidade Ressaca

Oficineiros; Equipamentos que cedem espaço para realização das oficinas e Rede de Serviços.

Local onde a ação foi desenvolvida

Vila Pérola, Contagem/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(31) 3357-7579

Ressacafv@gmail.com

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação

<https://www.instagram.com/seguranca.minas>

<https://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/2020-05-12-22-29-51/programas-e-acoes>

<https://www.YouTube.com/user/SEPSMG>

Responsáveis pelo texto

Alessandro da Silva e Débora Pasquarel

Fotos

Acervo UPC Ressaca





18 Re-existência quilombola: empoderamento e formação em rede



Na cidade de Belo Horizonte e em sua Região Metropolitana existem cerca de 70 comunidades quilombolas, sendo que nenhuma delas é titulada. Essas comunidades, de maioria rural, não possuem acesso a políticas públicas básicas como energia, saneamento, além de sofrerem outras violações de direitos humanos. Em Brumadinho, por exemplo, município que foi atingido pelo desastre-crime da Vale, são quatro quilombos que sofreram os danos; em Belo Horizonte existem comunidades que sofrem ameaça de despejo, e outras comunidades são sufocadas pela especulação imobiliária, que vem pressionando quilombolas a deixarem seu território, dentre outras tantas adversidades atreladas ao racismo e outras violações na pauta dos Direitos Humanos.

A toda essa realidade de violência soma-se o fato de que as comunidades quilombolas da região possuem uma demanda grande por formação sobre seus direitos territoriais, além de capacitação para conseguirem promover sua subsistência através de geração de renda com autonomia. Outro ponto importante é o próprio reconhecimento e valorização identitária que, diante do contexto de discriminação e invisibilidade, muitas vezes são anulados. Este cenário leva muitas famílias ao enfrentamento de vários obstáculos que as impedem de se manterem em seus territórios, pois em muito dificultam a permanência destas



nas comunidades comprometendo assim a própria existência e continuidade dos quilombos.

Alguns membros destas comunidades se organizaram para formar a *Rede Quilombola de Belo Horizonte e Região Metropolitana* buscando, assim, articular, fortalecer e levar formação política aos membros destas comunidades e informação acerca de seus direitos. Atualmente integrantes de cerca de 20 quilombos empreendem esforços em promover ações de fortalecimento dessa rede, e isto significa, sobretudo, fortalecer os territórios e empoderar as comunidades sobre seus direitos, sua identidade e cultura, bem como possibilitar a elas acesso a mecanismos de gestão de seu próprio território. Nesse sentido, o projeto apresentado se propõe a trabalhar seus objetivos a partir de três eixos basilares:

- 1) o eixo da gestão territorial, sustentabilidade e autonomia das comunidades;
- 2) o eixo da assessoria jurídica popular e formação em direitos e
- 3) o fortalecimento da identidade cultural quilombola.

Articulando esses três eixos, o desenho estrutural deste projeto, que se desenvolverá ao longo de 18 meses, se fará com a realização de curso de formação



las da região metropolitana, através do fortalecimento e ampliação da Rede Quilombola, o intento é buscar estratégias para resguardar os direitos garantidos constitucionalmente nos quilombos de toda a região. Esta proposta possui estreita relação com os objetivos e diretrizes do programa federal, posto que se vê orientada pelos princípios da justiça social, da educação popular e da valorização da identidade quilombola.

O problema a ser enfrentado é a ausência de acesso à informação e a deficiência de formação nas comunidades da região metropolitana de Belo Horizonte, bem como a necessidade de fortalecer a articulação entre elas para a defesa de seus direitos.

Os resultados esperados são o maior fortalecimento da Rede Quilombola; a maior aproximação das comunidades à Rede; o maior conhecimento das comunidades sobre seus direitos; e a maior visibilidade sobre a luta dos quilombos da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Assim, entende-se que o processo de formação a ser desenvolvido ao longo do projeto contribuirá para promover a maior conscientização dos povos quilombolas acerca de seus direitos, de sua identidade e da valorização do território, e a preservação de saberes tradicionais e culturais das comunidades envolvidas, em completa harmonia com uma política de equidade racial – visando contribuir com a superação de desigualdades raciais no Brasil.

Participam da ação os próprios quilombolas da região metropolitana idealizadores da Rede Quilombola apoiados por advogadas sociais do *Coletivo Margarida Alves*.

O público beneficiário direto do projeto serão 41 quilombolas, que fazem parte das 1.350 famílias que compõem as 13 comunidades quilombolas de Belo Horizonte e Região Metropolitana de Belo Horizonte. Buscamos alcançar indiretamente aproximadamente 800 comunidades dentro do Estado de Minas.

As principais ações consistem em promover a realização de oficinas de formação contemplando temas variados, a saber: Direitos Territoriais Quilombolas; Organização, Associação, Cooperativismo, Recursos Humanos e contratação de terceiros; Fortalecimento e potencialização de redes locais; Elaboração de projetos; Meio ambiente preservação do patrimônio histórico-cultural;



Comunicação, redes sociais e tecnologia; Manejo e conservação de ervas medicinais; Oficina de percussão e realização de dossiê denúncia a ser enviado ao Ministério Público e órgãos responsáveis pelo cumprimento das legislações quilombolas.

A proposta deste projeto foi realizada no primeiro semestre do ano de 2020, e de acordo com o cronograma as atividades teriam início em agosto deste mesmo ano, contudo, ocorreu um atraso de meses para que o repasse de recursos financeiros se desse. Diante da intensificação da incidência do Covid-19 estamos procedendo à reformulação do Plano de Trabalho adaptando-o ao contexto de isolamento social, primando ao máximo pela preservação dos membros dos quilombos. Este processo de readequação do Plano de Trabalho tem sido outra etapa demorada, tendo em vista que o mesmo é financiado por recursos advindos de Emenda Parlamentar, cujo sistema de controle é extremamente rígido. Logo, ainda não dispomos de respostas e dependemos da execução do projeto para apurarmos os mesmos.

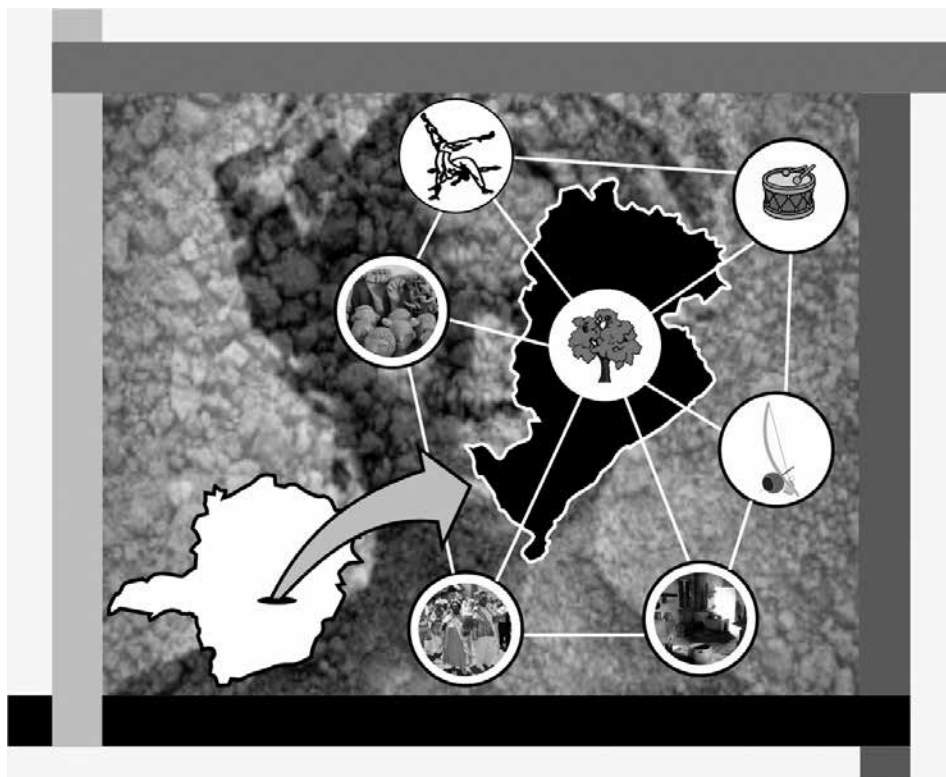
As principais dificuldades enfrentadas na realização do projeto são promover a comunicação **com** e **entre** os quilombos, além da adequação do projeto ao contexto de pandemia, tendo em vista que em várias comunidades além da precariedade do acesso ao sinal de internet, ocorre a falta de trabalho e recursos para manutenção dos gastos de energia e internet.

Inicialmente, os encontros haviam sido pensados para que fossem realizados de forma presencial. Contudo, em decorrência da pandemia da COVID-19 e do alto índice de incidência do vírus em quilombos, que é uma população vulnerável neste contexto, não será mais possível realizar todos os encontros presenciais. Logo, estamos propondo adaptações do projeto que não alteram seus objetivos, mas apenas a forma de execução das atividades, tendo em vista esse estado de emergência sanitária. Além disso, esse projeto permitirá a formação de pessoas quilombolas que poderão replicar esses conhecimentos em suas comunidades, contribuindo para sua organização.

A continuidade das ações será assegurada a partir dos resultados alcançados no prazo de vigência do presente Projeto, uma vez que a proposta é que tais experiências sejam replicadas junto a outros quilombos da região metropolitana da capital mineira. Apostando nas parcerias e na rede de apoio de atuação deste projeto, através do diálogo que já vem sendo realizado com alguns órgãos que apoiam a causa quilombola, e através de esforços coletivos, a rede de formação assegurará a continuidade das atividades na luta por justiça, equidade e combate às desigualdades enfrentadas cotidianamente pelos quilombolas.

Através da atualização de informes sobre as ações e da interlocução com órgãos diversos, na busca pela efetivação das leis que regem o país democrático como o Brasil, com seus acordos e protocolos bem definidos pela legislação, serão ampliados os vínculos com entidades, instituições, empresas, dentre outros colaboradores que tenham interesse na pauta dos direitos territoriais, para que condições de continuidade das ações sejam asseguradas.

Os mecanismos de avaliação e acompanhamento do projeto contarão com uma análise criteriosa das entidades envolvidas e ocorrerão mediante o monitoramento sistêmico, através do qual dar-se-á o acompanhamento e o desenvolvimento de ações de enfrentamento e luta pela manutenção de direitos quilombolas. Uma vez que a proposta é a formação de rede de colaboradores que atuam no estado, que já possuem um histórico de atuação em prol das comunidades quilombolas, a formação contemplará informações de acesso a estes parceiros. Além de acompanhar o desenvolvimento de atividades realizadas pelos próprios quilombolas, a percepção acerca da assimilação das informações ministradas nas formações será avaliada por um questionário oferecido ao final do curso para realização de balanços de resultados alcançados.



As experiências exitosas serão compartilhadas e replicadas em outros quilombos. Além de registradas nos produtos propostos no presente projeto – material pedagógico e vídeos – tais experiências serão inventariadas para que sejam replicadas para quilombolas que não participaram diretamente da formação.

Através de contato contínuo e envio de relatórios, os proponentes darão suporte no desenvolvimento de ações implementadas nas comunidades, que deverá envolver o máximo de membros assegurando aprendizado e perpetuação das atividades de empoderamento, valorização e proteção do grupo em questão. A ideia é que os próprios quilombolas tornem-se futuros replicadores de conteúdos dentro de suas próprias comunidades, sujeitos e protagonistas para atuarem diretamente na consolidação e efetivação de suas práticas, tradições e costumes.



Entidade ou grupo responsável

Rede Quilombola da Região Metropolitana de BH/MG

Outros parceiros envolvidos na ação

Coletivo Margarida Alves

Local onde a ação foi desenvolvida

Quilombos de Belo Horizonte, Santa Luzia, Brumadinho, Contagem e Paraopeba/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(31) 99940.8080

Endereço eletrônico, redes sociais ou outros links para conhecer melhor a ação
redequilombola.mg@gmail.com

Responsáveis pelo texto

Miriam Aprígio Pereira

Fotos

Miriam Aprígio Pereira





19 Sagarana Café-teatro

Sagarana Café-teatro é uma fazenda do século XVIII, com varandão e capela. A casa foi desmontada, transportada de Campina - Águas Claras e restaurada em pleno coração de Mariana. Foi implantada pela Professora Magdalena Lana Gastelois para sua morada e logo inaugurado o Café, em 1998. Desde então abre suas portas para a realização de encontros e do fazer cultural, hoje é referência para artistas da música autoral no país.

Por que Sagarana?

Sagarana não tem no dicionário
Inovação de João
João Guimarães Rosa
O das veredas
Assim desbravador
do cerrado Mineiro
e da língua que fala
Saga é história, narrativa
Mas também é
Saga / Destino
Saga / Procura
Saga / Objetivo
Rã - rana do Tupi Guarani
Ao feitio de
A semelhança de
Tem o sentido de abranger o vasto mundo
O vasto mundo sem porteira, das gerais.
A ideia aqui é esta, juntar o útil ao agradável
Vários úteis, vários agradáveis - prazer, lazer,
Cultura, com os eventos para o espírito
Prazer / lazer para o corpo
a bebida, a comida, o encontro, o bate papo sem limite e sem hora pra acabar.
A reciclagem do antigo, a ressurreição dos cacos,
Na nova casa velha, velhinha em folhas,
o calor do fogão de lenha e do encontro dos corações.

João Bosco Lana



Café-teatro é um espaço alternativo destinado a cultura e diversão. Surgiu na França nos anos 60, abrindo possibilidade para muita gente boa rejeitada pelo sistema. Assim, foi um viveiro de artistas e uma lufada de ar fresco na renovação teatral. O Café-teatro é um espaço informal, de alegria e descontração, onde se vai para ver e se fazer ver, se encontrar e encontrar o outro, participar da cultura fazendo e usufruindo. Um lugar de curtição. Aqui vocês terão o prazer de encontrar pessoas fantásticas e poderosas. Sim poderosas. Com o dom e o poder de nos tornar felizes, felizes a mais não poder.

Você poderá também exercer seus próprios poderes e encantos pessoais e mais: dar palpites, sugerir, modificar. Nossa riqueza é a feita do que temos para dividir e da força que cada um traz. É um segredo que nem doação de sangue: dar é renovar, revitalizar.

Lugar para ser feliz.

Sem Mim
Milhares de tempos
Ondes e quandos sem fim
O mundo se fazia
Até que um dia apareci
Brotei, cresci me fiz e me refiz
Com você perto de mim
Vindo ou passando ou até me criando ou saindo de mim
Cruzando, andando lado a lado
Trocando,
Tocando
E refazendo o mundo
Assim
Um tempo, a gente vai pontuando
Construção
Sem retorno
Um dia
Tudo vai continuar sem mim
Desexistida
Desaparecendo
Com o que veio vindo
Mais um pouco de mim
Na roda viva desse caos sem fim

Madá (1933 - 2008)
15/12/2006

Na Boca do balão foi o evento criado pela Professora Dr. Magdalena Lana Gastelois para o lançamento de suas cinzas, também é o nome dado ao último livro de poesias laçado por ela já fazendo essa referência. Com repertório – sem música fúnebres, Marli traçou o roteiro com Magdalena para a Banda VX de novembro tocar no cortejo junto aos Objetos Voadores – projeto-pesquisa que desenvolvo – que a professora brincava – vou me tornar um objeto voador. As cinzas foram carregadas por um balão e lançada aos poucos com sementes pelas montanhas de Lavras Novas/MG.

Em junho de 2008 recebi o convite da UFOP para reabrir o Sagarana Café-teatro no festival de Inverno e topei na hora. Quando cheguei, a casa estava toda verde por dentro, os móveis e madeiras, praticamente 70% da casa, mofados. Abri as janelas para o ar entrar e o fluxo se restaurou, o sanfoneiro estava à procura do responsável para voltar a tocar na casa e os estudantes sedentos de um local de encontro, troca, escuta, expressões e experiências, a casa tropeira estava viva.

As parcerias do início se mantiveram ao longo dos anos. Com a UFOP realizamos festivais de inverno, projetos de extensão e encerramento de congressos. Junto à Câmara tornamos o evento Na boca do balão oficial no calendário da cidade, garantindo o apoio do município e seguimos abrindo espaço, apoiando novos artistas e coletivos para realizarem seus projetos.

Entre julho de 2008 e dezembro de 2010 implantamos aos poucos três shows por semana. De 2010 a 2015, com o movimento dos coletivos, chegamos a uma média de quatro shows semanais, sendo pelo menos um autoral, vindo de todo canto do Brasil e até da América Latina. Realizamos em média 10 eventos e festivais por ano. Atendemos a uma média de 180 pessoas por noite, 15 autônomos, totalizando 3.000 pessoas atendidas por mês e 200 bandas por ano. A partir de 2016, com a restrição da economia e a concorrência, tivemos que nos desdobrar, reduzir equipe, reduzir shows de artistas de fora, reduzir as ações de oficinas, exposição e apresentações.

Hoje a casa realiza shows ao vivo, oferece aula de dança, realiza eventos, feira, entretenimento e hospedagem. Na pandemia apenas a hospedagem se manteve ativa, mas seguindo os protocolos reduzimos 66% da capacidade do pouso. Já a Lei Aldir Blanc viabilizou novos aprendizados, como este, e viabilizará a

manutenção da casa: pintura geral, afinamento das calhas, dedetização, limpeza, condicionamento dos sistemas de automação, dos freezers, do som e uma parte do tratamento acústico do espaço.

Em suma, o projeto do espaço Sagarana Café-teatro é existir a curto e longo prazo, contando, ouvindo e costurando estórias. Para que isso ocorra de forma contínua diversificamos e fortalecemos as ações e parcerias para sua sustentabilidade. No processo deste curso aprendemos que é necessário avaliar o projeto, destrinchar os impactos, fortalecer parcerias locais e da comunidade, refinar os objetivos, organizar em planilhas o projeto a curto e longo prazo, e abrir novas frentes para garantir a segurança financeira do espaço, mesmo que em estado de pandemia.

Os resultados obtidos são a execução da matriz lógica, a dinamização e diversificação das ofertas e o fortalecimento das redes de agentes culturais e da economia criativa local.

As principais dificuldades enfrentadas na realização do projeto são: a instabilidade econômica, que atinge todas as etapas do processo de produção e o pouco enfrentamento das possíveis parcerias locais e públicas para uma garantia mínima de estabilidade no funcionamento e enfrentamento de crises. A necessidade de melhoria da educação de base no país, para uma melhor compreensão das diferenças e sensibilização da comunicação entre as partes se faz necessário.

Em sua continuidade o projeto Sagarana Café-teatro ampliará as ofertas de experiência no pouso, com novos formatos de hospedagem e diversificação das ofertas. Digitalizará a memória da casa e os arquivos da Professora Maria Magdalena Gastelois para melhor difundi-las e será incisivo em implantar um diálogo entre agentes e artistas culturais da cidade de Mariana, para construir um coletivo que possa dialogar e representar a classe diante o poder público com intuito de melhorar as políticas públicas locais.



Responsável

Ana Lana Gastelois

Outros parceiros envolvidos na ação

Artistas, Coletivos, UFOP e comunidade em geral

Local onde a ação foi desenvolvida

Bairro São José, Mariana/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

agaranacafeteatro1@gmail.com

Redes sociais

<https://sagaranacafeteatro.wordpress.com/>

<https://airbnb.com/h/pousosagarana>

<https://www.facebook.com/sagaranacafeteatro>

<https://www.instagram.com/sagarana.cafeteatro/>

https://www.instagram.com/narrativas_sagarana/

Vídeo realizado aqui por banda autoral

<https://www.YouTube.com/watch?v=acPIH0wS7QI>

Vídeo realizado por alunos da UFOP

https://www.YouTube.com/watch?v=_6Sn80CBNnU

Responsável pelo texto

Ana Lana Gastelois

Fotos

Arquivo Sagarana Café-teatro





20 Os Tesoureiros em Busca das Capitais de Minas Gerais



O projeto foi criado a partir do desejo de divulgar o patrimônio cultural mineiro e de provocar o olhar das pessoas para a existência e importância deste patrimônio. Percebemos que as próprias comunidades não conhecem ou não prestam atenção em lugares, pessoas e atividades culturais e artísticas que representam, preservam e fortalecem a vida cultural das cidades. E por isso não se relacionam com estes, nem aproveitam o que eles podem nos oferecer. E também não se reconhecem como pessoas que têm direito e são sujeitos, agentes culturais, que podem produzir, usufruir e defender a cultura regional/local.

O objetivo do projeto é difundir, através de material audiovisual, lugares, objetos e saberes da cultura mineira, promover seu conhecimento e valorização pelas comunidades onde estão situados e também provocar o interesse da população acerca do patrimônio cultural como seu direito e como elemento constituinte da formação da nossa identidade cultural.



Com a pesquisa inicial, buscamos atender ao público que busca informações sobre o patrimônio mineiro apresentado sem estereótipos, principalmente por estar sendo apresentado por moradores destes polos, bastiões culturais e do folclore local. Com a instauração do processo de virtualização do consumo cultural, este público se ampliou imensamente, pois aqueles que terão acesso a este produto serão de diversos locais, em especial aqueles de países lusófonos. Com a adição das Instituições de Longa Permanência (ILPIs), nosso público agregou a seu rol idosos internados nestas instituições, de ambos os gêneros, e que buscam o consumo deste material para fortificação de seus elos emocionais com sua história e com os saberes coletivos.

Para o Prêmio Mostra da Diversidade Cultural, do Favela é Isso Aí, buscamos pessoas idosas, possuidoras de saberes tradicionais e culturais que constituíram e contribuem para a forma de ser e saber de Minas. Mapeamos a possibilidade de participação de pessoas que tivessem representação local em cidades



polos de importância enquanto “Capital Cultural” de alguma expressão artística e cultural. Por fim, também integramos uma rede de ILPIs em que trabalharemos o resgate das memórias e a fruição do resultado inicial do projeto, já que esta etapa foi readequada por conta da readequação das ações por conta da pandemia de Covid-19. Ainda assim, envolvemos a Paróquia da Igreja da Nossa Senhora da Pompeia, que nos recebeu afetuosa e calorosamente, e também a comunidade do Quilombo Manzo Nugunzo Caiango.

Os participantes do projeto são a equipe, as pessoas entrevistadas no vídeo, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, dona Efigênia, matriarca do Quilombo Manzo Nugunzo Caiango, o senhor Cristovão da Velha Guarda do Samba de Belo Horizonte e o rei-Congo Divino Soares, da Guarda de Moçambique de Jequitibá.

Para o projeto geral temos ações artísticas em Palhaçaria, atualmente em formato de produções audiovisuais, nas quais uma dupla ou quarteto de palhaces

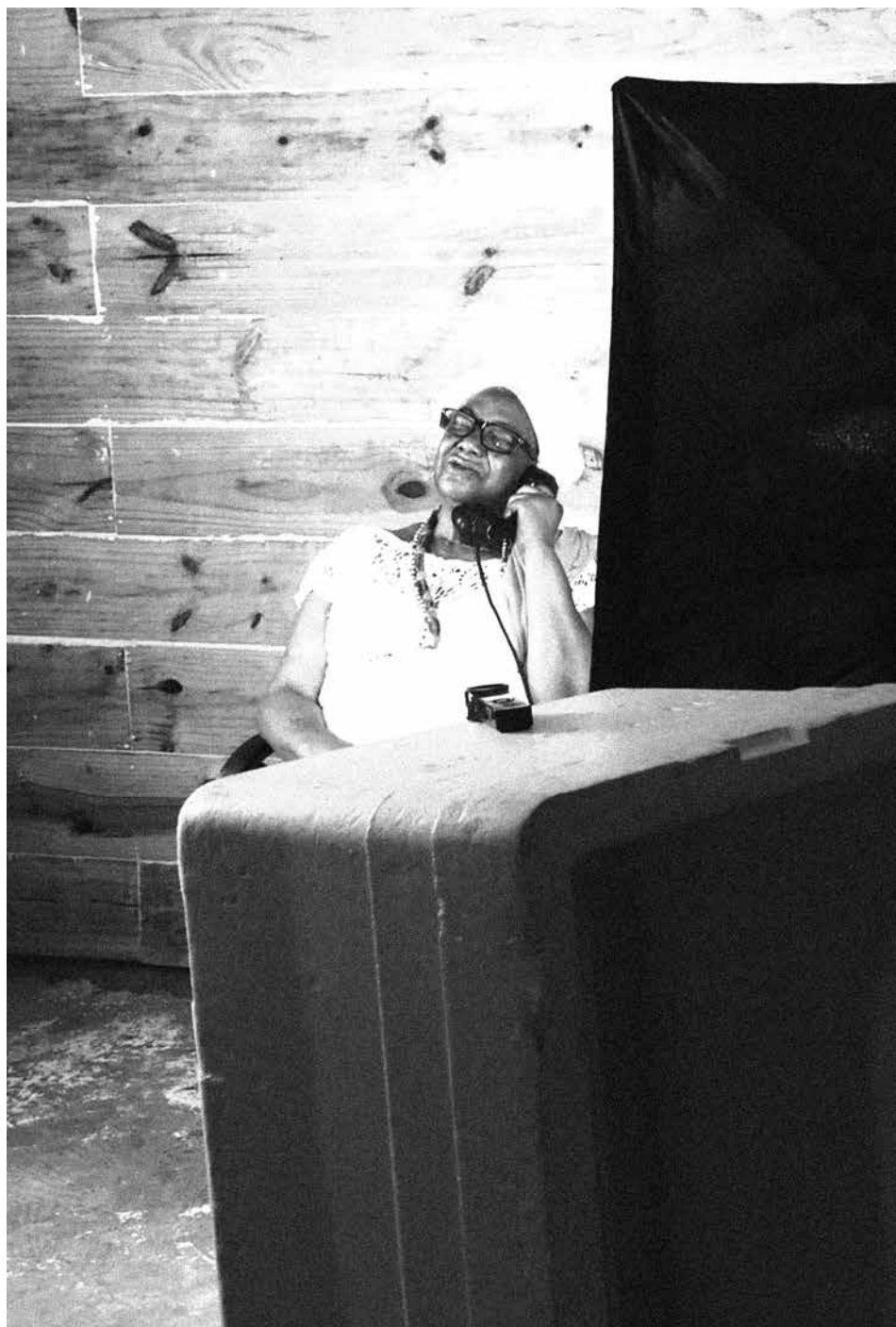
procuram locais importantes do patrimônio cultural e pessoas representativas deste patrimônio. E, por meio de situações cômicas, vão divulgando estes e destacando sua importância para nossa cultura.

Antes da quarentena as ações foram presenciais. Pra isso acontecer, a equipe pesquisa sobre o patrimônio cultural mineiro, identifica e conversa com grupos e pessoas ligadas às manifestações culturais. E a partir destas informações, elabora roteiros cênicos relacionando os lugares, as pessoas, as manifestações e outros conteúdos culturais por meio de uma dramaturgia produzida para esta finalidade. Pro futuro pretendemos realizar outras ações, como oficinas presenciais e virtuais, e um canal onde vamos publicar os novos episódios da nossa “saga” e vídeos curtos com entrevistas, apresentação de lugares e atividades artísticas mineiras, feitos pelos palhaces e convidadas.

Ainda não conseguimos medir o impacto do projeto no nosso entorno, uma vez que toda a movimentação realizada foi de cunho da produção e edição do material inicial, mas por onde passamos houve o interesse do público de saber o que fazíamos. Nosso principal objetivo é resgatar saberes e contribuir para o mapeamento de outros tesouros, utilizando o roteiro cultural do primeiro *Censo Cultural de Minas Gerais*, revisitando lugares, costumes e saberes vários anos depois da sua publicação (1994), nos tornando uma referência na pesquisa e publicação dos saberes do Estado através da arte e da cultura locais.

As principais dificuldades do projeto são:

- * Acessar informações oficiais, uma vez que dados deste tipo não estão devidamente sistematizados. Muitos destes cadastros estão desatualizados e descentralizados. Assim, trabalhos como nosso visam pesquisar através da arte, o estado atual destes dados, deste patrimônio, para auxiliar a produção de conteúdo suficiente para instigar o inventário destes saberes e seus detentores;
- * Conseguir recursos suficientes para produzir os vídeos artísticos e demais ações em formato audiovisual com a pretendida qualidade artística e cultural e devida competência técnica. Como nosso objetivo envolve produzir materiais continuados e permanentes por meio de um canal na internet ou outro meio de comunicação ou suporte físico (DVDs, CDs, livro), precisaremos de fontes de recursos mais continuados.



A partir do *Censo Cultural de Minas Gerais* (1994) e do livro *Festejos tradicionais mineiros: registros da fé e do folclore*, de Deolinda Allice dos Santos (2011), pretendemos desenvolver projetos culturais e de pesquisa para a descoberta de novos Tesouros, publicizando-os em material audiovisual acessível, com-partilhando gratuitamente o produto com a comunidade do estado de Minas. E também ações de pesquisa de campo e oficinas sobre o tema patrimônio cultural usando recursos e técnicas de palhaçaria e contação de histórias.

Pretendemos colaborar com a atualização de dados já existentes e outros materiais fonte para a melhoria no desenvolvimento de políticas culturais e do atendimento da cultura como setor de investimento e reconhecimento público. Para isso, utilizamos o sistema de pesquisas acadêmicas como principal fonte de aferição de nossa presença. Também buscaremos imbricar estes dados nos sistemas locais e regionais de indicadores da cultura, buscando a aprovação em editais públicos para difusão tanto da pesquisa quanto do material artístico. Por fim, em cada apresentação desenvolveremos uma pesquisa de satisfação e permanência dos saberes, de forma lúdica e descontraída.

Entidade ou grupo responsável

Os Tesoureiros

Outros parceiros envolvidos na ação

Tenda em Cena, Aurora B., HLPhonnyx

Local onde a ação foi desenvolvida

Belo Horizonte/MG

Contatos dos responsáveis pela ação

(31) 99479-6319

Responsáveis pelo texto

Zildo Flores e Leo Dovalho

Fotos

Alessandro Araújo / Aurora B; Zildo Flores; Luciene Luba



REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS

PARTE 3

Muitas vozes

O olhar dos professores e orientadores



QUADRO

GRAIO

UNIV

LA

VIO

DOM



Ao longo do curso e do Webinário pudemos perceber que há uma grande diversidade de realidades, de práticas, de experiências e de soluções. Cada território, cada ação, cada projeto tem sua cara, sua particularidade e suas formas de lidar com as questões que se colocam em seu percurso.

Assim, cada vez que trabalhamos estes conteúdos vemos novas coisas e aprendemos mais e de novas maneiras. Cada vez que eu ofereço um curso como este é completamente diferente, porque as pessoas são diferentes, eu sou diferente e as experiências também. Os aprendizados, para nós, equipe do curso, a cada vez são vários e diversos.

O primeiro aprendizado que eu trago pra mim, e que quero aqui compartilhar, é como é importante se manter no rumo, como é importante se manter firme, em pé, de cabeça erguida e tentando realizar seu trabalho. Porque todos esses trabalhos relatados aqui são fundamentais, não há problema se eles não têm ainda uma forma de medir seus indicadores e comprovar o impacto que eles geram em seus territórios.

Existe uma expressão que sempre aparece que é “brilho no olho”. Brilho no olho é uma mudança que a gente ouve em todos os projetos, toda pessoa envolvida em projetos percebe junto ao público com quem ele trabalha, independentemente do perfil do público, sejam crianças, jovens, adolescentes, idosos, mulheres ou comunidades.

Sempre se relata esse brilho no olhar, que, de fato, é a vida, a luz pulsando, a esperança, a expectativa de que aquele projeto traga alguma centelha de mudança, de crescimento, por isso este é um relato muito comum. Então meu primeiro aprendizado é que é preciso continuar atento e forte, seguir o caminho.

O segundo aprendizado que eu tiro deste processo é como uma ferramenta pequena, uma ferramenta simples, pode contribuir sim para alavancar os projetos, para melhorar o nível de diagnóstico, de conhecimento sobre o território e sobre os públicos com os quais nos envolvemos, os parceiros, etc.

Conhecer mais e melhor o território, fazer um bom diagnóstico, pensar em seus objetivos de uma maneira simples, é quase só uma questão de reflexão e de diálogo. Independente das questões de equipe, de recursos para contratar consultorias ou outras demandas do tipo, é no diálogo, na troca de informações, no compartilhamento, no fazer junto que a luz vem, que aquela ideia vem, aquela perspectiva de compreensão do que é que estamos fazendo aqui de fato se concretiza e fica clara.

É muito importante então que os projetos não percam esta prática, não percam o desejo de continuar usando ferramentas, mesmo que simples, para monitorar o dia a dia e avaliar suas ações e os impactos delas, sua real contribuição.

Precisamos também dizer que é preciso que os projetos culturais deixem de ser avaliados estritamente por seus pagamentos, pela prestação de contas. É raro, praticamente ninguém, governo ou financiador, vai ao local checar, ver como o projeto está funcionando. É primordial que os órgãos públicos e privados revejam suas formas de acompanhamento dos recursos incentivados, é necessário reestruturar nossas políticas públicas de cultura.

Lembrando que a real contribuição de cada um desses projetos mostrados aqui não é simplesmente uma contribuição numérica, quantitativa: quantas pessoas eu atendi, ou quantos eventos eu fiz. É a compreensão de qual foi a transformação, o que foi que eu deixei quando eu saí, ou o que a ação deixou quando ela foi realizada. O que mudou para as pessoas, o que ela contribuiu para as pessoas, desde a questão da autoestima até uma transformação do ponto de vista econômico, do ponto de vista de formação humana, política, cidadã...

Ou seja, os projetos que a gente realiza eles têm missões, cada um na sua missão, cada um ligado a seu tipo de público, de contexto e de ação. E só vamos saber se as nossas missões estão sendo cumpridas se a gente conseguir acompanhar a realização delas e o quanto elas estão de fato aderindo e contribuindo para aquelas pessoas e aquele território.

É preciso recriar nossa política cultural

Um grande susto assolou o mundo em 2020, esse ano que parece não acabar nunca. De repente, percebemos que, ao contrário do que nos prometeram, a crise não seria simples e passageira. Como sociedade, nos vimos imersos numa cruel sensação de impotência diante de uma ameaça que nos convenceram ser além de nosso controle. Assistimos então às centenas de milhares de mortes se acumulando no Brasil e em toda a América Latina, enquanto amargamos a fria insensatez de governantes que nos mandam às ruas para salvar esse ente abstrato chamado “economia”, sabendo que o correto seria isolar-nos temporariamente uns dos outros. “Não pense em crise, trabalhe; não existe alternativa”, eis o mantra que querem que acreditemos.

O trauma do enfrentamento (intencionalmente) desgovernado da pandemia na periferia do mundo não pode ser superado, entretanto, sem que algumas de suas lições sejam aprendidas. E um dos pontos centrais do debate é o papel da base da pirâmide na reconstrução que precisamos fazer. A grande massa de brasileiros e latinoamericanos, à qual mal foi cogitada a chance do cuidado e da preservação, não pode ser entregue tão covardemente aos interesses mesquinhos de quem só enxerga a vida mediante as lentes míopes do mercado financeiro, das bolsas de valores, da cotação das moedas estrangeiras, do balanço de pagamentos. Nossos cinco séculos de genocídio ainda não bastaram para quem os assiste do alto.

Levantar-se desta triste sensação de apatia, entretanto, exige uma soma gigantesca de esforços descentralizados. Na base, precisamos agir sempre para lembrar-nos uns aos outros de que não somos meros burros de carga nessa imparável moenda de gente. Somos humanos, criativos, imaginativos, sonhadores, eternos aprendizes. Por baixo da camada de dureza e opressão com a qual infelizmente ainda convivemos, temos um emaranhado de sementes férteis, prontas para germinar assim que regadas com a empatia, o diálogo, a força e a luta coletiva de todos que sabem que o conhecimento é feito para a ação e a transformação.

Pode parecer que este discurso quase utópico pouco tem a ver com a realidade palpável dos projetos que apresentamos neste caderno de experiências. Acre-



dito, porém, que é do enorme emaranhado dos mais diversos experimentos sociais que renascerá a força da luta política que o Brasil precisa voltar a empunhar – ainda que isso não se faça em uma ou duas gerações.

Cada roda de conversa realizada, cada curta-metragem gravado, cada peça de bordado terminada, cada livro impresso, cada espetáculo montado, cada poesia recitada conta. Política cultural é coisa séria. É a partir dela que se desperta o protagonismo, o autoconhecimento, a coragem, a confiança e a imaginação de cada um. Sem imaginação não existe superação. O insistente esforço neofascista de desmonte daquilo que o Brasil tem de mais genuíno não vingará. Para tanto, precisamos manter viva a pujança das ações, iniciativas e projetos que vem da base. Precisamos ainda que todos os esforços coletivos de reconstrução de uma política cultural sejam efetivos, tragam resultados e impulsionem novos grupos a buscarem sua autonomia de pensamento e de ação. Cada vez que projetamos horizontes, metas, objetivos e resultados é disso que estamos falando.

Paulo Morais, consultor orientador Módulo 2



Nos foi uma grata injeção de esperança descobrir a diversidade e a potência de projetos que estão sendo pensados e realizados no atual contexto do nosso país, em que cotidianamente nos é subtraída a saúde física e emocional.

Durante nossa trajetória junto aos projetos aqui apresentados pudemos mergulhar mais a fundo em problemas que são recorrentes em todo o país e, a partir deles, pensar nas soluções com que cada um poderia contribuir para transformar o entorno em que vive para melhor, almejando a utopia, palavra guia para se acreditar e agir por um futuro melhor.

Foi uma trajetória curta, mas muito intensa e profissionalmente muito enriquecedora. Conhecer cada um, os que fazem parte dos projetos, e conhecer os próprios projetos. Foi muito desafiador: colocar no papel e trazer as pessoas para colocar no papel também as ideias de uma forma prática, entender como avaliar os processos que já estavam ocorrendo ou que viriam a ocorrer.

Muitas destas ações foram apresentadas aqui, de re-existências, que contemplam novas epistemologias que trazem urgências do mundo, de se reconhecer o valor da vida, da alegria, da saúde, do educar através do afeto e tantas outras de que poderíamos escrever páginas e mais páginas.

Conhecer esses projetos foi reafirmador de que a potência transformadora está em ações pragmáticas, que num primeiro momento podem parecer simples, mas que quando observadas de perto se mostram complexas e grandiosas em seus impactos. Como contar e ouvir histórias de famílias que foram invisibilizadas durante séculos, Okupar espaços com corpos e pensamentos que propõem e cobram mudanças, contribuir para o processo de formação política das pessoas, dançar na rua junto do seus, fazer música nos parques.

A alegria é também uma ferramenta para a transformação social. A palavra alegria tem em sua origem um verbo que significa produzir, que traz a conotação de que quem é alegre é fecundo e produtivo. E comprovamos isso juntos, de que resgatar a alegria através da música, da palhaçaria, do carnaval com a

sabedoria do impacto dessas ações, transforma vidas, transformando maneiras de pensar, sentir e agir.

Conhecer esses projetos é um chamado para persistir e reexistir na alegria, conscientes dos problemas que precisamos enfrentar e buscando nela a força para agir. Estamos vivendo tempos críticos e reconhecer e medir o valor do impacto gerado por esses projetos é alimento para que eles possam se alastrar como exemplos de esperança.

Sílvia Maia, consultora orientadora Módulo 2

A gente sabe que não é fácil produzir cultura nesse país, é uma escolha que a gente tem que fazer de coração aberto. Eu queria comentar aqui, em primeiro lugar, a diversidade dos formatos dos projetos. Temos projetos que são mais estruturados, com CNPJ e equipe; projetos mais independentes; projetos que vêm de uma relação mais aberta, que usam mais as redes sociais, enfim.

Acho que é importante frisar que cada projeto é único, a gente realmente não tem uma receita de bolo pronta, e é importante exatamente um diagnóstico para que cada um compreenda qual é a necessidade do seu projeto. Às vezes a formalidade, que é muito buscada por alguns, não é o que outros buscam, é mais uma rede inclusive afetiva, de suporte emocional, a partir das atividades de artesanato e de bordado e tudo mais e ao mesmo tempo. A gente tem outros grupos já mais estruturados do ponto de vista administrativo, fiscal, etc.

O outro ponto que eu gostaria de destacar são os aspectos comuns, colocados por todos: a importância da formação de público, de ocupar espaços, de transformar para melhor, de utilizar a cultura dentro desse padrão, do acesso, da ocupação... Eu entendo que isso é um aspecto comum a todos os projetos, um objetivo comum a vários deles.

Dentro desse contexto, realço a questão da voz, da oralidade, das trajetórias, histórias, enfim, projetos que são diferentes, especiais e específicos pelo seu contexto, de sua cidade, da sua localidade, mas que ao mesmo tempo buscam esses eixos, e têm esses eixos em comum, essa centralidade em comum.

Flávia Botelho, professora do curso.

Uma surpresa positiva, motivadora! Assim defino minha percepção do que foi o curso *Avaliação dos Impactos de Projetos Socioculturais* no que se refere ao nível de adesão e desempenho de cada um dos projetos socioculturais participantes. Trabalho com planejamento estratégico há anos e raramente vi um tema específico, técnico, ser tão bem adotado e desenvolvido durante os cinco encontros de execução do programa. Logo a principal razão desta imediata adesão tornou-se evidente: a necessidade por ferramentas de planejamento que subsidiem a gestão. Quando ainda da abertura das inscrições para o curso, em um curto período de tempo de cerca de umas semanas, as 200 vagas foram preenchidas.

No 2º módulo, que é o aqui analisado, contribuiu para com o sucesso de participação a admissão apenas de membros de projetos em execução. Neste formato de seleção dos projetos, a relação entre estes e os consultores se constituiu com objetividade em função da demanda de cada projeto e pela consciência da realidade obtida pela atuação nas comunidades, público-alvo dos projetos. Foi uma dinâmica produtiva. Não se tratou tão somente de mais um curso de aprimoramento do conhecimento, mas de aprender ferramentas teóricas com aplicação efetiva imediata em cada uma das experiências.

Aliás, este aspecto do aprendizado foi declarado por todas as equipes. Assim, os exercícios previstos durante o curso foram realizados como sendo ações reais de gestão de cada projeto, o que trouxe “para dentro do curso” dados realistas, base para o aprimoramento da análise de realidade, que, ao final, é um dos objetivos principais quando se estuda indicadores e meios de verificação dos impactos sociais.

Dito isto, faço uma observação das mais relevantes quando discutimos metodologias de pesquisa ou de entendimento da realidade onde estamos atuando, estudando. Não há como conhecer e entender a realidade senão interagirmos com ela o máximo possível e esta interação acontece através do diálogo, da participação, do respeito à diversidade e da capacidade de resolvermos as adversidades que naturalmente vamos encontrar. Por isso a importância, já destacada, percebida pelas equipes de se capacitarem para melhor entender essas realidades.

Indicadores, meios de verificação, planilhas de apoio à gestão dos projetos, só têm sentido se constituídas na origem da prática cotidiana de quem de fato

executa as ações e se assim construídas, tornarem-se ferramentas efetivas e eficazes de aprimoramento desta prática. Por isso o esforço em sistematizar e compartilhar este conhecimento produzido coletivamente. Qual é o objetivo maior de nossas ações socioculturais, senão melhorar a qualidade de vida da população, para além de todo este arcabouço teórico e prático elaborado?

Por fim, registro minha alegria por ter conhecido pessoas e ações tão fundamentais para a transformação imprescindível de nossa realidade.

Parabéns ao Favela é Isso Aí, pela iniciativa. Parabéns aos participantes que tornaram o curso um grande sucesso.

Compartilhar para crescer. Sempre!

Renato Clepf, consultor orientador Módulo 2



Muitas vozes

O olhar dos alunos



A participação no curso por parte de Glenda Bastos e Marcela Menezes, inicialmente, se deu de forma independente uma da outra, mesmo que ambas compoñham o *Coletivo Balaio*. Ao longo da formação, percebemos que seria muito potente se aplicássemos o conhecimento na experiência que compartilhamos no Balaio. Foi assim que, durante o primeiro módulo, nos incentivamos em momentos de dificuldades e trocamos ideias e compreensões a partir do que o curso oferecia. No segundo módulo, então, quando compreendemos a proposta da consultoria, a nossa participação no curso fez muito mais sentido, e, juntas, trabalhamos em cima de um projeto nosso que está em execução.

Todo o curso foi fundamental para despertar em nós a importância e a centralidade da avaliação das ações e projetos que construímos. Além disso, o curso nos forneceu modelos e ferramentas que são amplamente utilizadas para avaliação de projetos sociais e culturais, de forma muito concreta, a ponto de nos despertar o interesse por aplicar esse conhecimento, e essas ferramentas, em nosso dia a dia.

Na nossa realidade, a gente sempre percebeu a potência das ações que fazemos, porém sem ter muitas possibilidades de dedicar à mensuração dos impactos que geramos. Ter acesso, de forma tão qualificada, prática e até “simples”, por meio deste curso, é fundamental nesse sentido. Temos clareza que entre conhecer as ferramentas e ter condições de aplicá-las existe uma distância grande, porém, certamente, esse curso foi e tem sido um divisor de águas na nossa reflexão sobre que tipo de organização queremos ser e como queremos atuar nas nossas comunidades. E isso passa pelo planejamento das nossas ações, pela construção de parâmetros de avaliação, e pela avaliação dos projetos que desenvolvemos, em si.

Todo este processo, com certeza, irá contribuir para a melhoria do projeto que estamos desenvolvendo e a partir do qual trabalhamos neste curso, porém também para a nossa atuação em geral, porque conhecer e compreender melhor o que fazemos permite tomadas de decisão mais acertadas, a reorientação do projeto e, conseqüentemente, um melhor alcance de seus resultados.

Glenda e Marcela, Coletivo Balaio



O curso contribuiu no sentido de ampliar as possibilidades de verificação desses impactos e estimular a busca por métodos possíveis de serem aplicados à realidade da Associação Cultural Arte e Vida e do *Gente em Primeiro Lugar*. A consultoria no módulo II foi muito esclarecedora e possibilitou discussões que reforçaram a intenção de cada ação que já é realizada, além de conseguir perceber o que ainda é necessário ser feito, guiando o planejamento dos próximos passos.

Onely e Andréa, Gente em Primeiro Lugar



Fui convidada para participar do módulo prático do curso pela Ismália. Caminhamos juntas por um longo caminho e carregamos a mesma essência e amor pelos projetos voluntários, cada uma com suas vivências em projetos diferentes, e no caso da *Casa Assistencial Ana Maria do Rosário* vivenciamos em épocas e momentos distintos. Aceitar este desafio foi o abrir de uma porta, onde estavam novos conhecimentos sobre ferramentas que há tanto tempo buscava conhecer. Nosso grupo prático foi enriquecido com a participação do Luiz e do nosso mestre Renato Clepf. Quanta generosidade e conhecimento nos foram apresentados, o Renato nos guiou com muito carinho, envolvimento e disponibilidade. Nos orientou passo a passo na construção da Árvore de Problemas e na Árvore de Soluções, trazendo clareza sobre as nossas visões, desvendando e tornando possível a construção do Marco Lógico. Sou grata por todo aprendizado e por aprender um pouco sobre esta dinâmica de organização. Agradeço também ao nosso grupo, pela inteireza, aceitação e partilhas, e ao Renato que nos conduziu com tanta sintonia, leveza e humanidade. Gratidão.

Poliana, Casa Assistencial Ana Maria do Rosário

A impressão mais significativa que me foi causada por meio do curso foi a oportunidade de vir a contribuir com as questões que permeiam os trabalhos assistenciais desenvolvidos na *Casa Assistencial Ana Maria do Rosário*. Outro ponto de fundamental importância foi a chance que tive de me envolver com uma metodologia que permite gerenciar projetos culturais (que podem apresentar expressiva inserção social) a partir da elaboração de indicadores e critérios de avaliação que possam balizar as ações e atitudes que se façam necessárias às transformações pretendidas.

Em relação às reuniões virtuais que realizamos, considero que foram muito produtivas, muito em razão, acredito, do fato de cada membro do grupo ter conseguido utilizar suas experiências profissionais e pessoais, no sentido de fazê-las convergir a um foco em comum, representado pela obra assistencial em questão. A ferramenta metodológica, com a qual tivemos contato no curso (‘árvore dos problemas’, ‘árvore dos objetivos’, e ‘Marco lógico’), que estávamos a conhecer pouco a pouco foi, na verdade, nosso ponto de apoio sobre o qual traduzimos nossas inquietações na forma de um problema central. A partir desse ponto foi-nos possível visualizar mais facilmente as ramificações que, muito provavelmente, estejam servindo de sustentação, ou melhor, de causa tal problemática. Por outro lado, no ápice desse organismo vivo se encontram as ramificações as quais podemos considerar como seus efeitos mais prováveis, ou seja, seus frutos.

Resumidamente (e de forma prematura), concluo neste momento meu relato, por serem ausentes as palavras que me permitiriam traduzir tudo o que sinto e penso. No entanto, outra parte de mim assevera que transformar tudo em palavras é empobrecer o percurso que fizemos. Assim, acredito que a nem tudo devemos dar um significado inteligível, pois o mais importante, e o que nos toca realmente, fica em estado eterno, em nossas mentes e corações. Isso me faz recorrer a certos versos que cunhei há alguns anos, num momento crucial de minha vida acadêmica.

“No percurso que acabo de trilhar, quando a dúvida e o desânimo tentavam de mim se apoderar, pensava, que se Platão guiando meus passos estivesse, de pronto, não tardaria a declamar: As Coisas belas são difíceis”.

Ah! O curso foi a oportunidade que pedi aos céus e me foi dada, como ensinamento e crescimento no meu caminhar. Isso mesmo, desde o primeiro convite que foi compartilhado pela Michele Antunes (professora do Arena da Cultura – ELA), meu coração pulsou de forma mais latente, os pensamentos a mil, as emoções vibrantes, e aquela inquietação ao sentir a proposta. Nossa, através apenas do convite já estremeci, e o compasso foi se intensificando a cada etapa. E quando a porta foi aberta, recebendo a aprovação da inscrição, vibrei ainda mais. Os meus caminhos pediam esses passos, fundamentais na contribuição desse trabalho grandioso que participo na *Casa Assistencial Ana Maria do Rosário* e também para tudo o que acredito, inclusive nas minhas questões pessoais/profissionais. Vários questionamentos, e a dúvida se daria conta de tanto conteúdo e aprofundamento. E ainda mais, se isso tudo iria de encontro com minhas ações e atuações. (Será que vamos conseguir fazer isso tudo? Será que a vovó vai aprovar? Será essa a minha construção a partir de agora? Como fazer?... e muitas, muitas interrogações).

Mas a resposta era prosseguir, e ao primeiro passo dentro do módulo 1 do curso, me deparei com a primeira aula, um verdadeiro encantamento, não conseguia discernir se tudo aquilo era de fato realidade. A Clarice Libânio discorrendo sobre tudo o que sempre busquei e acredito, e com aquele toque essencial de altruísmo, contagiando para destrincharmos ainda mais saberes. E esses saberes foram diversos.

Cada espaço no curso foi uma grande oportunidade de compreender e aprendermos sobre como avaliaríamos os impactos, e a riqueza era tamanha também no material disponibilizado. Em tudo havia esse impulsionamento para o nosso melhoramento, como um desabrochar e força nos aspectos social e cultural. Enfim, quando passado o tempo teórico que foi o primeiro módulo, as minhas interrogações foram triplicadas e a vontade de ir adiante era bem maior, mas me deparei novamente com dúvidas, se iria ou não prosseguir. Eram muitas as questões a se resolver e ao meu ver o trabalho na Casa Assistencial, a partir dos estudos que aprofundamos, não era um projeto e sim um trabalho, e que não abrangeria a possibilidade de adentrarmos no módulo prático, que viria em seguida.

E mais uma vez com toda suavidade e firmeza, a Clarice me abre os olhos, junto aos colegas e professores, e uma força incrível me toma e vem em minha direção “Vai, prossiga, vocês já tem o mais importante, que é o trabalho desenvolvido há 40 anos...” e o Renato Clepf complementa abrindo o sorriso e os braços, “... o máximo que pode acontecer é vocês aprenderem algo. Mas o mais importante é o tentar”.

Quanto carinho, envolvimento e acolhimento naquelas telinhas do vídeo. A sensação que tive foi a de uma criança que quer muito andar e, sem saber como, recebe as mãos daqueles que já sabem percorrer o caminho e começa a dar o primeiro passo, e em seguida é acolhida (envolvida num colo) e guarda com toda estrutura, ensinamentos e amor. Aí não há como não aprender e mergulhar com tudo.

As ferramentas apresentadas e a forma (de e como) fazer trouxeram uma visão mais sistemática, dinâmica, organizada, possível e ao nosso alcance. Entender que parte da nossa natureza, a partir das árvores que nos projetamos em Objetivos e Problemas, e destrinchamos através do nosso olhar e análises, as possibilidades de se expandir em frutos, galhos e flores, e saber que a qualquer momento é possível podar um galho ou fazer uma enxertia, isso é incrível e divino. Impossível não aprender com essa natureza, de proximidade e olhar pra dentro e fora, em todos os lados e se organizando em ações, identificando os indicadores e todo o detalhamento de um ponto de partida possível e flexível (o Marco Lógico).

Creio que isso de fato não terá fim, e esse é apenas o começo para nos impulsionarmos juntos às ações e perspectivas do agora e do que virá. E que de fato aprendemos o como, e agora juntos seguiremos a cultivar as nossas árvores, nutrindo-as, hidratando, cuidando; e juntos e fortalecidos prosseguiremos. Gratidão imensa a essa honrosa e magnífica oportunidade, de sermos conduzidos com tanto carinho e firmeza, por profissionais e pessoas incríveis, sensíveis, humanas, experientes e muito capazes. Chega ser surreal! A cultura e nossa sociedade necessitam muitíssimo disso. Gratidão!

Ismália, Casa Assistencial Ana Maria do Rosário



O projeto *Pequenos Curiosos*, desenvolvido no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, conheceu o projeto *Favela é Isso Aí* no início de 2021. *Pequenos Curiosos* tiveram a oportunidade de rememorar sua história e melhorar seu planejamento de ações futuras, participando de atividades oferecidas pelo curso. Foram atividades que proporcionaram reflexão sobre a avaliação dos impactos das ações dos *Pequenos Curiosos* na região.

A participação no curso foi excelente. Contribuiu para o repensar das próximas ações. Contribuiu muito, durante o módulo 1, com as *lives* bem organizadas e claras, com o compartilhamento de textos e de artigos fundamentais para a ampliação do conhecimento no tema. Já no módulo 2 houve o acompanhamento direto de uma pessoa com experiência no tema, que se dispôs a discutir, levantar dúvidas e sugestões para a construção de indicadores para o projeto.

Flaviana, Pequenos Curiosos

Desafiante. Participar destas formações é sempre um processo de conhecimento e reconstrução sob outros olhares, o que nos enriquece e aumenta nosso escopo de ações. É imensamente gratificante fazer parte deste tipo de capacitação, pois podemos reavaliar integralmente nossa escrita, nossa proposta e nossas ações, sempre ampliando mais e mais nossa rede de saberes e potências de realização com outras iniciativas. Por fim, o curso nos fundamenta a avaliar da melhor forma possível o nosso desempenho e nossa forma de agir, na gestão, produção e realização da proposta.

Zildo, Os Tesoureiros

Participar da Capacitação para Avaliação de Impacto de Projetos Socioculturais teve uma importância absoluta na releitura que fizemos sobre a atuação do projeto. Por sermos um coletivo não formal, mas com membros experientes e potência de trabalho em rede e articulado, não tínhamos a dimensão sobre nossa capacidade de gerar indicadores de impacto. A partir do convite para que pudéssemos fazer esse exercício, colocamos a mão na massa e fomos ao planejamento compartilhado.

A metodologia proposta no módulo 1 foi exercitada no módulo 2 com a participação de um pequeno grupo coordenador (Patrícia, Josélia, Cassia e Luciana) onde tivemos a grata satisfação de sermos mentorados pelo Paulo Moraes, que nos instigou, questionou e inspirou de forma a ajustarmos o desenho do projeto às melhores técnicas de avaliação e indicadores. Estamos construindo os documentos e ferramentas propostas com a segurança e certeza de quem está fazendo o seu melhor.

O viés da cultura e da arte impregnado em nossas ações sociais fortalecem o entendimento de que verdadeiramente a arte salva.

Patrícia, Bordando e renovando a vida nos retalhos



A equipe da OCA agradece ao grupo da Organização Favela é Isso Aí pela capacitação fundamental na construção de instrumentos de mensuração dos impactos sociais aos projetos atendidos, que muitas vezes não dimensionam a importância de atuação nos territórios. Também a equipe agradece especialmente ao Paulo Moraes que nos acompanhou nesse módulo 2. Através dos ensinamentos adquiridos no curso será possível realizar a fase da execução do projeto *Clic@ Cidade Circo - Art(e)ducação audiovisual* com respaldo.

O Paulo foi muito atencioso com o grupo, esclareceu todas as dúvidas, a gente conseguiu entender melhor sobre os nossos indicadores, as nossas metas. Com certeza a partir desses aprendizados a gente levará para outros projetos aprovados para serem desenvolvidos durante o ano de 2021. Enfim, entendemos sobre a árvore de problemas e a estruturação do quadro lógico, foram várias técnicas fundamentais que a gente conseguiu acessar e dará qualidade no desenvolvimento dos trabalhos. Além do contato com os integrantes dos outros projetos participantes do curso que proporcionará fortalecimentos e importantes trocas de experiências.

Atylana, OCA

Realizar o curso de avaliação de impactos de projetos socioculturais, me fez ver um universo de possibilidades, ampliando minha visão de como melhorar o uso do tempo para obter melhores resultados nas ações e poder mostrar estes resultados em qualquer esfera da cadeia cultural de forma precisa, contribuindo para o diálogo mais efetivo nas esferas públicas, privadas e da comunidade e também para maior interação e fortalecimento destas parcerias.

Ana, Sagarana

O primeiro módulo do curso foi muito esclarecedor para todo o processo que iríamos vivenciar no segundo módulo. O primeiro foi teórico e com um material excelente de bibliografia e também para consulta. Material esse que certamente estará dentro dos estudos e processos de formação futuros. A possibilidade de definir e encontrar metodologias de atuação e planejamento dentro da prática, além de fortalecer a ação e sua prestação de contas, dão uma visão micro e macro do impacto e dos objetivos do projeto.

O segundo módulo foi rico na mesma intensidade, mas em outra perspectiva, com caráter mais prático e de consultoria, onde outros atores do projeto ingressaram na discussão, podemos chegar de forma prática em outras instâncias de atuação e percepções. Pudemos de forma mais objetiva discutir nossa atuação dentro de uma metodologia que estava ficando cada mais incorporada pelo grupo durante esse processo.

A participação foi de suma importância em vários os sentidos e temos ciência de que esse trabalho está começando, pois, esse processo de avaliação não é rápido ou superficial, precisamos estar atentos aos sinais, buscar as vozes e interlocução com outros atores e equipamentos públicos da região para cada vez mais poder avaliar nossa atuação.

André e Andrea, Centro de Artes e Esportes Unificados



Gostaríamos de agradecer a iniciativa da Favela é Isso Aí, que proporcionou esta capacitação e a oportunidade de conhecermos outras experiências na área cultural. Todo conteúdo repassado, mais a mentoria da Sílvia, nos ajudou a esclarecer várias dúvidas e a reescrever o projeto de forma mais organizada, contemplando indicadores de impacto e monitoramento dos resultados. Tivemos cinco encontros *online*, para readequar o projeto, considerando, além da mentoria, todo o conteúdo aprendido nas aulas e material didático disponibilizado. Participaram desta etapa, além da responsável criação do Bloco, Cláudia Magalhães, gestora do Programa Dedicção do *Mamamiga* e os gestores do Bloco Com Sagrados.

A todos que participaram desta capacitação, gestores, mentores e outros atores culturais, nossa gratidão e votos de sucesso em seus projetos socioculturais.

Mônica, Bloco Mamamiga Folia

Procuerei manter-me atenta às sugestões, dicas e demais contribuições repassadas ao longo da realização do curso, mas, talvez pelo fato do projeto não se encontrar em execução ainda, sinto que será necessário atuar de forma prática para averiguar se houve ou não assimilação do conteúdo.

Contudo, sou grata pela oportunidade de partilha e pelos momentos de escuta acerca das demandas do projeto e daquilo que as torna problemáticas, da sistematização de propostas e ideias, tendo em vista que através destas reflexões foi possível ressignificar minha visão acerca da busca pela solução dos problemas que se apresentam.

Míriam, Re-Existência Quilombola

Com o curso, as aulas da Clarice Libânio e da Flávia Botelho e a consultoria de Renato Clepf tivemos a oportunidade de sistematizar o Marco Lógico do *MudaMundo* e estabelecer um plano de ação para monitorar o projeto e criar indicadores de impacto. Por meio da metodologia proposta pelos professores, percebemos que o nosso principal desafio era exatamente a criação de indicadores de impacto. O exercício para criação do marco lógico nos obrigou a refletir sobre nossas práticas e nos trouxe ideias muito valiosas para aprimoramento do projeto. Temos certeza de que se não tivéssemos tido essa oportunidade não teríamos avançado da forma que conseguimos e não teríamos clareza dos passos que precisamos dar para medir os resultados do nosso trabalho.

Além do conhecimento indiscutível que os ministrantes do Curso têm em relação ao tema, o mais importante, na nossa opinião, é a humildade e a generosidade por compartilhar informações valiosas e, especialmente, nas horas de consultoria do módulo 2 do Curso, partilhar instrumentos e exemplos de outros projetos como inspiração para o nosso. Para construirmos um mundo melhor, precisamos de educação, de cultura e, também, de profissionais com valores como os que encontramos no Curso.

Mudar o mundo é um sonho muito grande. Mas é tão bom quando a gente encontra gente que sonha com a gente. Obrigada Clarice, Flávia, Renato, equipe do Favela é Isso Aí e do Inspire. Com tantas formiguinhas juntas, somos mais fortes!

Cristiane, MudaMundo



Pós-fácio

Os impactos da arte, de brilhos nos olhos a novos rumos de vida

Clarice Libânio

Há vários anos tenho trabalhado com a temática da arte e da cultura como ferramentas, processos e caminhos para a transformação social. Quem conhece minha trajetória sabe que sou defensora desta hipótese, não apenas por convicção, mas baseada em pesquisas, experiências próprias, escuta de outras vivências e mais de 30 anos de trabalhos realizados em vilas, favelas e periferias metropolitanas.

Ao longo de meu próprio percurso, compartilhado e traçado lado a lado com muitos outros, desenvolvi estudos como o do *Guia Cultural das Vilas e Favelas* (2004), a dissertação de mestrado *Arte, cultura e transformação social nas vilas e favelas: um olhar a partir do Grupo do Beco* (2008) e minha tese de doutorado *Reinventando o urbano: Práticas culturais nas periferias e direito à cidade* (2017), além de organizar publicações focadas na produção cultural das periferias urbanas brasileiras.

Dois dos livros que organizei merecem destaque aqui: *Arte, Cultura e Transformação Social* (2015) e *Participação e Cidadania: experiências em ação coletiva na RMBH* (2019). São cadernos de experiências, que trazem os mesmos objetivos deste que o leitor tem agora em mãos: compartilhar trajetórias, processos, ações, dificuldades, dúvidas, incertezas, sucessos, resultados e impactos.

São relatos de projetos realizados em vários territórios e com perfis muito variados. Projetos de agroecologia e sustentabilidade socioambiental; projetos de oficinas e intervenções artísticas; projetos de ação social e fortalecimento comunitário; projetos de intervenção urbana, mobilidade e ação em espaços públicos; ações compartilhadas de empoderamento juvenil, feminino; propostas de geração de trabalho e renda, de fortalecimento da economia popular e solidária e da economia criativa; ações de arte-educação como processo de

construção de uma nova cidadania, entre muitas outras experiências que enchem de alegria e esperança o coração de quem as ouve, ou as lê, neste caso.

A cada trajeto e experiência com os quais tenho contato busco identificar qual é sua contribuição para a transformação da sociedade em que vivemos. E que fique claro aqui, como costumo dizer a meus alunos dos cursos de elaboração de projetos, não há sentido em realizar nenhum projeto ou ação se este não tiver como missão alterar a situação que encontrou antes de seu início. Pode parecer óbvio, mas não é, e por isso temos que repetir a todo momento: se as coisas já estão do jeito que queremos não é preciso elaborar e implantar qualquer tipo de projeto.

John Holloway, em seu livro *Fissurar o capitalismo* (2013) já lembrava que queremos romper o mundo “de injustiça, de guerra, de violência, de discriminação (...) de bilionários e de um bilhão de pessoas que vivem e morrem na fome”, e também, além de romper, “queremos criar um mundo diferente”.

Dito isto, reafirmo que todo projeto tem a intenção de transformar a realidade onde se propõe atuar, ainda nas áreas da cultura, do social, e de sua interface com ações de cunho sociocultural. Em que direção e com quais objetivos já e outra história.

Assim, sempre me pergunto, e pergunto aos grupos que conduzem ações deste tipo: qual a diferença que vocês querem fazer com estas ações? O que querem transformar? Como querem transformar? E como vocês conseguem saber se de fato estão conseguindo atingir estes objetivos?

Em geral, apesar dos variados tipos de ação, de perfis de territórios e de públicos, as respostas são bem parecidas. Sem sombra de dúvidas os projetos trazem diferenças para aqueles que com eles se envolvem: gestores, técnicos, comunidades, beneficiários, etc. Todos eles afirmam perceber que houve mudanças, em âmbitos que vão desde a questão da elevação da autoestima, até mudanças concretas nos rumos de vida, escolhas, competências e acesso às oportunidades pelos participantes dos projetos.

Em minha tese de doutorado (LIBANIO, 2017) defendo que através do envolvimento nas práticas culturais – e aqui poderíamos estender a afirmação para os projetos socioculturais foco deste Caderno – os moradores das periferias en-

contram novas formas de expressão pessoal, social e política. Além disso, tais projetos contribuem para a geração de ativos, de diferenciais, de bagagens que favorecem a apropriação, pelos sujeitos, das oportunidades presentes nos territórios.

Estudos empíricos empreendidos nas periferias³ mostram que a partir do envolvimento dos moradores com as práticas culturais são geradas transformações em pelo menos quatro níveis distintos: pessoal, social, econômico e micropolítico, aos quais se soma um quinto nível, relacionado às mudanças na esfera territorial, na própria cidade e sua apropriação.

É claro que cada caso é um, e as transformações geradas são diretamente relacionadas aos vários tipos de projetos, seu foco, seus objetivos e ações propostas. Os resultados também variam de acordo com a duração da ação e do contexto onde esta é desenvolvida. Assim, cada projeto pode gerar resultados em um ou mais dos âmbitos descritos, não necessariamente – e raramente – em todos eles ao mesmo tempo.

Como se viu neste volume, em praticamente todos os casos relatados se observam impactos na identidade, autoestima, autorreconhecimento e construção de uma nova representação perante a si mesmo, ao outro e ao grupo. Neste primeiro nível o envolvimento nas práticas culturais transforma e gera empoderamento, dotando os sujeitos de informação e conhecimentos que ampliam seus ativos para acessar as oportunidades disponíveis nos territórios. Relatado pelos participantes como “brilhos nos olhos”, esta mudança é muitas vezes perceptível no próprio corpo dos envolvidos nos projetos, através de uma atitude mais ativa, mais segura de si, semblantes mais confiantes, até mesmo mais alegres.

A participação em projetos e movimentos culturais gera também mudanças no grupo social – família, amigos, vizinhos – e transforma a sociabilidade e formas de convivência intergruparal nas periferias. Os envolvidos em projetos e ações socioculturais passam a se relacionar com outros grupos para além do círculo imediato, ampliando seus contatos, formando novas redes e, como consequência, passam a acessar outros espaços e oportunidades. Os artistas e jovens das periferias se apropriam de outros espaços, circulam pela cidade, usam

3 Libânio 2004, 2008 e 2015.

e transitam por outros locais de troca e encontro, circulam pela universidade, frequentam eventos e outras periferias... Ao retornar para seus territórios ressignificam as relações e contribuem para a mudança do seu grupo social e/ou familiar, através de novos conceitos, experiências, informações, referências, vivências etc.

Em terceiro lugar é possível perceber também mudanças e impactos relativos à ampliação da participação, através de processos de emancipação e autonomização, numa perspectiva micropolítica. O envolvimento com as práticas culturais traz formas diferentes de mobilização comunitária, para além das esferas tradicionais, como sindicatos, associações de moradores e partidos políticos. O que se vê é a construção de novas formas de ação coletiva, através dos movimentos culturais, que contribuem para a ampliação do acesso aos direitos da cidadania e emancipação dos sujeitos. Estes casos são mais frequentes em projetos que colocam entre seus objetivos, explicitamente, a formação política e cidadã, o enfrentamento da discriminação e das violações de direitos e as ações afirmativas. Por outro lado, são pouco comuns em projetos com cunho assistencial ou focados em soluções para as demandas e carências imediatas e cotidianas de sobrevivência.

Alguns projetos focam em outro âmbito, que trabalho menos quando trato dos papéis da cultura nas periferias: a dimensão econômica, da geração de trabalho renda, de profissionalização e ampliação dos ativos dos sujeitos para o mercado de trabalho. Seja nos âmbitos comumente designados por economia da cultura (ou, mais recentemente, por economia criativa), seja na área da economia popular e solidária, ou mesmo na profissionalização para serviços pessoais e domésticos, há vários projetos que seguem esta linha de trabalho. Nestes casos, é mais comum a utilização de indicadores de impacto, na medida em que se monitora o número de pessoas empregadas, por exemplo, o aumento da renda e outros parâmetros para avaliar a efetividade das ações realizadas.

Por fim, tenho trabalhado com outra esfera de mudanças, que depende e é consequência das anteriores: a contribuição das práticas culturais e dos projetos socioculturais para o desenvolvimento territorial, para o enfrentamento da segregação socioespacial no espaço metropolitano e para a efetivação do direito à cidade. Nesta perspectiva, é preciso avaliar se e de que forma as ações

realizadas trazem mudanças em um âmbito mais coletivo, para a comunidade, para a geração de autonomias, mobilização comunitária, fortalecimento das instâncias de planejamento e decisão coletiva, entre outros indicadores mais complexos e, geralmente, compostos.

Enfrentar a segregação e reduzir vulnerabilidades no espaço urbano passa necessariamente pela emancipação, pelo fortalecimento dos sujeitos e de sua condição de intervir no próprio destino, e pela redução das distâncias sociais. De fato, um olhar para as periferias mostra que em tais territórios – onde os moradores estão “cansados de esperar que algo aconteça” – a cultura tem gerado formas não convencionais de ação e participação, feita sem apoio governamental e financiamento privado, através de ação colaborativa, de trocas e doações, configurando ações autogestionárias e potentes, que em sua própria realização ensinam a construção coletiva, a resistência e a luta por direitos.

Independente do tipo e do grau de impactos gerados pelos variados projetos – que estão relacionados a seus objetivos, contextos e linhas de ação –, é fato que todos eles necessitam avançar no monitoramento e avaliação de seus resultados. Não é mais possível permanecer apenas na esfera dos discursos, das certezas difusas e intuições sobre a importância da arte e da cultura para a transformação social.

Olhar detalhadamente para o território, construir diagnósticos participativos, pensar de forma conjunta as escalas de objetivos que se quer alcançar, propor indicadores e meios de verificação – enfim, construir um Plano de Monitoramento e Avaliação dos projetos – é hoje não apenas necessário, mas indispensável para garantir que as ações sejam efetivas e que os recursos empregados estejam sendo de fato direcionados da forma correta.

Este foi o grande objetivo do curso e deste caderno. Espero que tenha sido alcançado e que, no futuro, possamos medir seus impactos junto aos grupos e projetos que nos acompanharam nesta trajetória.



Para saber mais

Seguam as referências dos textos citados neste Caderno e outros correlatos, além de materiais utilizados no Curso que podem nortear a caminhada dos leitores interessados em também avançar no monitoramento e avaliação dos impactos de seus projetos.

Referências citadas neste livro

BEATO F. C. C. O problema dos homicídios em Belo Horizonte. Revista Brasileira de Ciências Criminais, São Paulo, SP, v.11, n.42, p.345-350, jan./mar. 2003.

BEATO, F. C. C. Estudo de caso: “Fica Vivo!” Projeto controle de homicídios em Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.nusur.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

HOLLOWAY, John. Fissurar o capitalismo. Publisher Brasil, 2013.

LIBANIO, C. A. Os papéis da cultura nas metrópoles contemporâneas. CON-FLUÊNCIAS. Revista interdisciplinar de sociologia e direito. DOSSIÊ: “Cultura, Cidades e Sociedade: crise política e resistências”, v.20, n.2, 2018. pp.88-113.

LIBANIO, C. A.. Guia Cultural das Vilas e Favelas de Belo Horizonte. 1. ed. Belo Horizonte: Clarice de Assis Libânio, 2004. v. 1. 1p . 184p.

LIBANIO, C. A.; LIBANIO, C. A.. Arte, cultura e transformação social: caderno de experiências. 1. ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2015. v. 1. 1p . 150p.

LIBANIO, C. A.; LIBANIO, C. A.. Favelas e periferias metropolitanas: exclusão, resistência, cultura e potência. 1. ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016. v. 1. 1p . 288p. Disponível em <https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/editora/>.

LIBANIO, C. A.; LIBANIO, C. A.; CESAR, N.; Josemeire Alves. Grupo do Beco e Casa do Beco: 20 anos de trajetória artística e comunitária. 1. ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016. v. 1. 1p . 224p. Disponível em <https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/editora/>.

LIBÂNIO, Clarice de Assis (org.) Guia da cidadania e identidade metropolitana na RMBH / Clarice de Assis Libânio (organizadora) - Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2018. 288 p. (série Prosa e Poesia no Morro). ISBN 978-85-60740-14-7. Disponível em <https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/editora/>.

LIBÂNIO, Clarice de Assis (org.). Periferias em rede: experiências e perspectivas / Clarice de Assis Libânio e Josemeire Alves Pereira (organizadoras) - Belo

Horizonte: Favela é Isso Aí, 2018. 288 p. (série Prosa e Poesia no Morro). ISBN 978-85-60740-13-0. Disponível em <https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/editora/>

LIBÂNIO, CLARICE. Arte, cultura e transformação social nas vilas e favelas: um olhar a partir do Grupo do Beco – Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, para obtenção do título de Mestre em Sociologia, 2008. Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Modesto.

LIBÂNIO, CLARICE. Reinventando o urbano: Práticas culturais nas periferias e direito à cidade – Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo, 2017. Orientador: Prof. Dr. Roberto Luís de Melo Monte-Mór. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AXSMXK>.

NASCIMENTO, D. M.; LIBANIO, C. A.; LIBANIO, C. A.. Ocupações urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. 1. ed. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2016. v. 1. 1p . 136p. Disponível em <https://www.favelaeissoai.com.br/mostra-diversidade-cultural/editora/>



Link para as aulas do curso

Playlist completa, com todas as aulas e mesas do Webinar

<https://YouTube.com/playlist?list=PLIIT6f2aSK8BOXC3uAjIGXIYc00Y2Fft>

Referências gerais do curso

AGUILAR, Maria José; ANDER-EGG, Ezequiel. Avaliação de serviços e programas sociais. Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

ARMANI, Domingos. Como elaborar projetos? Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2003.

BAPTISTA, Myrian Veras. Planejamento: introdução à metodologia do planejamento social. 4ª Ed. São Paulo: Moraes, 1981.

CARRASCO ARROYO, Salvador. Indicadores culturales: una reflexión. Universidad de Valencia, Econcult, 1999. Disponível em: <<http://www.uv.es/carrascos/PDF/indicadoresCult.pdf>> Acesso em: 03 jan. 2008.

CARRASCO ARROYO, Salvador. Medir la Cultura: Una tarea inacabada. Periférica, nº 7. ISSN -1577-1172, 2006.

CEPAL – Division de Desarrollo Social. Manual de Formulação e Avaliação de Projetos Sociais. PROPOSAL – Programa Conjunto Sobre Políticas Sociales para América Latina, 1997.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. Avaliação de projetos sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

COSTA MARTINS, Tiago PINTO, Maria Manuela Gomes de Azevedo. Políticas Culturais em Revista: História, escolas e movimentos dos indicadores culturais. Salvador: v. 12, n. 1, p. 329-359, jan./jun. 2019

CUELLER, Javier Peres de. Nossa diversidade criadora. Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. 2 Ed. Unesco. Papirus, 1997.

FEMP – Federación Española de Municipios y Provincias. Guía para la evaluación de las políticas culturales locales. Barcelona: Gráficas Varona, 2008.

FUKUDA PARR, Sakiko. En busca de indicadores de cultura y desarrollo: avances y propuestas, 2000. In: Informe Mundial sobre la cultura 2000-2001, Ed. UNESCO.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL. POS – Parceria com Organizações Sociais. Elaboração Maria Cecília Prates Rodrigues.

JANN, W., & WEGRICH, K. (2007). The theories of the policy cycle. In F. Fisher, G. J. Miller, & M. S. Sidney (Eds.). Handbook of policy analysis: theory, politics and methods (p. 43-62). Boca Raton: CRC Press.

LEFEVBRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACHADO, Jurema de Souza. A construção de indicadores para a cultura: entrevista com Jurema Machado. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 1, jan./abr. 2007. p.13-18.

MACHADO, Jurema de Souza. Políticas culturais ou por uma política cultural? (prefácio). In: BRANT, Leonardo (Org.). Políticas culturais. São Paulo: Manole, 2002.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Sistema de Informações e Indicadores Culturais. 2003. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_culturais/2003/

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. Revista Observatório Itaú Cultural: indicadores e políticas públicas para a cultura. São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 1, jan./abr. 2007. 63 p.

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. Revista Observatório Itaú Cultural: reflexões sobre indicadores culturais. São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 4, jan./mar. 2008. 79 p.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Projeto do Milênio das Nações Unidas 2005. Investindo no Desenvolvimento: Um plano prático para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Visão Geral.

RESENDE, Guilherme Mendes. Avaliação de políticas públicas no Brasil: uma análise de seus impactos regionais. Rio de Janeiro: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2014.

RUST, Rafael (org.), Rita Velloso, Murilo Fabel, Lucia Ciccarini, Ivana Saraiva, John Wojciechowski e Michel Veloso. Curso de políticas públicas do PDDI – RMBH, 2010 (mimeo).

SEBRAE. Apostila técnica para elaboração e gestão participativa de projetos. Elaboração Sérgio Cordioli.

SILVA RR, Brandão D. Os quatro elementos da avaliação. São Paulo: Instituto Fonte; 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TENÓRIO, Fernando Guilherme (org.) et all. Avaliação de projetos comunitários: uma abordagem prática. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

UNESCO. Guia para Monitoramento e Avaliação de Projetos Baseados em Comunidades. 2010.

UNESCO. Indicadores Unesco de cultura para el desarrollo: manual metodológico. Paris: Unesco, 2014b.

UNESCO. Libertad & creatividad: defender el arte, defender la diversidad, edición especial. Suécia: UNESCO Brasil, 2020. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373360>

UNESCO. Org: VAITSMAN, Jeni; RODRIGUES, Roberto W. S.; PAES-SOUSA, Rômulo. O Sistema de Avaliação e Monitoramento das Políticas e Programas Sociais: a experiência do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do Brasil. Brasília: UNESCO Management of Social Transformations, MDS, 2006. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001485/148514por.pdf>. Acessado em 19/9/2012

UNESCO. Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. 236 p.



YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2004

ZIVIANI, Paula. A consolidação dos indicadores culturais no Brasil: uma abordagem informacional. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Belo Horizonte: UFMG, 2008 (mimeo).





Realização

Apoio

Patrocínio



INSPIRE
INSTITUTO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Projeto executado com recursos do
FUNDO ESTADUAL DE CULTURA,
Protocolo n. 2018.12.0131/FEC



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.